

ARLINDO MILTON DRUSZCZ

**O BILINGÜISMO EM ARAUCÁRIA:**  
A INTERFERÊNCIA POLONESA NA FONOLOGIA PORTUGUESA



061891

Dissertação apresentada ao curso de  
Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Católica do Paraná,  
para obtenção do título de  
MESTRE EM LETRAS.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz  
da Veiga Mercer

CURITIBA

1983

À Noêmia,  
ao José Arlindo e  
ao João Paulo,  
motivos de alegria  
e esforço.

## HOMENAGEM PÓSTUMA

Ao Prof. Miguel Wouk, mestre  
que nos despertou o interesse  
pelos estudos lingüísticos em  
suas aulas de Filologia Româ-  
nica.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos

Aos professores José Luiz da Veiga Mercer, Geraldo Mattos, Mariano Kawka, Jayme Ferreira Bueno, Vicente de Paula Ataíde, Helvo Slomp, Orlando Bogo, Romão Wachowicz, Maria Asako Higashi e ao José Dimas Druszcz. Ao primeiro, a orientação segura e a simpática e ininterrupta presença. Aos demais, a colaboração direta ou indireta e incentivo constante emprestados ao nosso trabalho.

A todos os araucarienses que nos deram sua contribuição para que fosse possível realizar esta pesquisa.

## SUMÁRIO

LISTA DE MAPAS E QUADROS. . . . .	ix
QUADRO DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA (neste trabalho). . . . .	x
RESUMO. . . . .	xii
ABSTRACT . . . . .	xiv
STRESZCZENIE . . . . .	xvi
I - INTRODUÇÃO . . . . .	1
1. Objeto da pesquisa . . . . .	2
2. Justificativa. . . . .	3
3. Escolha do terreno . . . . .	4
4. Objetivos. . . . .	7
5. Procedimentos. . . . .	8
II- A COLÔNIA POLONESA DE ARAUCÁRIA. . . . .	11
1. Da Polônia para o Brasil . . . . .	11
1.1 A emigração polonesa: histórico . . . . .	11
1.2 A imigração polonesa para o Brasil. . . . .	13
2. A implantação de São Miguel e Tomás Coelho . . . . .	22
2.1 O Município de Araucária. . . . .	22
2.2 A fundação de São Miguel e Tomás Coelho . . . . .	26
3. As comunidades de São Miguel e Tomás Coelho. . . . .	29
3.1 Composição Étnica . . . . .	29
3.2 Cultura Tradicional . . . . .	30

3.2.1	A vida religiosa. . . . .	31
3.2.2	A vida social . . . . .	34
3.2.3	Educação. . . . .	39
3.3	Cultura Material . . . . .	43
3.3.1	Habitação . . . . .	43
3.3.2	Alimentação . . . . .	45
3.3.3	Vestuário . . . . .	46
3.3.4	Meios de Transportes e Locomoção. . .	47
3.4	Recursos Econômicos. . . . .	50
3.4.1	Indústria . . . . .	50
3.4.2	Agricultura . . . . .	51
3.4.3	Criação . . . . .	53
3.4.4	Comércio. . . . .	54
III-O CONTACTO DAS LÍNGUAS. . . . .		56
1.	Quadro Teórico. . . . .	56
1.1	Aculturação. . . . .	56
1.2	A Interação Lingüística. . . . .	57
1.3	Fatores de Preservação e de Inovação . . . .	58
1.4	Bilingüismo. . . . .	59
1.4.1	Características Externas. . . . .	61
1.4.2	Características Internas. . . . .	65
1.4.3	Interferência e suas relações com as condições do indivíduo e do contexto sócio-cultural. . . . .	67
1.4.4	Ordens de Interferência . . . . .	72
2.	A Situação Lingüística da Colônia Polonesa de A- raucária. . . . .	73
2.1	Visão Geral do Uso das Línguas Portuguesa e Polonesa . . . . .	73

2.2	Interferência Gramatical. . . . .	84
2.2.1	Ordem. . . . .	85
2.2.2	Concordância e Regência. . . . .	87
2.2.3	Gênero . . . . .	91
2.2.4	Determinação . . . . .	95
2.3	Interferência Lexical . . . . .	96
2.4	Interferência Semântica . . . . .	97
2.5	Interferência Fonológica. . . . .	99
3.	Estudo da Interferência Fonológica do Polonês so-	
	bre o Português. . . . .	100
3.1	Quadro Teórico da Interferência Fonológica. .	101
3.2	Comparação dos Sistemas Fonológicos . . . . .	104
3.2.1	Vocalismo . . . . .	105
	a - quadro das vogais do polonês. . . . .	105
	1. Diagramema e Diagrama. . . . .	105
	2. Representação Ortográfica. . . . .	106
	3. Observações. . . . .	107
	b - Quadro de Vogais no Português . . . . .	108
	1. Diagramema . . . . .	108
	2. Diagrama . . . . .	108
	c - Diferenças - expectativas de difi-	
	culdades. . . . .	109
3.2.2	Consonantismo . . . . .	110
	a - Quadro das Consoantes do Polonês. . . . .	110
	1. Diagramema . . . . .	110
	2. Diagrama . . . . .	111
	3. Representação Ortográfica. . . . .	112
	b - Quadro das Consoantes do Português. . . . .	113
	1. Diagramema . . . . .	113

2. Diagrama . . . . .	114
c - Diferenças - expectativas de difi- culdades. . . . .	115
3.3 Análise dos Dados . . . . .	116
3.3.1 Interferências no Vocalismo. . . . .	116
3.3.2 Interferências no Consonantismo. . . . .	125
3.3.3 Influência do Caboclo. . . . .	134
3.3.3.1 Vocalismo . . . . .	134
3.3.3.2 Consonantismo . . . . .	135
3.4 Conclusões. . . . .	136
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .	138
NOTAS DE REFERÊNCIA. . . . .	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . . . .	147

## LISTA DE MAPAS E QUADROS

Mapa da Polônia. . . . .	10
Mapa do Brasil (pontos de núcleos poloneses) . . . . .	12
Mapa do Paraná . . . . .	20
Mapa da Região Metropolitana de Curitiba . . . . .	21
Mapa de Araucária. . . . .	25
Quadro da População de São Miguel - Tomás Coelho em 1877 .	29
Quadro das Escolas em Araucária em 1937. . . . .	41

Quadro de Transcrição Fonética (neste trabalho)

A - VOGAIS

/ A / - sala

/ a / - sala

/ ã / - manta

/ e / - caneta

/ ã / - dente

/ E / - teto

/ i / - menino, fito

/ ĩ / - finto

/ I / - fitar

/ ĩ / - fintar \*Em polonês / I / = inglês "it" / It /.

/ o / - bolo

/ õ / - ontem

/ O / - bola

/ u / - urso

/ ũ / - nunca

/ y / - pai - semivogal

/ w / - pau - semivogal

B - CONSOANTES

- / p / - pé  
/ b / - bola  
/ t / - teto  
/ d / - dedo  
/ k / - casa  
/ g / - gato  
/ f / - fera  
/ v / - vestido  
/ s / - selo  
/ z / - zelo  
/ <sup>ʎ</sup>s / - chave  
/ <sup>ʎ</sup>z / - jã  
/ ts / - tzar  
/ t<sup>ʎ</sup>s / - tio (africado)  
/ d<sup>ʎ</sup>z / - dia (africado)  
/ h / - inglês house  
pol. kocham  
/ m / - mão  
/ n / - não  
/ l / - leão  
/ <sup>ʎ</sup>l / - molhar  
/ r / - caro  
/ r̄ / - carro (vibrante)  
/ ñ / - montanha

## RESUMO

Esta pesquisa de campo estuda o bilingüismo no que se refere à interferência fonológica, levando em consideração as circunstâncias em que ocorre, quando da aquisição da segunda língua, o português, pelos descendentes de poloneses de Araucária.

Limitou-se o termo geral - aquisição da segunda língua a uma análise da interferência da língua primeira, a polonesa, em alguns casos específicos e problemáticos do português, sobressaindo / r / - /  $\bar{r}$  / , /  $\bar{n}$  / - n + i / , /  $\bar{l}$  / - / l + i / , /  $\bar{a}$  / - /  $\bar{a}$  / , /  $\bar{aw}$  / - /  $\bar{aw}$  / ou /  $\bar{o}$  / , / z / - /  $\bar{z}$  / , etc.

Para o levantamento de dados, utilizaram-se gravações e observações assistemáticas. As gravações foram feitas mediante entrevistas, realizadas ora sem objetivar ou direcionar respostas, ora estimulando informações específicas dos entrevistados, tal como "Fale sobre ...", "Conte sobre ...", "Conte uma história ... uma caçada ... uma pescada ...".

Foram entrevistados jovens e adultos de Araucária, moradores nas colônias de São Miguel-Tomás Coelho, Rio Verde, Costeira, Estação, Colônia Cristina e também na sede.

Uma vez identificados os dados, procurou-se cotejar o português e o polonês, buscando provar e avaliar as hipóteses. Pôde-se concluir que:

## RESUMO

Esta pesquisa de campo estuda o bilingüismo no que se refere à interferência fonológica, levando em consideração as circunstâncias em que ocorre, quando da aquisição da segunda língua, o português, pelos descendentes de poloneses de Araucária.

Limitou-se o termo geral - aquisição da segunda língua a uma análise da interferência da língua primeira, a polonesa, em alguns casos específicos e problemáticos do português, sobressaindo / r / - /  $\bar{r}$  / , /  $\bar{n}$  / - n + i / , /  $\bar{l}$  / - / l + i / , /  $\bar{a}$  / - / á / , /  $\bar{aw}$  / - / áw / ou /  $\bar{o}$  / , /  $\bar{z}$  / - /  $\bar{z}$  / , etc.

Para o levantamento de dados, utilizaram-se gravações e observações assistemáticas. As gravações foram feitas mediante entrevistas, realizadas ora sem objetivar ou direcionar respostas, ora estimulando informações específicas dos entrevistados, tal como "Fale sobre ...", "Conte sobre ...", "Conte uma história ... uma caçada ... uma pescada ...".

Foram entrevistados jovens e adultos de Araucária, moradores nas colônias de São Miguel-Tomás Coelho, Rio Verde, Costeira, Estação, Colônia Cristina e também na sede.

Uma vez identificados os dados, procurou-se cotejar o português e o polonês, buscando provar e avaliar as hipóteses. Pôde-se concluir que:

1. as mulheres cometem mais "erros" por terem menos ocasões de contacto com o português;
2. os mais velhos cometem mais "erros" que os jovens por não terem desfrutado de tanta facilidade para o contacto como estes têm tido atualmente;
3. quanto maior a instrução, menos os "erros";
4. quanto maior o contacto através das ocupações e atividades profissionais, menos os "erros";

Concluiu-se que o contacto maior ou menor, após 100 anos de imigração, é o fator mais importante para a aquisição de maior ou menor competência na fonologia do português por parte do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária, descendente dos aqui chegados em 1876.

Frise-se, outrossim, que muitos de seus "erros" são herdados do português que lhes foi transmitido pelo falante brasileiro não instruído, pelo caboclo, representante de uma forma de português de pouco prestígio.

1. as mulheres cometem mais "erros" por terem menos ocasiões de contacto com o português;
2. os mais velhos cometem mais "erros" que os jovens por não terem desfrutado de tanta facilidade para o contacto como estes têm tido atualmente;
3. quanto maior a instrução, menos os "erros";
4. quanto maior o contacto através das ocupações e atividades profissionais, menos os "erros";

Concluiu-se que o contacto maior ou menor, após 100 anos de imigração, é o fator mais importante para a aquisição de maior ou menor competência na fonologia do português por parte do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária, descendente dos aqui chegados em 1876.

Frise-se, outrossim, que muitos de seus "erros" são herdados do português que lhes foi transmitido pelo falante brasileiro não instruído, pelo caboclo, representante de uma forma de português de pouco prestígio.

## ABSTRACT

This field research studies the bilingualism concerning the phonemic interference regarding the circumstances in which they occur, when Poles and their descendants in Araucária look for the second language acquisition.

The general term - second language acquisition - was restricted to an analysis of interference from Polish, the first language, into some specific and problematical Portuguese cases, standing out / r / e / r̄ / , / ã / e / â / , / ãw / e / õ / , / l + i / / e / ĩ / , / ñ / e / n + i / .

In order to collect the data, were used records and asystematic observations. The records were made by means of interviews without intentional direction or with some stimulation as "Tell me about...", "Tell me a story...", "Tell me a hunt ...or a whiting...".

Some young men and adults were interviewed. They live in Araucária settlements: São Miguel, Tomás Coelho, Rio Verde, Costeira and Cristina.

After the data had been analysed, we tried to correlate the Portuguese and the Polish phonemes in order to test and to estimate the hypotheses.

Then we can deduce that:

1. The women make more mistakes because they have less contact with Portuguese.
2. Older people make more mistakes than younger people

## ABSTRACT

This field research studies the bilingualism concerning the phonemic interference regarding the circumstances in which they occur, when Poles and their descendants in Araucária look for the second language acquisition.

The general term - second language acquisition - was restricted to an analysis of interference from Polish, the first language, into some specific and problematical Portuguese cases, standing out / r / e /  $\bar{r}$  / , /  $\tilde{a}$  / e /  $\tilde{a}$  / , /  $\tilde{aw}$  / e /  $\tilde{o}$  / , / l + i / / e /  $\check{l}$  / , /  $\tilde{n}$  / e / n + i / .

In order to collect the data, were used records and asystematic observations. The records were made by means of interviews without intentional direction or with some stimulation as "Tell me about...", "Tell me a story...", "Tell me a hunt ... or a whiting...".

Some young men and adults were interviewed. They live in Araucária settlements: São Miguel, Tomás Coelho, Rio Verde, Coiteira and Cristina.

After the data had been analysed, we tried to correlate the Portuguese and the Polish phonemes in order to test and to estimate the hypotheses.

Then we can deduce that:

1. The women make more mistakes because they have less contact with Portuguese.
2. Older people make more mistakes than younger people

because they began to learn Portuguese at a later age and had less facilities to do it.

3. The higher the education, lower the mistakes.
4. The higher the contact by means of professional activities, lower the mistakes.

The conclusion reached was that, after 100 (one hundred) years of the Polish immigration, the higher or lower contact is the most important factor in the acquisition of the Portuguese phonetic competence by the bilingual Polish in Araucária, descendant from who that here arrived in 1876.

We must emphasize once more that many of these mistakes are come from Portuguese language passed on to the immigrants by the untaught Brazilian country - man speaker (mestizo of Indian and white blood) representer of a less of prestige Portuguese speech.

because they began to learn Portuguese at a later age and had less facilities to do it.

3. The higher the education, lower the mistakes.
4. The higher the contact by means of professional activities, lower the mistakes.

The conclusion reached was that, after 100 (one hundred) years of the Polish immigration, the higher or lower contact is the most important factor in the acquisition of the Portuguese phonetic competence by the bilingual Polish in Araucária, descendant from who that here arrived in 1876.

We must emphasize once more that many of these mistakes are come from Portuguese language passed on to the immigrants by the untaught Brazilian country - man speaker (mestizo of Indian and white blood) representer of a less of prestige Portuguese speech.

## STRESZCZENIE

Przedmiot zainteresowania niniejszej pracy stanowi dwujęzyczność z punktu widzenia naleciałości fonologicznych, biorąc pod uwagę okoliczności w których one występują podczas przyswajania sobie drugiego języka, w tym wypadku portugalskiego, przez potomków emigrantów polskich w Araukarii (stan Paraná, Brazylia).

Ogólne oznaczenie "przyswajania sobie drugiego języka" ograniczono do analizy naleciałości pierwotnego języka, tzn. polskiego, na język portugalski w niektórych specyficznych i problematycznych wypadkach, z wyróżnieniem opozycji fonetycznych / r̄ / - / r /, / r / - / r̄ /, / ñ / - / ni /, / ʎ / - / li /, / ã / - / a /, itp.

Do zbioru danych zastosowano nagrania i badania nie systematyczne. Nagrania wykonano poprzez wywiady zastosowane już to bez celów umyślnie zamierzonych, już to pobudzając wypowiedzi informantów: "opowiedz o ...; opowiedz wydarzenie ...; opowiedz o polowaniu ...; ... o połowie ryb...".

Przeprowadzono wywiady z młodzieżą i z osobami dorosłymi w Araukarii, wśród mieszkańców kolonii São Miguel, Tomás Coelho, Rio Verde, Costeira i Colônia Cristina.

Po zidentyfikowaniu danych, próbowano porównania języka portugalskiego i polskiego celem sprawdzenia i oceny hipotez. Można było wywnioskować, że:

## STRESZCZENIE

Przedmiot zainteresowania niniejszej pracy stanowi dwujęzyczność z punktu widzenia naleciałości fonologicznych, biorąc pod uwagę okoliczności w których one występują podczas przyswajania sobie drugiego języka, w tym wypadku portugalskiego, przez potomków emigrantów polskich w Araukarii (stan Paraná, Brazylia).

Ogólne oznaczenie "przyswajania sobie drugiego języka" ograniczono do analizy naleciałości pierwotnego języka, tzn. polskiego, na język portugalski w niektórych specyficznych i problematycznych wypadkach, z wyróżnieniem opozycji fonetycznych / r̄ / - / r /, / r / - / r̄ /, / ñ / - / ni /, / ʎ / - / li /, / ã / - / a /, itp.

Do zbioru danych zastosowano nagrania i badania nie systematyczne. Nagrania wykonano poprzez wywiady zastosowane już to bez celów umyślnie zamierzonych, już to pobudzając wypowiedzi informantów: "opowiedz o ...; opowiedz wydarzenie ...; opowiedz o polowaniu ...; ... o połowie ryb...".

Przeprowadzono wywiady z młodzieżą i z osobami dorosłymi w Araukarii, wśród mieszkańców kolonii São Miguel, Tomás Coelho, Rio Verde, Costeira i Colônia Cristina.

Po zidentyfikowaniu danych, próbowano porównania języka portugalskiego i polskiego celem sprawdzenia i oceny hipotez. Można było wywnioskować, że:

1. kobiety popełniają więcej "błędów", ponieważ mają mniej okazji do kontakty z portugalskim;

2. starsi popełniają więcej "błędów" niż młodzi, ponieważ nie mieli sposobności do takich okazji kontaktu, jakie mieli ostatnio młodzi;

3. ozym wyższy stopień wykształcenia, tym mniej "błędów";

4. czym więcej kontaktów poprzez zajęcia i działalność zawodową, tym mniej "błędów".

Wywnioskowano, że większy lub mniejszy stopień kontaktu, po stu latach emigracji, jest najważniejszym czynnikiem do zdobycia większej lub mniejszej kompetencji fonologicznej języka portugalskiego ze strony jednostek dwujęzycznych pochodzenia polskiego, potomków emigrantów tutaj przybyłych w 1876 r..

Należy podkreślić, również, że dużą ilość "błędów" nabyli od języka portugalskiego, który im przekazano przez Brazili-  
jczyków nie wykształconych, tzw. "caboclos" (Metysów),  
przedstawicieli formy języka portugalskiego o niskim prestiżu.

1. kobiety popełniają więcej "błędów", ponieważ mają mniej okazji do kontakty z portugalskim;

2. starsi popełniają więcej "błędów" niż młodzi, ponieważ nie mieli sposobności do takich okazji kontaktu, jakie mieli ostatnio młodzi;

3. ozym wyższy stopień wykształcenia, tym mniej "błędów";

4. czym więcej kontaktów poprzez zajęcia i działalność zawodową, tym mniej "błędów".

Wynioskowano, że większy lub mniejszy stopień kontaktu, po stu latach emigracji, jest najważniejszym czynnikiem do zdobycia większej lub mniejszej kompetencji fonologicznej języka portugalskiego ze strony jednostek dwujęzycznych pochodzenia polskiego, potomków emigrantów tutaj przybyłych w 1876 r..

Należy podkreślić, również, że dużą ilość "błędów" nabyli od języka portugalskiego, który im przekazano przez Brazili-  
jczyków nie wykształconych, tzw. "caboclos" (Metysów),  
przedstawicieli formy języka portugalskiego o niskim prestiżu.

## I - INTRODUÇÃO

Os poloneses do Brasil têm sido objeto de estudo para autores poloneses e brasileiros, de origem polonesa ou não. Tais trabalhos, no entanto, em sua maioria, têm se limitado à história, à sociologia e à literatura. Quanto à língua trazida pelos imigrantes poloneses e à por eles adotada como língua segunda - a portuguesa - é bem menor o número de estudos, e, quando aconteceram, lastimam a "deturpação" da língua polonesa falada no Brasil ou comentam os "erros" do imigrante polonês ao falar a língua portuguesa.

## 1. OBJETO DA PESQUISA

Com o presente trabalho, visamos a analisar a língua portuguesa falada pelo bilíngüe polono-brasileiro, as transformações que ela sofreu por influência da língua polonesa e/ou por assim ter sido transmitida pelos caboclos, em fase de bilíngüismo.

Entendemos que não se pode falar propriamente em "erros", mas em dificuldades de adaptação entre as duas estruturas linguísticas.

Limitamos o campo de trabalho às interferências fonológicas, apenas citando outros tipos de interferências, assim como, geograficamente, restringimo-nos ao município de Araucária PR, buscando dados em algumas de suas atuais colônias: São Miguel, Tomás Coelho, Rio Verde, Costeira, Colônia Cristina, Estação.

## 2. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A idéia de desenvolver um trabalho desta natureza surgiu, de início, do interesse que sempre tivemos pelo assunto, trabalhando com o Prof. Miguel Wouk.

Nossa condição de descendente de poloneses, envolvido em situações bilíngües, foi também circunstância motivadora dessa preocupação com a comunidade polonesa.

São fartos os trabalhos sobre a história da imigração polonesa: sua adaptação ao meio, suas lutas com o clima, com a terra, com a gente, suas conquistas culturais, políticas, educacionais, etc.

Por serem escassos os trabalhos referentes à sua adaptação lingüística, queremos contribuir para que não se percam dados indispensáveis à compreensão global dos problemas sociolingüísticos nas áreas de colonização estrangeira. É um campo vasto, mas carente de mais estudos.

Limitamos o terreno a Araucária - e, neste município, a algumas de suas colônias - por ser um exemplo ainda bem significativo, embora a industrialização e o afluxo de outros tipos humanos e etnias tendam a apagar paulatinamente seus traços característicos de polonidade.

Não excluimos, de modo algum, a possibilidade de pesquisa nas várias outras localidades em que os poloneses se estabeleceram. Não exaurimos a matéria. Aliás, seria interessante estabelecerem-se comparações e levantarem-se semelhanças e/ou diferenças.

### 3. ESCOLHA DO TERRENO

A presença do imigrante polonês tem marcado Araucária desde 1876.

No local chamado São Miguel - Tomás Coelho - a 5 quilômetros da sede - estabeleceram-se os primeiros imigrantes, provindos de Santa Catarina. Cada família recebeu seu lote de terra e prosperou. Seus filhos e netos, foram conquistando mais espaço, formando novas colônias, inclusive em outros municipios do Paraná (Contenda, Irati, Lapa, Quitandinha, Mandirituba, São José dos Pinhais, etc.).

Araucária foi a raiz de toda essa região próxima da capital. Seus habitantes, descendentes de imigrantes poloneses, conservam, em sua grande maioria, hábitos herdados de seus antepassados no trabalho da terra, nos costumes, na religião, na sociedade, no tipo de habitação e, principalmente, no modo de se expressar na fala.

Há grande número de representantes legítimos de situações de bilingüismo e de diglossia.

Embora provenientes de regiões diferentes da Polônia, ocupada e dividida entre a Áustria, a Rússia e a Alemanha, as famílias atuais apresentam grande uniformidade quanto ao modo de falar a língua portuguesa, numa adaptação quase homogênea. A assimilação da língua portuguesa tem sido lenta, fato até esperado pelas circunstâncias em que ocorreu a imigração. Seus falantes bilíngües admitem que devem falar português; porém, mantêm a língua polonesa, especialmente no relacionamento familiar e com amigos e conhecidos.

Portanto, escolhemos Araucária como terreno do presente trabalho, levados por circunstâncias favoráveis sob alguns aspectos, tais como:

1. é o lugar de maior concentração da comunidade polono-brasileira da periferia de Curitiba;
2. a data de colonização de Araucária, torna-a o local mais antigo da imigração do Paraná;
3. a proximidade de Araucária da capital, Curitiba, acarreta interferências mais freqüentes, profundas e eliminadoras das características polonesas no linguajar e demais costumes;
4. há relativa homogeneidade da população quanto à origem e dialeto - (dialeto MAZUR);
5. há um sentido de preservação da língua polonesa, embora tendendo mais e mais à absorção total pela língua segunda (portuguesa);
6. o fato de ainda haver uma situação de bilingüismo em processo acelerado de desaparecimento, pelo advento de migrantes de vários pontos do Brasil em busca do trabalho ofertado pela industrialização de Araucária, assim como pelo desaparecimento de gerações mais fiéis à polonidade.
7. a nossa condição de araucariense, descendente de poloneses.

Como se vê, a língua polonesa em Araucária, tende a ser abandonada e absorvida. Como toda língua - elo fundamental de unidade nacional e étnica - perderá os motivos que a mantive-

ram viva entre os descendentes poloneses.

Assim apresentou-se uma oportunidade histórica de se fazer "in loco" um trabalho lingüístico, singular, embora limitado; além dos motivos citados, frise-se o natural interesse por nossa terra e origem.

Delimitamos, por conseguinte, o terreno a Araucária e, nela, a algumas de suas colônias, por ser um exemplo típico e bastante significativo da colonização polonesa no Brasil.

#### 4. OBJETIVOS

Os imigrantes e seus descendentes de Araucária encontraram-se numa situação que os obrigou à adaptação às novas condições de vida. Entre outras, a mais difícil foi a da língua. A língua polonesa por eles usada afastou-se do polonês padrão, assumindo características especiais de um novo dialeto<sup>1</sup>. A língua portuguesa à qual tiveram que se adaptar, porém, também assumiu aspectos que revelam o falante polono-brasileiro.

O trabalho que tencionamos fazer objetiva exatamente a segunda situação: o português falado pelo bilíngüe polono-brasileiro de Araucária. Queremos encontrar evidências sobre em quê e como a língua polonesa interfere na produção lingüística do referido falante.

Pretendemos, ainda, mostrar que as interferências na língua portuguesa padrão são fruto, muitas vezes, do linguajar que o cabóclo transmitiu ao imigrante e não da estruturada língua polonesa, especificamente na fonologia.

Desejamos assinalar também, como professor, que o objetivo propulsor de todo o trabalho é conhecer os porquês das dificuldades de muitos de nossos alunos de descendência polonesa e, assim sendo, criar condições de maior facilidade na aprendizagem, adaptação e assimilação da língua portuguesa.

## 5. PROCEDIMENTOS

Não é possível fazer um estudo de uma língua sem levar em consideração o ambiente em que ela é usada. Isto é sobremaneira válido para o tema central deste trabalho: a fonologia.

A pesquisa sobre a interferência que o polonês exerce sobre o português do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária não pode se desligar da situação histórica em que se realizou. É impossível isolar a linguagem do meio.

Por isto, a presente pesquisa não se limita a fatos linguísticos, mas procura igualmente aclarar os ângulos históricos, sociais e culturais do imigrante polonês, bem como os motivos de sua vinda ao Brasil e as circunstâncias que fizeram de Araucária seu centro no Paraná.

Para tal objetivo, usamos livros e - sobretudo na parte de observação da fonologia - gravações feitas com várias pessoas do interior de Araucária: em São Miguel, Tomás Coelho, Rio Verde, Costeira, Colônia Cristina e Estação. Na maioria das vezes, as gravações foram feitas assistematicamente, deixando que o informante falasse à vontade. Outras vezes, buscou-se estimular a entrevista, direcionando-a, com "Fale sobre ...", "Conte um(a) ...", "Diga o que o senhor (a senhora) (você) acha ...".

Feitas as gravações, passamos a transcrever apenas os fatos linguísticos que se destacaram fonologicamente como realmente estranhos ao português e nele inseridos por influência do polonês. Logo percebemos que nem toda interferência tem explicação nas diferenças estruturais das línguas polonesa e portuguesa.

Feita a transcrição fonética, reunimos os dados em listas, de acordo com o tipo de interferência, observando no entanto, que algumas interferências traíam a presença da fonologia portuguesa adulterada pelo caboclo, que assim a transmitira ao imigrante polonês.

Reafirmamos que nosso objetivo é tentar explicar o porquê dos considerados "erros" fonológicos do bilíngüe polono-brasileiro no uso da língua portuguesa - com algumas observações a respeito das interferências na gramática, no léxico e na semântica.

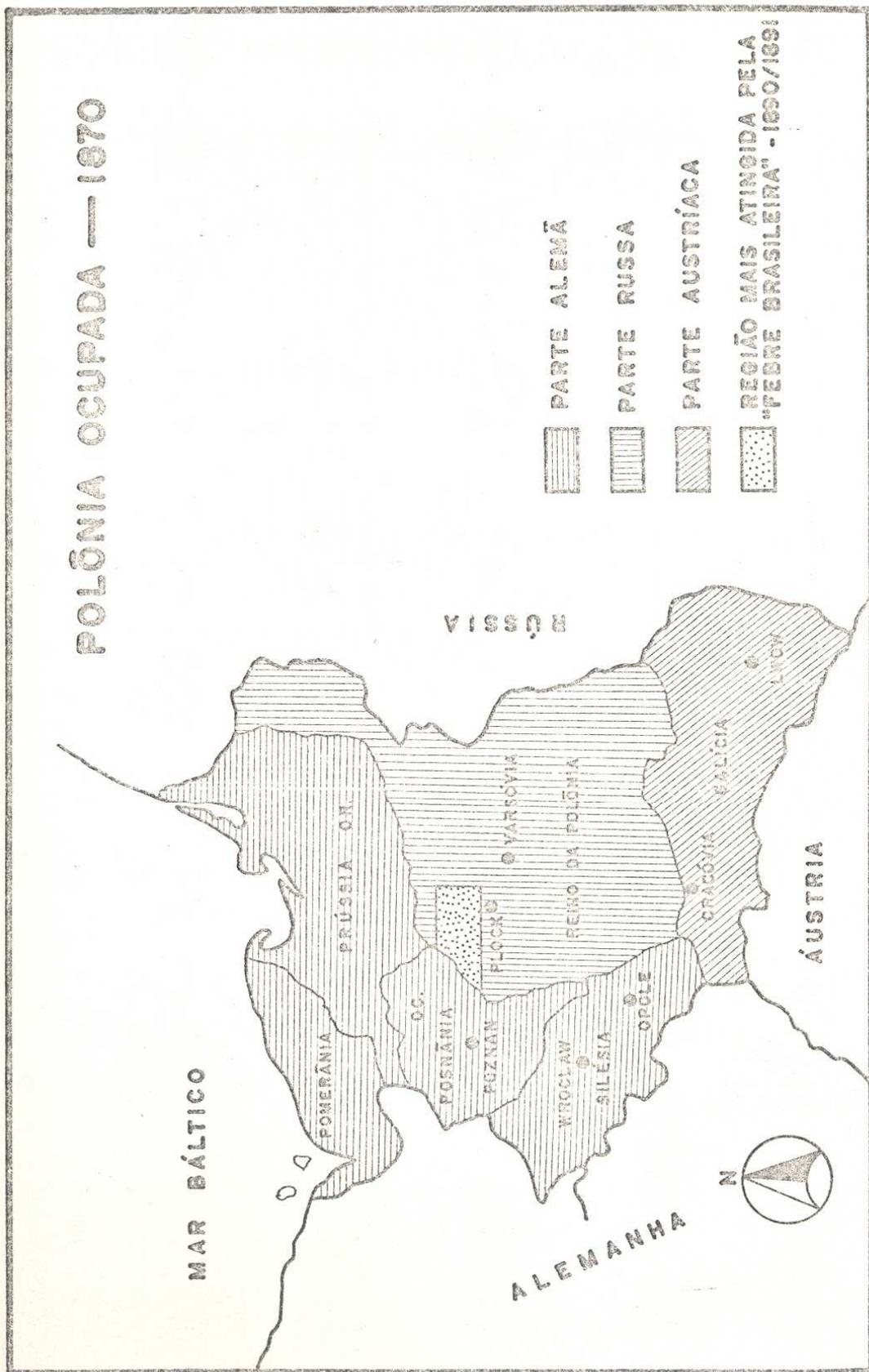
Estamos conscientes de que não exaurimos nem solucionamos a situação de modo cabal e definitivo. As falhas, atribuímo-las às nossas limitações.

Ficamos recompensados por haveremos contribuído para que mais essa realidade lingüística fosse colocada em foco: o bilingüismo polono-português de Araucária.

\* Por motivo de comodidade, algumas vezes se designou a língua materna por língua A e a língua segunda, por língua B.

MAPA I

POLÓNIA OCUPADA — 1870



## II - A COLÔNIA POLONESA DE ARAUCÁRIA

### 1. DA POLÔNIA PARA O BRASIL

#### 1.1 A emigração polonesa: histórico

Na metade do século XIX, as condições de vida na Polônia eram difícilíssimas, especialmente para o camponês. As campanhas sistemáticas de governos estrangeiros para tirar-lhe a propriedade da terra, as perseguições contra sua língua e cultura, o sistema agrário caótico, tudo o força a buscar na emigração a saída salvadora.

Verificam-se assim, de início, as emigrações periódicas para territórios vizinhos e, posteriormente, a emigração para a América, especialmente para os Estados Unidos e Brasil.

Nesses países, os poloneses encontraram acolhida, liberdade de religião, liberdade de associação, assim como grandes possibilidades de uma nova vida econômica, sem precisarem abandonar sua língua e costumes, como veremos em mais detalhes no item seguinte.

## MAPA II

## BRASIL — "FEBRE BRASILEIRA" — 1890

90.000 IMIGRANTES



\* 15% — SC, ES, SP, MG

## 1.2 A imigração polonesa para o Brasil

Quem são as pessoas que servem de objeto ao presente estudo? De onde vieram? Por que vieram? Como vieram?

Os imigrantes poloneses, aportados no Brasil, provinham especialmente da Galícia Polonesa, região meridional da Polônia, ao norte dos Cárpatos (Cracóvia, Lwow, Tarnopol, Stanislawow). Pertenceu ao império austro-húngaro e, em 1939, foi dividida entre alemães e russos. Após a 2a. guerra mundial, a parte oriental voltou à Rússia, passando a fazer parte da Ucrânia.

A sociedade polonesa tinha passado há pouco tempo pela desagregação da economia agrária, baseada na servidão, em pleno processo de adaptação à economia capitalista. Não suportava as campanhas sistemáticas que os governos estrangeiros realizavam para tirar-lhe a posse da terra, a liberdade e a independência em todos os setores.

Esses fatores facilitaram a imigração orientada para o Brasil, sobretudo a daqueles camponeses que ansiavam pela posse de terra. Por isso, levamos em consideração a caracterização da população camponesa que imigrou, o meio que o imigrante encontrou no Brasil e sua integração na sociedade de adoção.

Foi de uma Europa arcaica e atrasada que partiram os imigrantes camponeses em direção às terras brasileiras.

A população caracterizava-se como fornecedora de mão-de-obra agrícola. Sua situação era difícilíssima e procurava mino-  
rá-la através da migração sazonal para outros territórios e, a partir de 1854, através da imigração para as Américas.

Sob o domínio prussiano, o camponês sentia a diferença com relação ao grande proprietário, muitas vezes alemão ou ger

mânico, através da língua. O polonês caracterizava-se como sendo a língua das classes proletárias, notadamente agrícolas, enquanto o alemão era falado preferencialmente pelas classes mais elevadas. Entretanto, se a língua falada era fator de separação de classe, passou a ser, com o advento da migração sazonal, elemento de aproximação entre as massas camponesas dos três domínios na Polônia (prussiano, alemão e russo).

Segmentos do campesinato, base de toda emigração polonesa, devido ao seu baixo nível cultural, não demonstravam em terras de imigração possuir uma consciência nacionalista suficientemente desenvolvida. Os mais socializados e instruídos, em geral, eram imigrantes de caráter político. Quem mais imigrava era o povo miúdo, especialmente das aldeias mais isoladas e conservadoras. Tudo isto deve ser levado em conta, pois só assim ter-se-á uma visão da sua situação de bilíngüe. Embora não contasse com uma formação universitária, em questões práticas o camponês possuía uma perspicácia aguda. Uma de suas características fundamentais é o comportamento arreado e quase anti-social, determinando um familiarismo moral, envolto por um "ethos" pessimista e cinicamente racional. O fato de pessoas usufruírem de condição social superior à sua era suficiente para que ele as repelisse intimamente e deixasse de confiar em suas palavras. Há, ainda hoje, em muitos casos, reflexos desta atitude. Fazendo gravações, encontramos quem dissesse: "Esse não é um 'vigarista' da 'rocária' (=, Araucária, isto é, da sede do Município)?"

A imigração individual, isolada, era feita por pessoas mais arejadas, que davam preferência aos Estados Unidos.

A imigração grupal manifestou-se mais nas comunidades isoladas e conservadoras, com menor contato com o mundo exterior, e, portanto, mais atrasadas. Estas é que forneceram a maior parte dos imigrantes que vieram para o Brasil. Escolhiam este país pelo fato de ele oferecer terra em abundância para a agricultura e, a partir de 1890, inclusive transporte marítimo gratuito. Além disso, o Brasil financiava a própria fixação do imigrante no lote escolhido na colônia. Desta forma, o imigrante que vinha para o Brasil o fazia pensando em continuar na profissão de agricultor e tornar-se proprietário de áreas. Segundo os padrões agrários poloneses, os lotes distribuídos pelo governo brasileiro eram grandes propriedades.

Duas categorias de camponeses poloneses deram preferência à imigração para o Brasil:

1. os "chalupniki" - pequenos proprietários
2. os "komorniki" - arrendatários.

Em suma, eram as massas camponesas e proletárias que imigravam, legítimos representantes de uma Europa oprimida e subdesenvolvida. Era a Europa atrasada e semi-senhorial que se manifestava, pouco conhecida do resto do mundo, pois só se exaltavam as maravilhas que a revolução industrial proporcionava. Esta outra Europa, porém, existia e fazia sentir sua existência protestando através da imigração.

Os imigrantes poloneses eram, portanto, fundamentalmente aldeões e surpreendiam-se ao encontrarem no Brasil um grande número de outros imigrantes, das mais variadas nacionalidades. Sentiam-se partícipes e solidários na nova terra, expressando suas impressões através do prisma da natureza, do clima,

da vegetação, do reino animal, da terra em si.

Assim, obrigada pelas circunstâncias, especialmente as político-econômicas, já em 1869 - salvo casos isolados anteriores<sup>2</sup> - chega ao Brasil a primeira leva de imigrantes poloneses, radicando-se em Blumenau-SC, segundo "Memórias de Edmundo Sebastião Woś Saporski, considerado o "Pai da Imigração Polonesa no Brasil":

*A imigração polonesa data no Brasil do ano de 1869, quando 16 famílias vieram, a bordo do vapor "Victoria" para o porto de Itajaí, Santa Catarina. Essas famílias, com 78 pessoas, foram estabelecidas na Colônia Brusque, na linha Sixteen Lots, abandonada pelos irlandeses. No ano seguinte, vieram mais 16 famílias, da parte da Silésia ocupada pela Prússia... Estas deveriam estabelecer-se no Paraná, às margens do rio Iguaçú. Mas, não esperando que a colônia fosse aberta, dirigiram-se para Hamburgo, donde os agentes alemães as encaminharam para Santa Catarina.*<sup>3</sup>

Os primeiros imigrantes poloneses que chegaram ao Paraná, em 1871, eram procedentes de Santa Catarina. Localizaram-se nas colônias de Pilarzinho e Abranches, hoje bairros de Curitiba.

Desde então, foi muito grande o número de poloneses que vieram para o Estado do Paraná, tendo duas fases de apogeu:

1. 1890 a 1896 = 28.000 imigrantes.
2. 1907 a 1914 = 27.000 imigrantes.

Atualmente, os poloneses estão espalhados por quase todos os municípios do Paraná, atingindo, de acordo com a estatística do Prof. Mariano Kawka<sup>4</sup>, em 1970, o número de 307.370 pessoas. Se aplicarmos sobre esse total um crescimento de 25% a cada dez anos (critério adotado por M. Sekuła), teremos hoje cerca de 384.212 de poloneses e seus descendentes no Paraná; no Brasil, haverá cerca de 1 milhão, pelo mesmo critério, pois, segundo M. Kawka, em 1971<sup>5</sup> seu número era de 849.000.

Os imigrantes poloneses encontraram muitas dificuldades que contrastavam com os sonhos alimentados pelos agentes de propaganda na Europa. Desconhecendo a língua, a comunicação era penosa. Além disso, a falta de assistência, as doenças, a floresta impenetrável, a ausência de estradas e os ataques dos índios eram os seus maiores adversários. Alguns regressaram. Lentamente, e com grandes e heróicos sacrifícios, a maioria foi se estabelecendo, fundando suas comunidades, construindo suas igrejas e escolas.

Hoje, vemos o quanto colaboraram para o desenvolvimento do Brasil, amando-o e lutando por ele como sua segunda e definitiva pátria e de seus descendentes.

Segundo o Professor Bento Munhoz da Rocha Neto, o polonês merece figurar entre os tipos regionais brasileiros. Identifica-se por sua expressão humana característica, por seus usos e costumes, por seu comportamento, às vezes contrastante com os grupos que compõem a comunidade. Não é mais, porém, o camponês dos tempos em que veio. Adaptou-se e adquiriu novos hábitos, constituindo, assim, um tipo peculiar da nossa região. Pode-se dizer, por isso, que "o polaco é nosso"<sup>6</sup>, pois, povoando a re-

gião centro-sul do Estado, veio a caracterizar a imigração europeia, não portuguesa, na região.

Convém anotar que o grande comandante da imigração foi Edmundo Sebastião Wóś Saporski. Incentivou-a em companhia do Pe. A. Zielinski. Era filho de um "Kmiec" - chefe da hierarquia aldeã do início do século XIX. Os "Kmiec" eram considerados pelos aldeões como grandes proprietários sem serem verdadeiros latifundiários, havendo inclusive, distância social entre eles e as demais categorias aldeãs (residências, missa, responsabilidade pelos inativos "aposentados", traje, atividade social e paroquial, etc.). Sebastião Wóś foi chamado para servir o exército prussiano. Terminara os estudos secundários e preparava-se para ingressar na Universidade de Breslau. Mudou o nome para Sebastião Edmundo Wóś Saporski e emigrou para a América do Sul. Foi, então, o grande responsável pela imigração polonesa e líder nas decisões e dificuldades.

Em 1873, um grupo de 258 pessoas, na maioria da Pomerânia, fixou-se na colônia de Abranches, arredores de Curitiba. No ano anterior, 500 pessoas da Pomerânia, já haviam se fixado em Santa Catarina.

Em 1875, silesianos fundaram a colônia de Santa Cândida (Curitiba).

Em 1876, 390 pessoas da Pomerânia e Silésia instalaram-se na colônia de Santo Inácio e Órleans. No mesmo ano, chegam imigrantes galicianos e silesianos a Tomás Coelho (Araucária).

Em 1878, 500 pessoas instalaram-se na colônia Inspetor Carvalho.

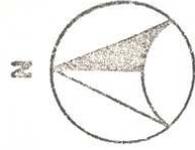
As várias levas provinham de regiões sob o domínio russo, prussiano e austríaco. Daí as inferências imprecisas, já que nos passaportes os poloneses constavam como "russo", "prussiano" ou "austríaco".

Após as primeiras levas, incentivadas pela propaganda do governo brasileiro, registrou-se, a partir de 1890, a "*goraczka brazylijska*" (= febre migratória brasileira).

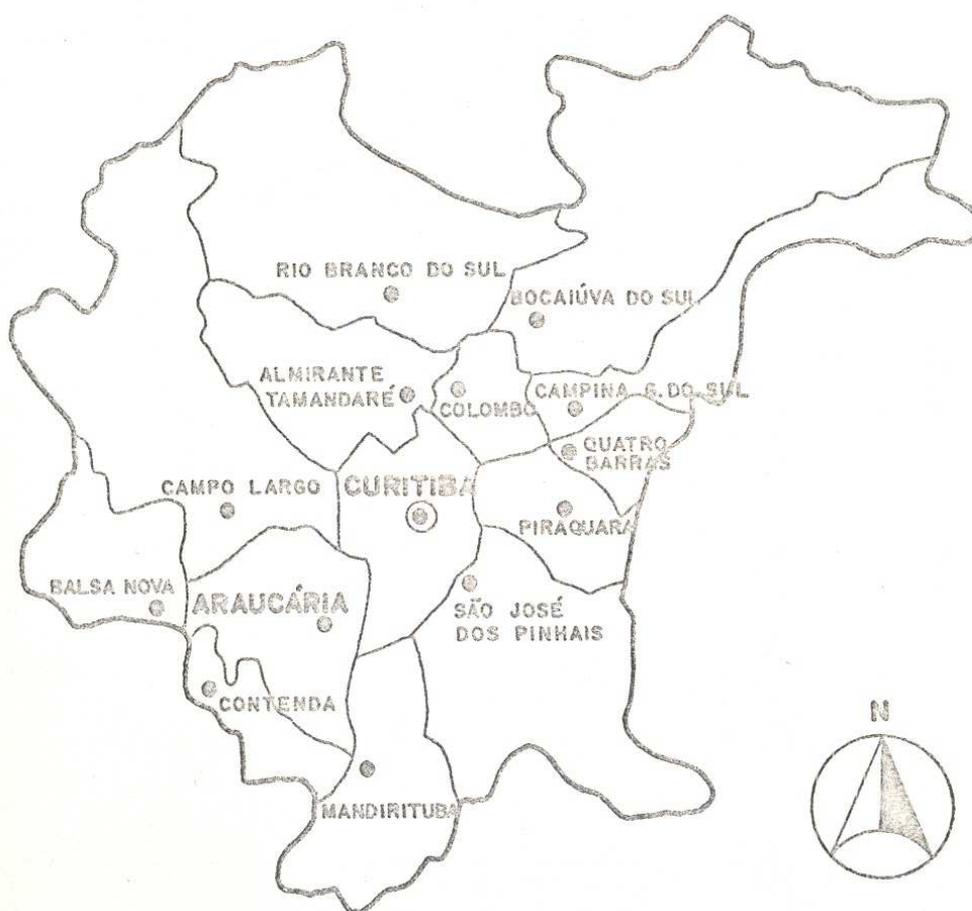
Embora possamos citar vários lugares do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, inclusive alguns de São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, em que se formaram muitas colônias polonesas, interessa-nos aqui o Paranã.

# ESTADO DO PARANÁ

ÁREA  
METROPOLITANA  
CURITIBA A ARAUCÁRIA  
— 23 Km —



## MAPA III

ÁREA METROPOLITANA DA GRANDE  
CURITIBA

## 2. A IMPLANTAÇÃO DE SÃO MIGUEL E TOMÁS COELHO

### 2.1 O Município de Araucária

Araucária está situada na região metropolitana de Curitiba, a 23 km dessa capital. Possui uma área de 486 km<sup>2</sup>, com uma população aproximada de 35.145 habitantes, sendo 27.165 moradores da zona urbana. Está a 897m de altitude, latitude 25°35', e é banhada pelo rio Iguaçú. Integra a zona fisiográfica de Curitiba, com um clima temperado; no inverno, há incidência de geadas.

Araucária é formada por um núcleo central onde se encontram a igreja, a prefeitura, 04 escolas, 02 clubes, cooperativas, biblioteca, museu, casa da cultura, 03 bancos, lojas, rodoviária, escritórios advocatícios, hospital, supermercados, fórum, cinema, 04 farmácias, agências da Telepar e da Copel, e imobiliárias.

Ao redor desse núcleo, espalham-se bairros e colônias, servidos por boas estradas: Estação, Jardim Alvorada, Roça Nova (Nowe Rosy), Roça Velha (Stare Rosy), Terra do Biscaia (Biskajówka), Tomás Coelho, São Miguel, Tindiquera, Costeira, Rio Verde, Rio Abaixo, Guajuvira de Cima, Campo Redondo, Onças, Formigueiro, Tietê, Campina das Pedras, Passaúna, Campina da Barra, Faxinal dos Tanques, Fazendinha, Lagoa Suja (Melado), Capinzal, Taquarob(a), Campestre, Colônia Cristina, Ipiranga, Boa Vista, Rio Baixo, General Lúcio, Capoeira Grande, Mato Branco, Palmital, Campina das Palmeiras, Campo do Tomás, Guajuvira de Baixo, Lagoa Grande, Canavieiras.

Seu solo é fértil, a agricultura desenvolvida, com riquezas minerais, areia, argila, caolin, pedras. O pinheiro é ainda sua grande riqueza natural.

Barigüi e São Miguel-Tomãs Coelho receberam os imigrantes poloneses em 1876. Eles se fixaram na região de Araucária - cerca de 1.500 famílias, 8.500 pessoas - cujo centro não era o atual, mas, São Miguel. No entanto, Araucária tem 300 anos. Observe-se o resumo esquemático da história da cidade:

1668 - a família de Domingos Rodrigues sai de Curitiba, em direção do rio Iguaçu.

1670 - Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios

1789 - Vila Nova de Castro

1823 - Petição de Desmembramento da Paróquia de Curitiba

1840 - Capela da Luz de Boa Vista

1842 - Capela de Tindiquera

1850 - Capela de Iguaçu

1880 - Freguesia de Iguaçu

1890 - Araucária - nome atual, proveniente do grande número de pinheiros "*Araucaria Brasiliensis - angustifolia*". Criada e instalada em 11 de fevereiro de 1890.

Quando da chegada dos imigrantes, habitavam nas matas próximas os índios tingüis - para os imigrantes "*botocudo*" e "*bugre*".

Havia também os caboclos, os fazendeiros ricos, e escravos, estes em número de 63. No entanto, era comum encontrar-se a mistura de vários matizes de caboclos, como consequência de uma profunda miscigenação de portugueses e índios. Cruzamentos posteriores entre as gerações seguintes criaram diversos tipos físicos de pessoas. Não se tratava de índio nem de branco, mas sim de caboclo, que possuía características próprias.

Aos poucos, os indígenas foram se extinguindo. Antes, os portugueses os perseguiram. Agora, os imigrantes poloneses fugiam deles por três motivos.

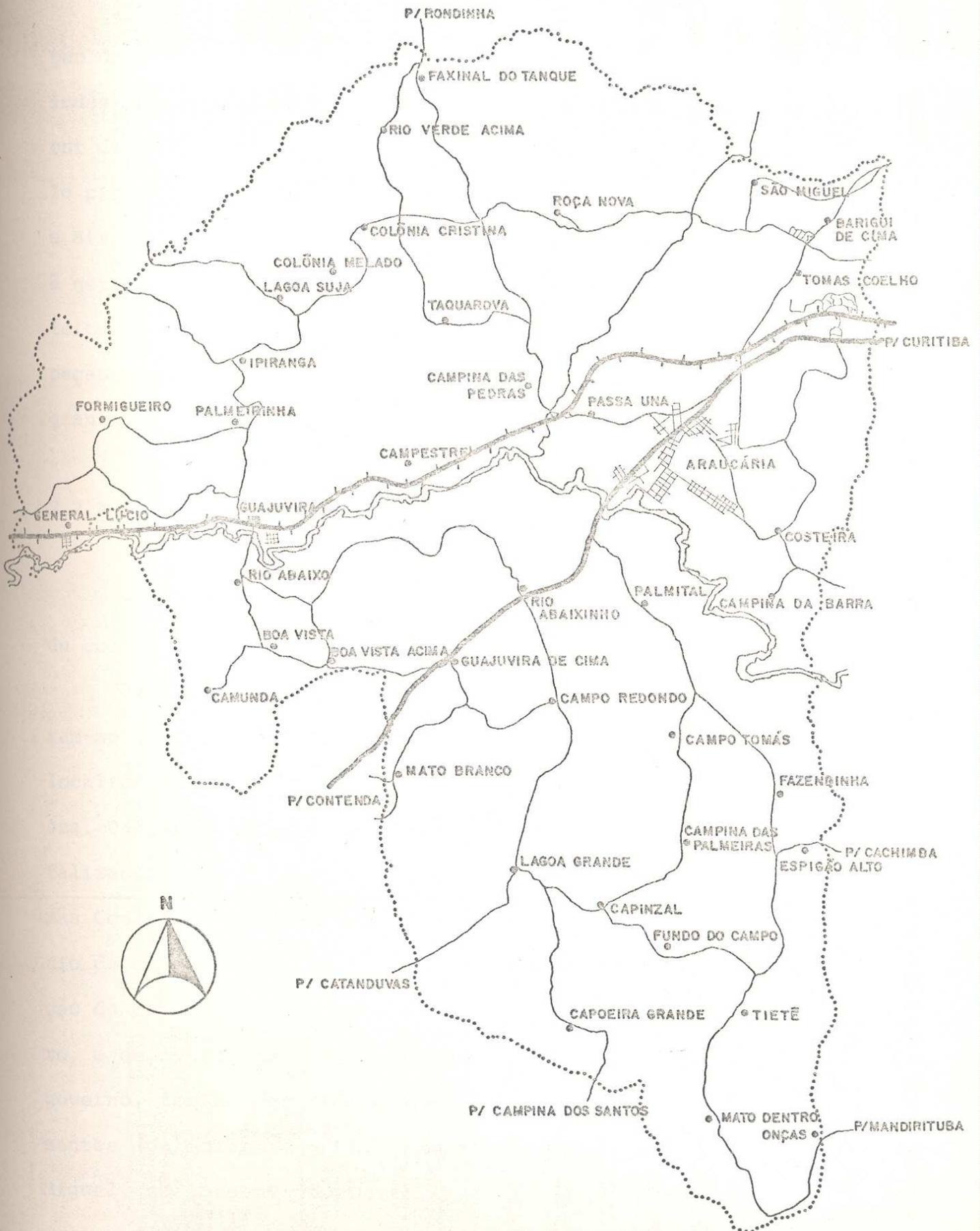
1. era um povo selvagem - um abismo cultural os separava dos colonos;
2. se lhes dessem hospitalidade, seria preciso dar comida;
3. a situação dos imigrantes era difícil, pois nas entressafras até eles passavam fome.

O ano de 1876 é, portanto, o início da mais numerosa imigração polonesa que se estabelece em Araucária. Os primeiros tempos foram muito difíceis. Enfrentaram o tifo, o terreno adverso, as matas densas, os animais, os insetos que lhes destruíam as plantações, as hostilidades dos caboclos, a falta de assistência, etc. Vencidas, porém, essas dificuldades, foram aos poucos dominando a região e adquirindo mais terras dos nativos.

Entretanto, convém anotar que há também outros grupos migratórios em Araucária: ucranianos, italianos, alemães, portugueses, franceses, nisseis, árabes, ingleses e judeus.

Araucária nasceu com a participação de muitos, ao som do machado, da enxada, dos arados e serras, dos facões e cordas

# MAPA DO MUNICÍPIO DE ARAUCÁRIA



dos tingüis, na algazarra das escolas e na seriedade das igrejas, alimentada com os produtos arrancados à terra.

Depois do ciclo dos tingüis, da erva-mate, da exploração da madeira e da agricultura, ela se transforma em terra da indústria e do comércio. Seus filhos têm todos os matizes de cor de pele. Prepara-se uma nova era, simbolizada não mais pelo pinheiro, mas pela Petrobrás (1972), já plantada em seu chão e atraindo muitas e variadas indústrias. Hoje, essa população é estimada em 35.145 habitantes, com aproximadamente 21.755 eleitores, fator que contribui para mostrar seu grau de participação e politização, fruto de tantos anos de trabalho do imigrante na nova pátria de adoção.

## 2.2. A fundação de São Miguel e Tomás Coelho

Destacamos Tomás Coelho por estar nesta colônia a raiz da colonização polonesa de Araucária.

Em 1876, imigrantes da Galícia e da Silésia estabeleceram-se e organizaram a Colônia Tomás Coelho. São Miguel é uma localidade dentro da colônia que se tornou a "Meca" dos poloneses. Daí, sua importância. Transformou-se no pólo e centro catalizador das atividades religiosas, sociais e culturais de Tomás Coelho. O binômio São Miguel - Tomás Coelho remonta ao início da colonização, quando da escolha do local para a construção da capela. De um lado, havia os galicianos, em maior número, e de outro, os silesianos e prussianos. Por atos oficiais do governo, foram construídas duas capelas. Uma na Campina dos Ausentes (galicianos) - hoje São Miguel - sob a invocação de São Miguel, no lote nº 58. Outra, mais tarde, junto à estrada Curij

tiba - Lapa (hoje BR -476), no lote nº 95, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores (silesianos e prussianos).

Após várias divergências, criou-se oficialmente o curato de Tomás Coelho, tendo por sede a capela de São Miguel que recebeu "status" de centro da colônia Tomás Coelho.

*Os fiéis residentes no território preenchido nestes limites ficão provisoriamente pertencendo à circunscrição eclesiástica e meramente curada da Capella de São Miguel de Thomas Coelho até ulterior efectiva elevação da mesma a categoria de Matriz, mediante a precisa instituição canônica e o mais de direito.<sup>7</sup>*

Por isso, há o costume de se dizer "São Miguel - Tomás Coelho", referindo-se ao conjunto da Colônia Tomás Coelho, mesmo que religiosamente, hoje, São Miguel seja a Paróquia, e Nossa Senhora das Dores sua capela.

Tudo aconteceu sob o governo incentivador da colonização imigratória do Paraná de Adolpho Lamenha Lins. Hoje, sente-se claramente a influência dessa colonização nos mais diversos setores da comunidade de Araucária.

O centro inicial da imigração foi, portanto, São Miguel - Tomás Coelho. Fundada em 1876, a colônia dista 17 km. de Curitiba, em terras adquiridas de particulares e pertencentes, na ocasião, ao município de São José dos Pinhais. A parte sul era cortada pela estrada de muares que ligava Curitiba, Iguazu (Araucária), Príncipe (Lapa) e Rio Negro. Hoje, essa estrada é, em parte, a Avenida das Araucárias e, em parte, a Rodovia do Xisto.

A extensão da colônia, de um extremo a outro, é de aproximadamente 10 km. A medição do terreno foi realizada pelo engenheiro Henrique Riviere, auxiliado por Edmundo Sebastião Wóś Saporski, T.B. Nasul e Fernando Müller. O número de seus lotes era de 182. Dado o grande fluxo de imigrantes que chegavam a Curitiba, em 1878 o seu número foi ampliado para 270. O território que compreendia os lotes de número 183 a 270 ficou conhecido popularmente por Roça Nova (Nowe Rosy). O total do território de Tomás Coelho ocupou uma superfície de 1.665,4 hectares, em lotes que mediam aproximadamente 60.000 a 70.000 metros quadrados.

O nome dado à colônia foi uma homenagem prestada pela província ao então Ministro da Agricultura, Thomas José Coelho de Almeida, membro do 26º gabinete do Império, presidido por Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias.

Não houve definição, por parte do governo, de onde seria o centro da colônia, fruto da própria má distribuição dos lotes. Tal fato viria, mais tarde, causar divergências prejudiciais à comunidade - como já foi dito a respeito de São Miguel - Tomás Coelho - chegando a haver quatro centros: Capela Velha, São Miguel (Campina dos Ausentes), Nossa Senhora das Dores (igreja de Tomás Coelho, na Av. das Araucárias) e Barigüi Correio.

É em São Miguel, um dos pontos fortes da colonização polonesa em Araucária, e seu berço, que vamos buscar dados que nos forneçam elementos e sirvam de base para a nossa pesquisa no terreno lingüístico. No entanto, servimo-nos também de outras localidades que, na realidade, são sua extensão. Por isso, ao caracterizarmos São Miguel, logo a seguir, estamos caracterizando a colonização polonesa de Araucária. O que é válido para São Miguel - Tomás Coelho é válido também para Araucária.

### 3. AS COMUNIDADES DE SÃO MIGUEL E TOMÁS COELHO

#### 3.1 Composição Étnica

A população de São Miguel - Tomás Coelho é constituída quase que exclusivamente por poloneses galicianos, silesianos e prussianos. O mestiço brasileiro, embora presente, é minoria. Entre os poloneses, predominam os galicianos, desde o início da imigração. Em setembro de 1877, a população já apresentava o seguinte quadro<sup>8</sup>:

NACIONALIDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Poloneses galicianos	449	434	883
Poloneses silesianos	84	94	178
Poloneses prussianos	6	4	10

Hoje, sua população com descendentes de primeira, segunda, terceira e até quarta geração é estimada em 3.500 habitantes, dentre os 35.145 do Município de Araucária<sup>9</sup>.

Entre os imigrantes, sempre houve pequenas divergências, oriundas de culturas levemente diferentes. Os atritos maiores aconteciam com as populações locais, luso-brasileiras.

Atualmente, todos parecem conviver amistosamente. Entretanto, as transformações de ordem social trazidas pela industrialização da cidade de Curitiba e parte da cidade de Araucária, têm trazido incômodos pela presença de elementos desocupados da região metropolitana.

Tal como seus antepassados, os descendentes poloneses de São Miguel - Tomás Coelho, católicos, têm sua igreja, seu rito e culto e seu clube recreativo. Já ocorreu a fusão de todos os

seus elementos, beneficiando a assimilação ao meio brasileiro, havendo inclusive mestiços falando polonês. No entanto, tais mestiços, caboclos, "brasileiros" (como são chamados pelos poloneses) são - embora menos que antes - tratados com certa reserva e desconfiança.

Isto acontece até por instinto de auto-defesa e preservação, sabendo que os nativos são acostumados a atos de valentia e de violência, hoje menos freqüentes.

### 3.2 Cultura Tradicional

É comum aos imigrantes europeus e seus descendentes no Brasil o apego às tradições. Orgulham-se disso e os brasileiros apreciam e admiram. Isto não significa incapacidade de assimilação da cultura de outro país. Ao contrário, quando não forma quistos raciais, colabora para o alargamento da cultura brasileira. É, por isso, louvável que as autoridades estimulem e protejam suas manifestações culturais, como acontece com os festivais folclóricos de todas as etnias no Paraná. Assim como se busca a conservação das tradições de origem portuguesa, africana e indígena, devem ser respeitadas as tradições dos imigrantes poloneses e de outras etnias, pois elas testemunham parte da história de nosso país.

Todas essas manifestações culturais tendem naturalmente a adaptar-se até a absorção total, mas, por enquanto, elas permanecem distintas, devido à sua vitalidade e proximidade das origens.

Com a colonização polonesa de Araucária, não aconteceu de modo diferente.

### 3.2.1 A vida religiosa

O polonês imigrado é profundamente religioso. A quase totalidade é católica. A igreja, a paróquia, o padre é o que os une como o "cimento". A igreja e um sacerdote polonês era - e para muitos ainda o é - o sonho do imigrante e para isso não poupa nenhum esforço<sup>10</sup>. A fé polonesa tem uma conotação de polonidade. Polonês e católico são sinônimos. Há uma aliança entre religião e polonidade: na linguagem, no rito, nos dias santificados, nos sacramentos. A igreja é seu centro espiritual e ao mesmo tempo satisfaz sua necessidade de comunicação. O sacerdote é como o senhorio na Polônia: intocável e sagrado. Recebe pão, manteiga, ovos, vinho e sua presença é venerada. Beijam-lhe as mãos crianças e adultos, cumprimentando-o com a saudação cristã "*Niech będzie pochwalony Jesus Chrystus*" (= Louva do seja Jesus Cristo).

Tal comportamento nem sempre foi entendido pelos brasileiros. Por seu lado, os imigrantes admiravam-se do catolicismo brasileiro.

*Eles confessam-se católicos e nas igrejas portam-se como nós, mas não observam a religião com tanto rigor como nós ... Os que acompanham a procissão riem, falam, alguns assobiam. Não é como entre nós em que cada um anda em silêncio e reza.*<sup>11</sup>

Essa fé tomava, às vezes, colorido patriótico, inseparável da polonidade. O padre, então, era o líder natural e indispensável para manter a unidade na preservação da língua e desse sentimento de polonidade.

"Preocupa-nos a falta de padre que fala polonês".

"Virã um padre polonês que nos entenderã".<sup>12</sup>

Com o passar do tempo, porém, a imposição de padres brasileiros abrandou essa atitude. O filho do imigrante sentiu-se mais e mais brasileiro e adotou a cultura brasileira, mesmo isolado de escolas e instituições brasileiras e sem contatos mais profundos com a sociedade brasileira.

Nossos antepassados de São Miguel - Tomás Coelho - eram assim e muitos ainda assim se comportam, após 100 anos de colonização. Rezam todos os dias, respeitam os feriados religiosos e seus quartos de dormir têm quadros de santos. Conservam suas canções de Natal e, no dia 2 de fevereiro - dia dedicado a Nossa Senhora das Candeias -, benzem velas que são usadas em horas de dificuldades, doenças e intempéries.

Na véspera de Natal, cada família celebra o nascimento de Jesus com a tradicional ceia com "opłatek" (pão sem fermento) e, em dia previamente combinado, toda a comunidade faz um encontro fraternal, de preferência presidido pelo padre. Do Natal até Reis (6 de janeiro), cantadores reúnem-se e vão de casa em casa, entoando canções natalinas e de Feliz Ano Novo, vestidos de bois, bodes, anjos, reis e até diabinhos.

A partir do dia de Reis até a Páscoa, o padre visita os paroquianos, benzendo-lhes as casas (Kolenda).

Por ocasião da Páscoa, benzem assados, ovos, linguiças, rábano ("Krein" - Ksą) e, no dia seguinte ao da Páscoa, fogo e água. Benzem as roças e sacodem as árvores frutíferas para produzirem mais e melhor. No resto do dia, acompanhados de visitas, fazem a "aspersão" (dyngus), "o dia molhado", brincadeira típica, e, de manhã, lavam-se também com mceda de prata para terem uma pele perfeita, sem manchas nem sardas<sup>13</sup>. Ainda no dia

da Páscoa, consomem a chamada "święconka" (alimentos benzidos pelo padre no sãbado de Aleluia, com destaque para o ovo, símbolo de vida e ressurreição). Cada família comemora em casa e depois, num dia combinado, todos se reúnem numa só família para a "święconka" geral. Trocam-se votos, cantam-se canções tradicionais e, num ambiente fraternal, perdoam-se as ofensas.

Na festa de Pentecostes, ornamentam suas casas com flores e folhagens, dando aparência festiva às casas com ramos verdes nas colunas das varandas, nas janelas e nas portas.

Merece menção também a festa de São João, quando se jogam coroas na água. Se não há água corrente, as moças seguram as coroas sob quadros de santos.

No mês de maio, havia o costume (já desaparecido) de fazer excursões, oferecendo comida a "Swiatowid", deus das matas para celebrar a expulsão do inverno e a chegada da primavera com sol quente. Quem comia, porém, eram os excursionistas e não "Swiatowid", como na Polônia.

Em sua maioria, esses costumes perduram em Araucária.

Hoje, estão mais atenuados, sempre à sombra da Igreja, centro não só da vida religiosa, mas também da cultural, social e recreativa.

Até hoje, as solenidades de São Miguel (29 de setembro) são comemoradas na colônia, embora sem o mesmo significado que tinham para os primeiros imigrantes. Particularmente, as famílias ainda preservam muitos desses costumes e tradições religiosas de seus antepassados, apesar de o tempo e a motivação serem outros. Eram muito populares, animavam a vida de velhos e moços com uma atração quase religiosa, quebrando a monotonia dos domingos comuns, tornando-se costumes típicos inesquecíveis.

### 3.2.2 A vida social

Não há entre os descendentes imigrantes grandes problemas de ordem social, a não ser o temor da proximidade com a capital que se amplia e chega a trazer a presença incômoda de marginais.

Assim como seus antepassados, são ordeiros e pacatos. As poucas alterações provêm do excesso de bebidas alcoólicas, esporadicamente, nos bailes, festas e casamentos.

Às vezes, no início, havia desencontros com o caboclo, porque, este, imaginando que a posse de uma arma colocava-o acima do imigrante, provocava: "Quem não gostar que fale!", "Quem manda neste país somos nós! Vocês têm que trabalhar!"<sup>14</sup> Surgiam também disputas devido ao gado e aos porcos que andavam à solta. Os danos materiais serviam de pretexto para o crescimento do ódio de ambas as partes. Houve vários casos de morte, nas nas cidas de conflitos sócio-étnico-culturais. Ia-se armado até para a igreja e eram freqüentes as emboscadas.

Atualmente, de um modo geral, vivem pacificamente, trabalhando e se divertindo, organizando suas festas e lazeres sem preocupar as autoridades.

Como São Miguel, todas as comunidades de origem polonesa de Araucária têm sua sociedade, embora não possuam vida associativa e recreativa regular, pois o trabalho ocupa-lhes o dia todo.

São Miguel tem um clube. É a Associação Santo Isidoro, já bastante desativada, inclusive fadada ao desaparecimento com a inundação de grande área para a represa de captação de águas do rio Passaúna. No entanto, sempre serviu para bailes, reuniões

agrícolas, teatro e recepção de autoridades e convidados importantes com pão, sal, flores e discursos, como, por exemplo:

1. a Princesa Isabel;
2. o Núncio Apostólico, Bispo Tonti;
3. o Presidente da República Afonso Pena;
4. o diplomata Paul Dumer, que seria presidente da França;
5. administradores e interventores do Paraná;
6. embaixadores e cônsules poloneses.

O imigrante sempre se mostrou alegre e festivo. Hoje, infelizmente, quem quer maiores e mais frequentes divertimentos tem que buscá-los nas comunidades vizinhas, inclusive Curitiba, mas ainda se divertem nas sociedades que seus antepassados construíram nas várias comunidades de Araucária. Apesar de o começo de sua vida espiritual ter sido a igreja e a escola, as sociedades - escola é que desempenham um papel fundamental na vida das novas gerações. Sentem-se bem, solidários e partícipes<sup>15</sup>. Nelas, com leves alterações, os objetivos se equivaliam, conforme atas existentes até os nossos dias:

- manter escola polonesa, as tradições, os costumes, as canções, as comemorações cívicas, o teatro amador, a leitura, a biblioteca;
- organizar bailes, recitais, competições esportivas, casamentos, festas, reuniões, discussões, atividades recreativas, divulgação de notícias da Polônia;
- conhecimentos agrícolas, contato com as autoridades;

- importar novas sementes, implementos agrícolas e até automóveis;
- promover intercâmbio cultural com comunidades polonesas de outros locais: teatro, apresentações artísticas, conferências, solenidades.

A participação social era e é intensa e satisfatória, já mais entrosada e mesclada com o brasileiro. O fenômeno da urbanização manifestou-se em 1928, intensificou-se em 1930 e agora atinge o ponto culminante, com uma porcentagem de 72% do total do município, devido à criação da Cidade Industrial de Curitiba e da Cidade Industrial de Araucária, envolvendo e sendo extensão natural da Refinaria de Petróleo - I REPAR. Os 28% que ficaram na lavoura mecanizaram-se, intensificando a produtividade.

Todo esse novo panorama alterou, mas não destruiu o espírito alegre e associativo do imigrante polonês e de seus descendentes. A maioria da população nativa sempre os recebeu com satisfação, inclusive sem corrigir a pronúncia "errada" dos imigrantes. Apenas ria, sem demonstrar os motivos. Às vezes, os nativos ficavam intrigados com os usos e costumes dos imigrantes, com a língua, com a concorrência agrícola, com o rápido enriquecimento, com o isolamento, com a determinação de evitar casamentos com os da terra e reconheciam-nos de longe pelos trajés e pela maneira de andar.

Quanto à família, são fiéis aos mandamentos de sua crença católica. São raros os casos de dissolução conjugal. A autoridade do pai é respeitada. Os casamentos, na maioria, não são mais dirigidos, como eram no princípio. As partes interessadas combinavam o casamento sem consultar os jovens. Os pais do ra-

paz eram levados à casa da moça, onde lhes eram servidas bebidas e combinavam o casamento. Se um solteiro não encontrava esposa em seu lugar, ia para as festas no centro da colonização, São Miguel - Tomás Coelho, montando um cavalo vistoso e bem selado. Então, se conservasse os usos, costumes e língua dos pais, e se tivesse cavalos e terra, tinha casamento garantido. Dias antes do casamento, quatro ou cinco cavalheiros, entre eles um músico, convidavam parentes e amigos. A festa durava de dois a três dias. Uma semana depois, repetia-se a festa só para os parentes e padrinhos, costume que ainda persiste, mas apenas com o almoço do dia seguinte.

Há despedidas e bênção na saída para a igreja. Voltando da igreja, mesa farta na casa dos pais da noiva. Cada um se serve à vontade. Logo começa o baile com violinos, rebecas, sanfona. À noite se faz a "czepowiny" - dança dos recém-casados, ao redor de uma mesa com um bolo que vai sendo repartido entre os convidados pelo novo casal. O casamento, com seus cantos próprios, discursos alegres, e presentes, era e é um acontecimento social de grande importância.

Outro acontecimento importante é o batizado, logo providenciado, temendo-se a morte da criança sem o batismo. Alguns até batizam, por isso, na própria casa, comemorando com almoço para os padrinhos e parentes.

*Os sacramentos são considerados fundamentais na existência de um colono. O batismo significa um ritual que chega a extravasar os limites da fé. O batismo atribui um nome. Este não existe apenas para que se possa identificar a criança como pes-*

soa, mas sim dar ao batizado a condição de obter um patrono no céu. Esta é a razão fundamental porque encontramos nos registros das paróquias polonesas quase que exclusivamente nomes de santos. Esta valorização do batismo leva os colonos, ao menos nas primeiras décadas de permanência em solo brasileiro, a comemorar o onomástico e não o dia de seu aniversário".<sup>16</sup>

Mais um fato característico é o velório. Rezam os presentes, durante toda a noite, orações do rosário e cantam pelas almas do purgatório. Oferecem-se refeições e bebidas a todos que comparecem, amenizando o ambiente entristecido.

Hoje existem agências funerárias, mas no início o carpinteiro local fazia um caixão simples de madeira, recoberto de tecido preto, azul ou cor-de-rosa, de acordo com a idade e o sexo do falecido.

O padre sempre acompanha o enterro e preside as orações na casa, na igreja e junto à sepultura. Diferentemente de hoje, os primeiros imigrantes faziam apenas uma cova simples sem construção sobre ela. Era posta uma cruz com as inscrições: nome e data de nascimento e de morte, e "tu spoczywa" - aqui jaz.

Todo esse conjunto de tradições tem a marca do imigrante polonês.

*Éles trouxeram esses costumes da Polônia, conservaram-nos até agora e nós fazemos o mesmo. Isto faz parte dos nossos costumes, como herança dos pais e avós. Não foi conosco que começou, não será conosco que vai acabar.*<sup>17</sup>

### 3.2.3 Educação

Desde sua chegada, no meio das maiores dificuldades, os poloneses não descuraram o ensino, criando suas escolas. Deles mesmos é que surgiu a iniciativa. Suas sociedades tinham, entre as principais preocupações, o preparo intelectual de seus filhos; por mínimo que fosse, era considerado indispensável.

Havia, no entanto, escolas familiares que funcionavam independentemente das sociedades. Até 1937, com a Nacionalização do Ensino, ensinava-se exclusivamente em polonês: língua polonesa, religião e história. Depois, já no ensino sob forma bilíngüe, ensinava-se em língua portuguesa: corografia do Brasil, história e geografia do Brasil, assim como língua portuguesa e aritmética.

A primeira escola polonesa em Araucária foi exatamente a de São Miguel - Tomás Coelho, numa casa doada pelo Sr. RosoŹ, por volta de 1878, sendo seus professores Pedro Pawlik e Lourenço Gradowski. Aí mesmo, nos anos de 1911 - 1914, foi construído o Colégio das Irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo - hoje Instituto São Vicente de Paulo - mantendo um centro cultural, religioso e social, promovendo a educação em regime externo e interno. Paralelamente aos cursos normais, oferecia cursos de higiene, bordado, crochê, costura e arte culinária, tudo de acordo com as necessidades locais.

A Educação já está longe de seu início sofrido e pioneiro, onde tudo dependia do esforço próprio e isolado dos imigrantes. O primeiro grupo escolar só foi fundado, na sede, em 1911, e ainda está funcionando; trata-se da Escola Dias da Rocha.

O Ensino Oficial só atingiria bom nível quando os jovens das colônias passassem a estudar na Capital e voltassem como professores e educadores. Esses jovens sentiam-se bem no ambiente do qual eram filhos, conheciam a alma do interior, os problemas dos colonos, suas necessidades e caprichos. Os colonos, por sua vez, viam neles seus próprios filhos, auxiliares, líderes e conselheiros. Tinham confiança neles e, como no início com o professor leigo, traziam-lhes auxílio em dinheiro e víveres. Os professores formados eram verdadeira raridade. Os membros das sociedades-escola escolhiam para o cargo alguém que fosse considerado mais desembaraçado e que soubesse, ao menos satisfatoriamente, ler e escrever. O rude campônio improvisava-se em pedagogo. O escolhido suspendia seus trabalhos na roça por algumas horas e ensinava o que sabia às novas gerações. Essas escolas eram, às vezes, paióis transformados em salas de aula. Careciam até das condições mais elementares: iluminação insuficiente, condições higiênicas inadequadas, com falta de quadro-negro, giz, carteiras, papel; usavam-se como cartilha, livros de orações. Quem pagava ao novo "professor" era a sociedade. Os pais pagavam para seus filhos frequentarem a escola. Não havia qualquer auxílio do governo. Todo resultado positivo, portanto, era um sucesso, demonstrando a força do ideal e da tenacidade. As sociedades-escola multiplicaram-se, alfabetizando milhares de crianças, polonesas ou descendentes, inclusive filhos de caboclos do sertão.

*"Num período de 60 anos - de 1878 a 1938 - funcionaram, em caráter particular, cerca de 12 escolas familiares em língua polonesa e 24 escolas elementares mantidas por sociedades organizadas".<sup>18</sup>*

Os professores bilíngües recebiam o salário em dobro. O governo estadual pagava pela língua portuguesa e a caixa escolar pagava pela parte polonesa. Com a nacionalização, os professores ficaram com metade do que ganhavam e começaram a procurar outros trabalhos. As escolas foram sendo abandonadas, entrando em decadência e o analfabetismo cresceu consideravelmente. As autoridades não possuíam pessoal qualificado para manter em funcionamento as escolas vazias. Assim, em 1937, era a seguinte a distribuição das escolas:

Polonês . . . . .	10 escolas.
Português . . . . .	14 escolas.
Português e Polonês . . . . .	143 escolas.
T O T A L . . . . .	167 escolas. <sup>19</sup>

Convém assinalar que, além da intuição própria de cada professor, em linhas gerais a filosofia da educação e o método eram traçados por Jerônimo Durski, o "Pai das Escolas Polonesas no Brasil". Podemos sintetizá-la assim:

*"do fácil para o difícil,  
do próximo para o longínquo,  
do conhecido para o desconhecido,  
da unidade para o conjunto".<sup>20</sup>*

Há evidências de que o nível das escolas polonesas sempre foi considerado como sendo dos melhores, havendo grande empenho dos pais, mesmo de outras nacionalidades, em matricularem seus filhos nelas, por sua reconhecida eficiência didática, apesar de, às vezes, aplicada "por rude e áspero pedagogo".<sup>21</sup>

Todos esses princípios, na verdade, foram sendo assimilados paulatina e profundamente. Hoje, embora haja, sem dúvida, a orientação dada pelo governo, o comportamento e a visão de estudo ainda estão eivados de pontos pedagógicos profundos e marcantes, legados pelos pioneiros da educação na colonização polonesa.

Atualmente, existem em Araucária 56 estabelecimentos de ensino, assim distribuídos:

ZONA URBANA	:	19	
ZONA RURAL	:	37	
ESTADUAIS	:	17	
MUNICIPAIS	:	36	
PARTICULARES	:	03	22

Concluindo, Araucária já pode se orgulhar de seus filhos, inclusive como profissionais liberais - além de seus denodados agricultores. Entre seus descendentes poloneses, há vários advogados, médicos, dentistas, engenheiros, professores, químicos, agrônomos e veterinários. A população estudantil de Araucária é igualmente significativa: 7.466 alunos.

### 3.3 Cultura Material

#### 3.3.1 Habitação

Logo que os imigrantes poloneses chegaram, instalaram-se em barracas e casas rudimentares, feitas de barro e palha e cobertas de goivas jesuítas. O governo, entre as providências tomadas, concedia a "casa provisória", logo trocada por outras mais sólidas. Foram empregando a madeira abundante na região (pinheiro), que lhes fornecia desde os alicerces até o telhado de tabuinhas lascadas. O barro só era usado para fabricar o forno e o fogão. Eram casas mais confortáveis e maiores que as dos primeiros anos. As varandas eram (e são) enfeitadas de flores, plantadas em panelas e jarras velhas. O interior tinha suas paredes cobertas de fotografias de parentes e conhecidos, ao lado de quadros e imagens de santos.

No início, faziam a armação com esteios e enchiam as frestas com barro com palha e capim. Cobriam com tabuinhas. As tábuas das paredes eram de madeira rasgada, pois não havia serrarias. Logo introduziram um novo sistema de construção. Passararam a fazer as casas com toras embutidas, pranchões. Eram casas maciças, com janelas de vidro e cozinha em separado para não enfumaçar a sala e por precaução contra possíveis incêndios. Neste particular, aceitaram a influência do costume caboclo: na cozinha tinham o fogo em chão de terra batida. Nos primórdios, preparavam suas refeições numa panela de barro pendurada sobre uma forquilha, acima do fogo feito no chão. Também eram feitos utensílios de madeira para a cozinha e para a copa, muito simples e toscos.

Mais tarde - e hoje é comum nas mais distantes colônias de Araucária - começaram a construir casas de alvenaria, fabricando eles mesmos os tijolos. Tais tipos de construção e hábitos ainda existem. A maioria, porém, nas colônias de Araucária, tem suas casas de madeira serrada, semelhantes às dos ucraínos, descritas pelo Prof. Miguel Wouk, falando sobre Dorizon, no município de Malet:

- alicerces de madeira ou tijolos;
- paredes de tábuas largas e muitas já com tábuas beneficiadas, deixando um espaço vazio entre o assoalho e o chão, aproveitável como depósito de ferramentas e lenha;
- forro de tábuas estreitas ou largas ou forro "paulista";
- telhado inclinado, formando o sôtão (sote), usado para guardar objetos e também como quarto de dormir;
- grandes varandas, "áreas";
- portas rusticamente trabalhadas, com taramelas ou trancas;
- janelas envidraçadas, tipo guilhotina.

Sua planta também é simples: uma pequena sala, o quarto do casal, a cozinha - parte mais importante e de maior movimentação - o sôtão e, nos fundos, um paiol e outras pequenas dependências, tais como: abrigo para a carroça (wozownia), galinheiro, chiqueiro e estábulo.

O mobiliário é simples, de acordo com as posses. Nos quartos, camas com colchões de palha, cobertas com lençóis e travesseiros e acolchoados feitos com penas de ganso, guardarroupa. Na sala e cozinha, bancos, mesa e cadeiras de palha trançada. Hoje, há casas mais ricas na construção e no mobiliário.

A limpeza é feita com regularidade, intensificando-se nos dias de vésperas de festas religiosas e de casamento, dando ao ambiente um ar de renovação.

Outro fator importante é a eletrificação rural. Quase todos os recantos do município de Araucária dispensaram os lampiões a querosene e até os lampiões a gás e as lanternas.

Não se pode falar de conforto à moda das grandes cidades e centros urbanos, mas seus moradores têm a mesma sensação de segurança, satisfação e aconchego de que gozam os cidadãos, aliada à vantagem de proximidade com a natureza.

### 3.3.2 Alimentação

Os poloneses dos locais estudados, como os de todos os demais centros de imigrantes, adaptaram-se, grosso modo, aos hábitos alimentares do meio brasileiro e às possibilidades de produção de seus alimentos.

Conservam, no entanto, vários hábitos alimentares herdados de seus antepassados. Conhecem e fazem uso do centeio, do trigo, da batata, da cevada e cultivam uma horta junto a casa: repolho, alface, beterraba, tomate, cebola, alho. Plantam para seu próprio consumo e também para a venda - certas regiões fazem parte do "cinturão verde" de Curitiba. Assam pães, broas

de centeio e de trigo no chão de seus fornos, isto é, sem usar formas, às vezes misturados com batata-doce. Cozinham e fritam batatas, azedam repolho e pepinos, fazem sopa com macarrão caseiro e carne de galinha. Esta é a carne mais consumida, ao lado da de porco com seus derivados: lingüiça, chouriço, geléia, torresmo, cuja conservação é feita com sal ou defumação. O uso da banha de porco e do toucinho (sperka) é costumeiro.

Os poloneses também fabricam manteiga, queijo, requeijão solto, além da cerveja caseira de lúpulo - que aos poucos perde o lugar para as cervejas das grandes fábricas - e doce de frutas e compotas.

Servem-se de frutas à vontade, mas a qualquer hora, colhendo-as do pé: mimosa, laranja, uva, pêssego, maçã, ameixa e, nas épocas certas, apreciam muito o pinhão assado na chapa do fogão ou cozido. Não é comum o costume de sobremesa após as refeições, ao estilo brasileiro.

Após cem anos, esses costumes já estão mais atenuados, havendo muita aproximação com os costumes padronizantes dos demais centros que atingem esses rincões até agora isolados.

### 3.3.3 Vestuário

O que se vê nas danças apresentadas pelos grupos folclóricos reflete o espírito alegre e festivo do imigrante polonês, extravasado na beleza colorida de suas roupas. No entanto, é roupa de ocasião.

Nas épocas difíceis da imigração e ainda hoje nas dificuldades por que passam muitos agricultores (a agricultura ainda é a maior ocupação), o vestuário não demonstra preocupação

com o luxo ou a moda, revestindo-se de muita simplicidade. Fazem suas próprias roupas, especialmente as de trabalho na roça. Sempre há alguém na família ou vizinhança que se dedica à costura desde criança e confecciona para os de casa, parentes e vizinhos, roupas simples, boas e satisfatórias, pois ainda existe grande espírito de solidariedade e ajuda mútua familiar.

As mulheres casadas, mais idosas, não dispensam o lenço de cabeça onde quer que estejam: em casa, no trabalho, na igreja, ou a passeio. Nos dias festivos, são preferidos os lenços estampados, de cores vivas.

Roupas quentes, agasalhos de lã se fazem presentes nos invernos e os calçados são dispensados em casa, preferindo-se muitas vezes trabalhar descalço, inclusive as crianças, por facilidade e por hábito. Também o uso de chapéu é indispensável. Usa-se tanto o grande, de palha, para o trabalho árduo da roça, como o menor e mais vistoso, de feltro, pano ou mesmo de palha.

Em nossos dias, porém, sua maneira de se vestir não difere grandemente da usual entre nós. Concorre para tal simplicidade também, em graus diferentes em diferentes localidades, a própria situação econômica, pois a produção de muitos ainda é rudimentar, não mecanizada.

#### 3.3.4 Meios de Transportes e Locomoção

Hoje, talvez, a maioria dos colonos de São Miguel - Tomás Coelho, e mesmo de Araucária, tenha seu veículo motorizado, além de suas carroças, usadas apenas na lavoura e para alguns serviços domésticos.

É muito importante, no entanto, assinalar a grande contribuição trazida pelo imigrante polonês para o transporte e para a economia pelo uso da carroça. A "carroça polonesa" ajudou não só Araucária, mas todo o Paranã e mesmo o sul do Brasil. Ela é um elemento cultural característico da imigração polonesa no Brasil. A cidade era longe e de difícil acesso, por causa das más estradas. Eram simples carreiros, praticamente intransitáveis, desviando brejos, barrocas, cheias de curva, com pontes de paus muitas vezes levadas pelas enchentes. A conservação era feita pelos próprios colonos, sem remuneração.

Os carroções eslavos introduzidos no Paranã, juntamente com a tradicional carroça, substituíram com grande vantagem os carros de boi e as tropas de muares. Logo os imigrantes ultrapassaram os fazendeiros nativos no sistema de transportes. Enquanto o colono imigrante transportava na carroça 14 (catorze) sacos com dois cavalos, o fazendeiro carregava 04 (quatro) em dois burros, utilizando ainda um terceiro como montaria. As "carrocinhas polonesas" não devem ser confundidas com as carroças de duas rodas de madeira usadas pelos nativos. As polonesas eram típicas, graciosas, leves, de quatro rodas com aros de ferro (chapas) e eram puxadas por belas e bem tratadas parelhas de cavalhos. *"A carroça polaca que passa sob o pinheiro parece ser a marca inconfundível do Paranã".<sup>23</sup>*

Hoje há em Araucária 500 (quinhentas) carroças.

Convém fazer outra distinção: não são os "carroções". Estes são carros grandes, geralmente providos de toldo e movidos por tração de juntas de bois, cavalos ou muares, usados para transporte de pessoas ou de carga. Estão muito ligados à história da América (Estados Unidos da América, Argentina e Brasil).

No sul do Brasil, especialmente no Paraná, por influência da imigração polonesa, são mais usadas as "carroças polonesas", mais leves e vistosas, caracterizando a região e, na época, sendo um grande fator de desenvolvimento econômico no setor de transportes<sup>24</sup>, responsável por um ciclo rodoviário no sul do Brasil.

Em Araucária, hoje, apesar de agora as estradas serem bem ensaibradas, dando fácil acesso às colônias (o centro está todo asfaltado), as carroças limitam-se ao uso doméstico, cedendo seu lugar a tratores e caminhões que escoam a produção para os mais variados pontos do Brasil. Sua população dispõe de aproximadamente:

1.125 automóveis particulares;

480 caminhões;

220 camionetas;

1.450 tratores;

70 colheitadeiras.<sup>25</sup>

O panorama de vida do morador de Araucária, portanto, já é bem diferente do de seus antepassados. Muitos já possuem seus meios de locomoção e de trabalho motorizados, tendo à sua disposição aproximadamente mil quilômetros de estradas municipais, sendo o município cortado pela BR 476 - Rodovia do Xisto - em 16 km. As ruas são bem formadas, calçadas com paralelepípedos, asfaltadas, e as estradas municipais bem ensaibradas ou em leito natural. Há pouco tempo foi asfaltada a ligação com Campo Largo.

Muito se fez, mas ainda resta bastante a se fazer pelos moradores do interior. Há regiões bem servidas e há outras à espera.

### 3.4 Recursos Econômicos

As fontes de renda das comunidades de São Miguel - Tomás Coelho se baseiam quase que exclusivamente na agricultura. Não há tanta preocupação com horário para começar e para terminar o trabalho. Se o tempo não é favorável, os lavradores entretêm-se com trabalhos caseiros, ocupando-se em seus paióis. Não há ociosidade. No entanto, para melhor entender seu espírito, é bom que se considere o conjunto da situação de Araucária.

#### 3.4.1 Indústria

Os imigrantes nunca revelaram inclinação natural para a técnica, por serem tradicionalmente agricultores, fixando-se em zonas rurais, muitas vezes abandonados à própria sorte. Seu sonho era um sô e para realizá-lo vieram para cá: terras.

Passados tantos anos, houve adaptações e mudanças.

Araucária, sem deixar sua característica agrícola, entrou na fase industrial, alterando inclusive o tipo humano da cidade. Esse panorama modificou-se devido à instalação da Petrobrás, ao Centro Industrial, à seca do norte do Estado, à busca de recursos, à necessidade de sobrevivência e à procura de melhores condições de vida. Surgiram muitas indústrias, tanto na Cidade Industrial de Araucária (CIAR), nas zonas de Tomás Coelho - São Miguel - Barigüi, como na vizinha Cidade Industrial de Curitiba (CIC).

Araucária possui em torno de 82 indústrias, destacando-se: Refinaria da Petrobrás - I REPAR - Pres. Getúlio Vargas, Refinaria Óleos Brasil S/A, Companhia Atlantic de Petróleo, Esso Brasileira de Petróleo, Shell Brasil S/A, Companhia São Paulo - Distribuidora de Derivados de Petróleo, Companhia Brasileira de Petróleo Ipiranga, Petrominas, Texaco, Plenogás, Ultragás, Supergasbrás, Liquigás, Utingás, Incopa (soja), Parnaplast, Matristamp, Metalmec, Prokin, Cocelpa, FAM (Fábrica de Artefatos Metálicos), Impar, Proinstel, Celite, Labra, Siderúrgica Guaíra, Cerâmica Nossa Senhora da Luz, Cerâmica Klemtz, Cerâmica Araucária, Cerâmica Sônia, etc.

Araucária passa de uma fase essencialmente agrícola para uma fase fortemente industrial. Fabrica e industrializa produtos, dos mais requintados aos de primeira necessidade, exportando e criando novos rumos. Apesar desse progresso material, frise-se que Araucária identifica suas ruas por seus moradores e a maioria ainda se conhece pelo nome.

### 3.4.2 Agricultura

A principal atividade em São Miguel - Tomás Coelho e mesmo em Araucária ainda é a agricultura. Na atual fase de industrialização, muitos já deixaram suas terras - especialmente a nova geração - ou porque indenizados pela Petrobrás ou porque as venderam a indústrias, ou ainda porque procuraram outras atividades. A maioria dos que trabalham na refinaria e nas demais indústrias são provenientes do nordeste, de São Paulo, de Santa Catarina, do norte do Paraná. Este fato interferiu muito também na nova situação lingüística de Araucária.

A terra ainda é fértil, embora haja muita dificuldade na compra de implementos agrícolas, adubos, inseticidas, por culpa da crise econômica e da falta de amparo mais real ao agricultor também quando da venda de seus produtos. Acrescente-se a isso o depauperamento do solo pelo desmatamento, pela queima para o preparo do terreno, a exploração irracional sem rotação das terras para várias culturas, e a falta de mecanização em muitas áreas.

A lavoura, no aspecto social, é ainda bastante individualista, desaparecendo até o famoso mutirão (pixirum) dos primeiros imigrantes, que terminava em festa com música e danças.

O cooperativismo já opera mais amplamente, funcionando muito bem o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, instalado na sede de Araucária. O regime da pequena propriedade, de um lado, dá aos colonos autonomia e é bom sociologicamente; mas, economicamente, lhes traz limitações com estancamento e retrocesso de produção. Às vezes, a falta de lugar para armazenagem leva-os a perder parte da produção, exposta às intempéries. Uma ação comum evitaria tal problema.

Os produtos mais cultivados pelos 2890 agricultores do município são: soja, milho, batata inglesa (650.000 toneladas), trigo, arroz, aveia, feijão, mandioca, batata-doce, centeio, amendoim, melancia, alho, cevada, repolho, tomate, cebola, vários produtos hortigranjeiros, laranja, pêsego, pera, maçã, uva, figo, nectarina, caqui.

Fica evidente a policultura como uma das características de Araucária. Ela não é mais como a dos primeiros imigrantes. Cresceu e se desenvolveu. Preserva, porém, um sentido comunitário, quase tribal, o que caracteriza bem as pequenas províncias: acolhedora, humana e, agora, aliada ao progresso industrial.

### 3.4.3 Criação

A criação de animais restringia-se ao consumo próprio, como ainda acontece com a criação de suínos.

As famílias possuem algumas vacas, alguns cavalos, porcos para engorda, galinhas para ovos e carne.

Também nisto há muita mudança. Cavalos de boa estatura prestam serviços relevantes à agricultura nas pequenas propriedades, especialmente onde o trator não tem condições de trabalhar, num total aproximado de 2.410 cabeças. Existem dois grandes haras: Haras Silvio Colle e Haras Belmont. Em terrenos agora pertencentes à Petrobrás, havia a Coudelaria de Tindiquera, onde o Ministério da Guerra desenvolvia a criação de cavalos de raça e mantinha um campo experimental de cultura de ração, criando em média 200 potros por ano, principalmente da raça normanda.

O clima é especialíssimo para o gado leiteiro, com 168.000 litros vendidos por ano a estabelecimentos de laticínicos; o gado de corte engorda facilmente, devido à fartura do pasto e ao bom trato. Há 10 (dez) fazendas para tal fim e a Acarpa está à disposição dos interessados. Estima-se em 2.400 o número de cabeças.

Na avicultura, já em escala comercial e industrial, Araucária conta com 44 estabelecimentos agrícolas. A produção de ovos, em um ano, atinge 152.434.950 ovos, com um total aproximado de 849.500 aves. O pioneiro no setor é o Sr. Vicente Inkot, desde 1942, sendo, atualmente, os nisseis os que mais se dedicam às granjas de galinhas tanto poedeiras como para abate (Fazendinha).

Merece menção também a apicultura, o cultivo de cogumelos, um matadouro de cavalos e um biotério (criação de animais para laboratório).

Araucária, portanto, já tem, passados tantos anos da chegada dos imigrantes poloneses, uma criação melhorada e ampliada - mesmo sem ser o seu ponto forte de produção - em muito superior à do início. Observe-se a tabela:

"Tomas Coelho - 1886

Animais de Criação

Vacas	370
Cavalos	302
Porcos	96
Bezerros e	
Novilhos	17". <sup>26</sup>

3.4.4 Comércio

Prevalece nas colônias de Araucária, como São Miguel - Tomás Coelho, o pequeno comércio, com "negócios" e "vendas" que têm toda sorte de mercadorias: tecidos, agasalhos, roupas feitas, gêneros alimentícios, bebidas, ferramentas, miudezas, armarinhos, calçados, cosméticos, brinquedos, produtos de limpeza, querosene, etc.

No início da imigração, os poloneses só praticavam comércio de artigos de consumo, sendo muitos dos negócios baseados na troca de produtos. O comércio de tecidos, por exemplo, existia por conta dos árabes e só agora há grandes comerciantes neste ramo entre os poloneses.

Para o comércio de ferramentas e outros artigos relativos à lavoura, serviam-se dos carroceiros que iam à próxima Curitiba ou ao litoral, sobretudo no surto da erva-mate, e que, na volta, traziam-lhes tecidos, ferramentas agrícolas, frutas, açúcar, sementes, ferramentas para construções, pregos, dobradiças, etc.

Hoje, o comércio, nos mais diversos ramos de atividades, possui em torno de 350 estabelecimentos: lojas de tecidos e de roupas feitas, lojas de móveis e eletrodomésticos, armarinhos em geral, calçados, materiais de construção, supermercados.

Desapareceu o comércio à base de troca dos primeiros aqui chegados. Mesmo nas colônias mais distantes, o comércio não é mais uma atividade tão difícil, porque as comunicações são rápidas e fáceis, assim como as estradas lhes permitem franco e pronto acesso. Além disso, há muita facilidade de se vir até a sede de Araucária para se fazerem compras e aproveitar para resolver quaisquer outros eventuais problemas.

### III - O CONTACTO DAS LÍNGUAS

#### 1. QUADRO TEÓRICO

##### 1.1 Aculturação

Duas ou mais sociedades em contacto direto e contínuo agem uma sobre a outra, criando um intercâmbio cultural. Há transmissão de elementos culturais (materiais ou não) de um grupo para o outro. Através dela, selecionam-se os traços que são aceites, modificando-os de acordo com os próprios padrões tradicionais. Sob o aspecto individual, essa transmissão focaliza o processo pelo qual o indivíduo reage a uma nova cultura que o envolve ou em que penetra, como é o caso da imigração. Sob o aspecto grupal, focaliza as transformações e o destino das próprias culturas que entram em contacto, havendo um sincretismo ou a absorção da menos forte. Evidentemente, isto é válido para o contacto entre duas línguas, deixando a vencida substratos na vencedora. Significa que se conservam os hábitos articulatórios da língua materna.

A duração desse estado de aculturação é variável. Depende da natureza da população submetida à assimilação e também das circunstâncias históricas em que ocorram as interferências. Tal duração depende, em síntese, de três fatores<sup>27</sup>:

1. prestígio maior ou menor de ambas as culturas, que determinarão o ideal superior da comunidade;
2. grau de conservação das tradições do país de origem dos imigrados;

### 3. intensidade da ação assimiladora.

#### 1.2 A Interação Lingüística

A língua é uma das últimas formas de cultura a se entregarem, a cederem terreno e a serem absorvidas. Ela perdura e persiste, enquanto o grupo vive isolado e sua comunicação é sa-  
 fisfeita ao modo do país de origem. Na assimilação cultural, po-  
 rêm, a permanência da língua materna é um fator negativo e sua sobrevivência depende de sua função e uso na comunidade. A ne-  
 cessidade forçará o caminho da interação. À medida que o falan-  
 te cria tais necessidades pelos contactos a que se obriga, es-  
 tá recebendo e produzindo a interação. A comunicação varia de  
 acordo com o momento e o interlocutor. Daí, o falante usar ora  
 uma, ora outra língua, pois o contacto social propicia fatal-  
 mente a interação lingüística.

*Por menor que seja o valor social e cultu-  
 ral de uma língua (idioma) que se vê inva-  
 dida nos seus próprios domínios, por maior  
 que seja o prestígio da língua "superior",  
 ela deixará marcas na língua vencedora, im-  
 primirá um toque particular à linguagem u-  
 sada pelo grupo minoritário".<sup>28</sup>*

O falante termina, muitas vezes, por se acomodar total-  
 mente à nova língua. Para isto concorre, além da necessidade  
 de comunicação, o ideal de adquirir uma língua culturalmente  
 superior. Tal ideal depende do tipo de formação e mentalidade  
 do falante, mas também varia com o tempo. A interação até a

acomodação total é, pois, consequência da mente, da mudança a respeito do ideal lingüístico. Há, sem dúvida, resistência consciente ou inconsciente. Com a ajuda do tempo, porém, nada impedirá - nem o sentimento de desprestígio - a acomodação à língua vencedora, ainda mais se faltar ao falante o apoio da língua escrita de sua língua materna. Ele mudará o modo de pensar e assimilará a língua segunda, pois "a mudança do ideal da língua é a causa fundamental do abandono gradual da língua primeira"<sup>29</sup>.

### 1.3. Fatores de Preservação e de Inovação

No contacto entre duas línguas, há fatores que fazem com que, diante da língua segunda, a língua primeira busque, de um lado, a preservação de seus elementos e valores lingüísticos e, de outro lado, a inovação perante as novas circunstâncias.

Entre os fatores de preservação, podemos encontrar a tentativa de auto-afirmação nacional, após certo tempo sob o domínio estrangeiro. Nos casos de imigração, tal sentimento gera dificuldades, atrasando a assimilação e segurando até o processo de dialetação<sup>30</sup>. É uma compensação pelo que lhe foi negado sob a opressão. Outros fatores de preservação da língua primeira são o isolacionismo e a não-miscigenação com outros grupos étnicos, a igreja, a religião, a escola, as atividades culturais, a imprensa, a literatura e a diversidade lingüística (famílias lingüísticas diferentes).

Em sentido contrário, atuam forças que visam à inovação da língua, facilitando a dialetação. Dentre elas são as mais

decisivas: o meio ambiente, os contatos com a população nativa e a escola.

Esses fatores agem de modos diferentes sobre os indivíduos e sobre o grupo. Não ocorrem de modo igual em lugares e épocas diferentes. Os de preservação, "forças centrípetas"<sup>31</sup> perduram por mais tempo nas populações mais isoladas, mas, com o passar do tempo - e com o cessar do fluxo de imigração, nos casos de imigrantes - os fatores de inovação, "forças centrífugas"<sup>32</sup>, se impõem com grande impacto.

São estes, concisamente, os fatores que impõem condições ao processo de assimilação de uma língua dada, ditando-lhe rapidez ou lentidão.

#### 1.4 Bilingüismo

Bilingüismo é o uso simultâneo ou alternado de duas línguas. Ambas são aprendidas paralelamente, usando-as o bilíngüe naturalmente como se ambas fossem herdadas, de acordo com a situação social do momento.

Schmidt-Rohr, citado por Uriel Weinreich, distingue nove "campos do uso das línguas" numa comunidade bilíngüe: família, lugares de lazer, escola (com subdivisões), igreja, literatura, imprensa, exército, tribunais e governo. Segundo Braunshausen, também citado por Uriel Weinreich, isto não é totalmente certo com relação à família, pois:

- às vezes, os pais provêm de origens diferentes e cada qual poderá insistir em que seu filho aprenda a língua materna respectiva (do pai ou da mãe);

- às vezes, as crianças ficam expostas a influências de tutores;
- mas, principalmente "Las familias que han inmigrado a países extranjeros frecuentemente hablan su lengua nativa en casa, mientras que los niños emplean la lengua de su país de adopción en sus relaciones con los sirvientes y la población nativa"<sup>33</sup>.

A língua trazida, em situação minoritária e inferior, coloca-se entre as de substrato: ela sofrerá desvalorização gradual, bilingüismo e difusão de traços lingüísticos na linguagem oral da população.

Há no bilingüismo um período de equilíbrio, levando à criação de uma fala com elementos de ambas, formando um tipo de língua comum à comunidade. Por necessidade de compreensão mais rápida, sacrificam-se elementos lingüísticos distintivos de cada uma das línguas em contacto, buscando conservar apenas os traços comuns, uma influência mútua "por meio de reações íntimas, no interior dos sujeitos falantes"<sup>34</sup>.

O bilingüismo requer que as línguas sejam distintas e usadas em situações iguais e diferentes pelos mesmos falantes. Ele prevê a capacidade de entender e de se fazer entender, mesmo sem profundo conhecimento das línguas. O importante é a capacidade de usá-las a ponto de se expressar e compreender, conforme as necessidades do dia-a-dia. Tal situação é bastante rara, se se levarem em consideração todos os matizes do bilingüismo. Evidentemente, isto supõe dois grupos lingüísticos, cada qual com sua língua primeira (materna) e uma segunda (es-

trangeira) em relação à primeira. Assim, o bilingüismo pode ser verificado:

1. nas comunidades conquistadas por um povo de língua diversa;
2. nas famílias de língua herdada diversa da língua do país em que se radicaram.

*Y puesto que se trata de una poblaci3n de campesinos principalmente, com poca instrucci3n y con una jerarquía social poco estricta, podemos esperar que el tipo de bilíngüe que mezcla las dos lenguas indiscriminadamente sea relativamente frecuente"*<sup>35</sup>.

3. nas populações que vivem na fronteira entre dois países de línguas diferentes.

Todo fato lingüístico, porém, é fruto de um conjunto de situações e de circunstâncias que o caracterizam externa e internamente. Por isso, nenhum estudo lingüístico pode se desligar de outras disciplinas ligadas aos problemas de contacto entre línguas: sociologia, antropologia, psicologia, etc. Tanto quanto possível, têm que ser analisadas essas ligações.

#### 1.4.1 Características externas

Consultando-se o passado sócio-político, há três causas que originam o estado de contacto entre as línguas:

1. processos de expansão e unificação política;
2. movimentos migratórios;
3. contactos internacionais.

Dentre eles, ressaltamos os movimentos migratórios. Há causas e formas diferentes de migração. As causas são determinadas por forças incitadoras (revolução industrial, superpovoamento, fatores de ordem política, sócio-econômica, religiosa e psicológica) e por forças de atração (melhores oportunidades de vida, maior estabilidade econômica e um certo espírito aventureiro). Quanto às formas de migração, as duas mais comuns são a grupal e a individual. Nesta, pessoas ou famílias escolhem seu local de estabelecimento e profissão no país de imigração. Naquela, grupos mais ou menos grandes de famílias e indivíduos se estabelecem ao mesmo tempo e em conjunto num mesmo lugar pré-determinado, formando uma comunidade até certo ponto autônoma, continuando, tanto quanto possível, o "modus vivendi" do país de origem. Ambas se relacionam com a integração ao novo "habitat". A individual é mais rápida, pois seu sucesso depende da adaptação para a consecução dos objetivos que levaram o indivíduo à migração. A grupal é mais morosa na integração pelo próprio fato de cada indivíduo ter maior interesse imediato no próprio grupo que na comunidade que o recebe. Esta tem contra si vários fatores em relação à sua integração no país receptor. Tais fatores estão ligados ao bilingüismo que resulta dessa situação.

Cada grupo migratório homogêneo traz sua cultura e sua língua. Se estas são diferentes das do país em que se estabelecem, surge um obstáculo à adaptação. Seus componentes têm que aprender a língua dos nativos pelo próprio fato de serem

uma minoria étnica. Dominar a língua segunda é um pré-requisito para sua integração, para poderem subsistir e progredir no novo meio. Se houver semelhança entre a língua A (materna) e a língua B (a nova língua), a aprendizagem será mais fácil. Caso contrário, será mais lenta e difícil.

Geralmente, o grupo se fixa na zona rural por terem interesses agropecuários, justificáveis por seus motivos ao imigrarem. Isto, sem dúvida, contribui para o isolamento. O contacto com os nativos é mais limitado à área comercial. A área urbana exigiria contactos mais contínuos e dos quais não se poderia fugir. Restringindo-se as atividades e mantendo-se a homogeneidade de interação, menor é a chance de haver necessidade e urgência de integração.

O homem imigrante está mais exposto que a mulher ao contacto e à integração por seu trabalho. As ocupações domésticas favorecem o isolamento da mulher. Na zona rural, este fato é mais acentuado ainda que na zona urbana, pois a mulher só fará o contacto com o meio no supermercado e casas comerciais.

Outro fator a ser considerado é a idade e a educação do imigrante. Geralmente, são pessoas adultas que, ao chegarem, têm como preocupação maior o bem-estar próprio e da família. Isso leva o imigrante a isolar-se no trabalho, não dispondo de tempo para a aprendizagem da língua B, a não ser por meio de informações casuais e situações informais. Seu sistema lingüístico já sedimentado lhe dificulta também adquirir um novo sistema.

O falante adulto de uma língua não consegue pronunciar com facilidade os sons linguísticos de outra, embora não tenha nenhum impedimento articulatório e - o que é até mais impressionante - não consegue ouvir facilmente sons linguísticos que não sejam os de sua língua nativa, embora não sofra de nenhuma deficiência auditiva"<sup>36</sup>.

Evidentemente, isto já não acontece com os filhos, que têm condições formais e informais através do sistema educacional e de contactos sócio-culturais do meio social e da convivência com os jovens nativos ou filhos de imigrantes anteriores já integrados ao sistema da língua B.

No entanto, apesar do ensino sistemático da língua B, a integração será lenta, se o grupo tiver e mantiver sua própria escola. O jovem e o adulto têm contactos diferentes e atitudes diferentes. O jovem, mesmo que não tenha domínio completo da língua B, procura e não deixa de se entrosar na sociedade. Para o adulto, o não-domínio pode ser razão bastante para evitar a aproximação do seu meio.

Há, no bilingüismo, um fator mais forte que a língua que traz impedimento à maior integração: a religião. Ela está estreitamente ligada à identidade étnica e linguística. O grupo pode implantar sua igreja, onde, de início, será falada apenas a língua A (materna). Isto contribui para que se estabeleça e se mantenha o grupo fechado (ghetto). Há casos, porém, em que motivos sociais unem igrejas distintas, o que é altamente positivo na convivência com a sociedade receptora e na

integração do grupo imigrante.

O nível sócio-cultural é também importante na situação de bilingüismo. Os imigrantes mais socialmente hábeis e educados culturalmente se interessam e se dispõem mais a absorver o meio autóctone. Tal aculturação, apontada no início do capítulo, é favorecida pelos meios de comunicação: jornais, livros, revistas, rádio, televisão, cinema, teatro. À medida que avançam para as zonas rurais, estes meios rompem o isolamento cultural e possibilitam maiores oportunidades de aquisição da língua e cultura nacionais.

Convém ainda assinalar a mobilidade geográfica como grande fator de integração nos casos de bilingüismo. Ela envolve contactos interétnicos propiciados pelo conhecimento de aspectos sócio-culturais, numa interação maior com a população nativa, que é resultante do prestígio de um grupo minoritário migratório em seu novo meio.

Os fatores externos têm, pois, papel determinante no bilingüismo. Esses condicionamentos são significativos na proporção em que o indivíduo (ou o grupo) se integra com maior ou menor disposição e, ao mesmo tempo, explicam o tipo de bilingüismo numa determinada região.

#### 1.4.2 Características Internas

O primeiro problema que surge diz respeito à classificação dos tipos de bilingüismo, pois não há unanimidade a esse respeito. Há, porém, uma tendência em basear-se nas sugestões dadas por Weinreich: o coordenado, o composto e o subordinado<sup>37</sup>. Estudos posteriores, entretanto, consolidam a idéia



de que há sô dois tipos funcionais: o coordenado e o composto.

O coordenado compreende dois sistemas independentes, on de significante e significado se correspondem na língua A e um significante da língua B corresponde a um significado da língua B. São coexistentes, mas separados. Há interferência recíproca, não muito intensa. Osgood chama-o de "perfeito bilingüismo". Dificilmente, porém, representa a realidade linguística de um indivíduo ou de uma sociedade bilíngüe. A aprendizagem neste sistema acontece em meios distintos. Seu uso é delimitado conforme os interlocutores, os locais e os assuntos. A língua A é aprendida na família e a língua B, na escola e no trabalho.

O composto apresenta um sistema híbrido. Os significantes são equivalentes e correspondem a um mesmo significado - pertencente à estrutura semântica das duas línguas. Ele faz com que haja aprendizagem simultânea de ambas no ambiente familiar, usando os dois códigos as mesmas pessoas, nas mesmas situações.

Esses tipos de bilingüismo, na realidade, encontram-se misturados. Daí, a dificuldade em enquadrar o indivíduo ou o grupo num dos tipos.

A análise torna-se difícil também pelo grau de bilingüismo atingido pelo falante. Pode haver um nível elevado na compreensão oral e escrita da língua A e o mesmo nível ser mais baixo na língua B. Na expressão oral e escrita pode acontecer o mesmo. Neste caso, deve-se ter presente que mesmo nos unilíngües a habilidade de expressão é dificilmente atingida em alto grau de proficiência. O domínio das línguas é variável conforme as habilidades de comunicação. Ainda, segundo as situações,

existe dificuldade no uso correto ou não dos registros lingüísticos. Às vezes, a competência é a de um bilíngüe coordenado, às vezes, a de um bilíngüe composto. Por isso, a classificação deverá levar em conta a forma e o local de aprendizagem das línguas, a habilidade comunicativa e o domínio dos registros. Para tal, fazem-se necessários testes adequados e observações diretas.

Feitas essas considerações sobre o bilingüismo, torna-se importante e necessário adentrarmos o significado e a noção de interação ou "interferência" lingüística e suas relações com as condições do indivíduo e do contexto sócio-cultural.

#### 1.4.3 Interferência e suas relações com as condições do indivíduo e do contexto sócio-cultural

Não há correspondências semânticas exatas de língua para língua e surge o problema: até que ponto o falante bilíngüe consegue manter distintas as duas estruturas lingüísticas?

Pouquíssimos são os que conseguem manejar duas ou mais línguas sem que ocorra a "interferência lingüística", pois ela "se manifesta em todos os planos das línguas em contacto e em todos os graus"<sup>38</sup>.

A "interferência lingüística" é o desvio das normas de uma língua, resultante da maior familiaridade que o bilíngüe tem com uma que com outra. Ela está mais presente no bilíngüe composto que no bilíngüe coordenado. Esses desvios são causados pelas diferenças entre as línguas e/ou são elementos emprestados, transferidos ou provenientes de identificação entre as línguas.

Weinreich afirma que a interferência lingüística acontece nas duas línguas em contacto, sob o ponto de vista estrutural.

*Se puede decir (...) que una lengua dada 'acepta los elementos estructurales extranjeros solamente cuando éstos corresponden a a sus tendencias de desarrollo'. Sin embargo, debido a que esas tendencias internas latentes existen por definición, incluso sin la intervención de influencias extranjeras, se puede considerar que el contacto lingüístico y la consiguiente interferencia tienen en el mejor de los casos un efecto de impulso, el cual desencadena o acelera los fenómenos que maduran independientemente"*<sup>39</sup>.

A história da vida lingüística do falante e sua situação cultural, que são fatores não-estruturais, é que fazem com que a interferência ocorra numa só direção. Como bilíngüe, o falante se caracteriza pela maior ou menor aptidão na aquisição de nova língua, facilidade e capacidade de passar de uma língua para outra sem embaraçar as peculiaridades de cada uma. Há, no entanto, muitos fatores estimuladores ou inibidores da interferência. A raiz desses fatores está nas condições do indivíduo e do seu contexto sócio-cultural, levando-se em consideração que "os signos de cada língua formam uma estrutura sui generis"<sup>40</sup>, e o "falante comum usa esse sistema complexo de contrastes com rapidez e facilidade e geralmente não tem consciência de estar usando um sistema assim"<sup>41</sup>.

A língua materna, em geral, conserva um papel preponderante.

Há os que aprenderam a língua segunda após a língua A estar bem fixada (6-7 anos) e há os que viveram e falaram, desde a primeira infância, duas línguas. Segundo Penfield e Roberts, "o cérebro da criança perde a aptidão para codificar independentemente sistemas linguísticos diferentes e que, por essa razão, é preciso chegar a conservar essa aptidão, desenvolvendo desde muito cedo o bilingüismo"<sup>42</sup>.

Outro fator ponderável para o bilíngüe é o status das línguas. A língua aprendida por primeiro domina e contém maior envolvimento emocional. Ela é determinada por maior proficiência, maior uso verbal que escrito e ordem de aquisição. Para isso, concorre também sua utilidade na comunicação, seu peso e valor no âmbito social, literário e cultural.

No ato da fala, a interferência depende também da circunstância. Se um dos falantes for unilíngüe, a interferência será - assim como o próprio bilingüismo - evitada pelo bilíngüe. Se ambos forem bilíngües, a interferência ocorrerá, assim como quando o bilíngüe tiver mudadas as situações específicas em que usava uma das línguas. A dominância de uma das línguas é determinada tanto para o indivíduo como para o grupo pela própria sociedade, pois é ela que dita as situações e polícia a interferência. Por isso, se uma língua goza de maior prestígio, acaba sendo usada socialmente (fora de casa), enquanto que a outra restringe-se ao ambiente familiar, caracterizando casos de diglossia.

Uma vez que prevalece, então, a língua "que encarna a expansão política e cultural do corpo político implicado"<sup>43</sup>, deve-

se pelo menos fazer um esforço de manter a sobrevivência da outra, em sinal de respeito a outras culturas.

Esse aspecto é muito importante, porque devem ser consideradas as funções que as línguas desempenham na sociedade e as divisões lingüísticas e sócio-culturais dos grupos.

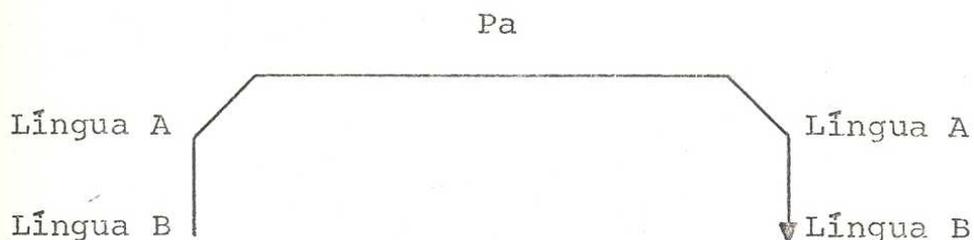
Dentro desse quadro de relações da interferência com o indivíduo e com o contexto sócio-cultural, cumpre também observar mais estas condições:

1. a divisão geográfica que restringe mais ou menos os contactos interlíngües;
2. a maior exposição da língua dos imigrantes à interferência pela necessidade de empréstimos impostos pelo meio ambiente;
3. a aceitação ou resistência por parte dos grupos, provocada pela diferença de traços culturais e elementos lingüísticos, pois "*será necessário sentir psicológica e sociologicamente as intenções da língua e dos indivíduos*"<sup>44</sup>.
4. a interferência recebe também a ação influenciadora da diferença de religião, de sexo, de idade, de status social, de ocupação, de localização em área urbana ou rural<sup>45</sup>.

Hã, portanto, situações bilíngües e períodos de interferência, fenômenos importantes de contacto das línguas se se trata de averiguar como as línguas mudam no tempo. Na verdade, toda interferência dependerá, enfim, da lealdade lingüística dos grupos e do tempo de duração do contato.

Permanece, todavia, uma pergunta: Como se processa a interferência no sujeito bilíngüe?

O conhecimento de uma ou mais línguas segundas baseia-se no emprego de um mesmo canal intermediário. Esse canal é constituído pela língua primeira. Nela, encaixam-se símbolos assimilados da língua segunda. Trata-se de uma "mistura" de dois sistemas lingüísticos, cujo processo pode ser assim representado:



Tomado isto por base, podemos detectar no sujeito falante uma seqüência de passos neuro-psico-fisiológicos:

1. recepção do estímulo lingüístico de uma língua segunda;
2. conversão desse estímulo em simbologia própria à língua primeira em seu espírito. ("locus" = falante);
3. transformação da simbologia em estimulações neurofisiológicas;
4. resposta - provocada pelas estimulações - por meio da simbologia costumeira, isto é, através da língua primeira;
5. finalmente, a substituição da primeira simbologia por outra menos corriqueira. O falante tenta achar pala-

vras e expressões semelhantes ou adequadas em outra língua<sup>46</sup>.

Pelo exposto, o bilingüismo interdepende das condições de cada falante bilíngüe e das condições do contexto sócio-cultural em que se encontram envolvidas as duas línguas em contacto.

#### 1.4.4 Ordens de Interferência<sup>47</sup>

Desde que se queira examinar bilingüismo e suas consequências, uma grande preocupação é detectar e analisar os diferentes tipos de interferência: fonológica, lexical e gramatical.

A interferência fonológica é um problema de substituição de som ("sound substitution"), que acontece de quatro modos:

1. Hipodiferenciação de fonemas.
2. Hiperdiferenciação de fonemas.
3. Reinterpretação das distinções.
4. Substituição de fone.

A interferência lexical implica as maneiras pelas quais o léxico de uma língua interfere no de uma outra e vice-versa. Isto pode acontecer:

1. pela interferência lexical em si mesma.
2. pela transferência cabal de palavras.
3. pela adaptação fonológica de cognatos.
4. pela retenção consciente de uma palavra "indígena", depois de haver um empréstimo equivalente.

A interferência gramatical diz respeito à transferência do sistema morfológico e sintático, abrangendo a ordem das palavras, as relações das palavras entre si e os morfemas. É muito comum a transferência proveniente das línguas em que a função dos sintagmas se caracteriza pela posição que eles ocupam no enunciado. São as chamadas línguas de "ordem fixa". Estas realizam interferências nas línguas em que os determinantes do predicado são marcados por meio dos monemas funcionais específicos, isto é, nas línguas de "ordem livre".

## 2. A SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA DA COLÔNIA POLONESA DE ARAUCÁRIA

### 2.1 Visão Geral do Uso das Línguas Portuguesa e Polonesa

Sem dúvida, em Araucária e em suas colônias se processa ainda a aculturação nos campos social, religioso, cultural e lingüístico. Etnias diferentes estabelecem contato entre si tendo cada um seu passado histórico, seus costumes, sua cultura espiritual e material e sua língua.

Os imigrantes, por serem minoria em ambiente totalmente estranho, procuraram viver isolados, em atitude de defesa. Com o passar do tempo, entram em contactos variados, porque é inevitável e necessário que se faça isto para a sobrevivência, dando origem a modificações na sua estrutura interna, na adaptação, nos ideais de vida, na mentalidade. Durante muito tempo, o imigrante e seus descendentes deram maior prestígio à cultura e à língua polonesas. Era o ideal da comunidade em Araucária. Suas atitudes e comportamento em relação às suas tradições eram mais conservadores. Atualmente, a mentalidade a esse

respeito está bastante mudada e a ação assimiladora por parte da cultura e língua portuguesa (brasileira) se faz muito mais intensa.

"Numericamente os poloneses suplantavam os caboclos, de forma que lhes era fácil utilizar-se da língua polonesa e conservar as tradições e os costumes"<sup>48</sup>. Apesar da proibição de línguas estrangeiras em 1937, eles continuaram a usar até hoje, em algumas colônias as duas línguas: a polonesa, que aprendem em casa, e a portuguesa, que aprendem na escola.

O processo de aculturação da comunidade polonesa de A-raucária foi lento e assistemático:

- através de contactos indispensáveis com as autoridades para resolver problemas, especialmente sobre suas terras;
- através de contactos comerciais;
- através do exercício da profissão ou trabalho fora do seu grupo, pois, assim como na agricultura, os poloneses dominavam o setor das profissões artesanais, ligadas intimamente a atividades derivadas de necessidades da agricultura (ferreiros, sapateiros, alfaiates, marceneiros, carpinteiros, segeiros, açougueiros, pedreiros, seleiros, etc.).

Hoje, a situação é bastante diversa da do início, mas subsistem situações e atitudes semelhantes. Os que, por motivos diversos, saem de São Miguel - Tomás Coelho ou de qualquer outra das comunidades, ao voltarem, trazem consigo, como "importação", novos hábitos em forma de cultura, difundindo-os, mas nem sempre são bem recebidos. Há, por parte dos que ficaram

na comunidade, uma atitude de certa reserva em relação àqueles que dela saíram e voltam com idéias diferentes das do lugar. São, às vezes, recebidos como quem já não pertence ao grupo ou como um estranho. Esse tipo de resistência, embora mais branda, sempre se reforçou na organização familiar com casamentos quase que só entre os da mesma etnia e lugar.

É importante que se perceba também que as interferências, no entanto, não dependem apenas dos bilíngües polono-brasileiros atualmente. Os meios de comunicação estão sendo mais e mais os grandes responsáveis pelo aceleramento da aculturação e abandono das características polonesas.

Considerando-se, porém, o tempo e dispersão por todo o Estado, a proximidade da capital e o fato de que vivemos outra era, pode-se perceber que os hábitos lingüísticos mudaram muito. A influência é bilateral. A assimilação se faz mais acelerada, nítida e profunda.

Desde o início, ocupando várias colônias ao redor de Curitiba, os poloneses formaram o primeiro "cinturão verde" da capital. O polonês de Araucária ainda hoje, em sua maioria, está dentro desse padrão. Não existe, todavia, o "complexo de inferioridade" que lhe foi atribuído, pela identificação com o meio rural, como consequência da "hostilidade do nacional ao não nacional"<sup>49</sup>.

Araucária e seus descendentes poloneses nas várias colônias cada vez mais assimila a cultura brasileira, de igual para igual, realizando o que era um sonho para os antepassados através de suas sociedades e escolas. Muitas dessas entidades ainda existem e servem de testemunha da busca de adaptação e sobrevivência.

A adaptação lingüística com suas interferências surge, nos diversos aspectos, no linguajar dos poloneses araucarienses. Ainda é bem forte a presença de elementos caracterizadores de sua língua materna, lexicais, gramaticais e fonológicos. Não há mais a presença de lideranças leigas e religiosas que se preocupavam para que os poloneses "não tivessem contactos com os locais e não dependessem" dos nativos, visando à preservação da língua polonesa<sup>50</sup>. Em casa, a maioria dos entrevistados no presente trabalho só fala polonês. Aprenderam e aprendem a língua portuguesa (o "brasileiro", como chamam) na escola, ou obrigados pelos contactos comerciais ou uso dos serviços públicos. A tendência pende para o português por necessidade de mais clareza e utilidade. Muitos polono-brasileiros não conseguem ultrapassar essa barreira e, por isso, optam pelo isolamento, que lhes dá segurança e certeza.

Desde o início, a concorrência foi evidente, mas as línguas, isto é, as comunidades lingüísticas, não têm a mesma força nem a mesma resistência. Apesar de os anos terem passado, o polonês é falado por muitos desde a mais tenra idade, embora ceda lugar gradativamente ao português, pois, além de este corresponder melhor às necessidades, é a língua nacional. Os imigrantes e seus descendentes já não se consideram mais poloneses que brasileiros. Daí, o sentimento de polonidade e de prestígio da língua materna não ser mais tão rigoroso. A conservação e a resistência consciente ou inconsciente ao desprestígio de sua língua torna-se menos intransigente. Já lhes falta inclusive o apoio da língua escrita, que foi, durante muitos anos, seu grande instrumento na manutenção da língua, aliado às escolas-sociedade. Estas ainda estão lá, nos mesmos locais de

100 anos atrás, presenciando a absorção da língua polonesa, depois de terem impedido "que seus filhos tivessem maior acesso à língua portuguesa"<sup>51</sup>.

A comunidade polonesa de Araucária já sente a substituição progressiva da sua língua materna, sem violência, reduzindo-a a pequenas ilhas, como as das colônias observadas, até que haja a total absorção. Seu apego à língua polonesa, apesar dos anos, é facilmente explicável: está arraigado no fundo de suas almas, por motivos próprios, subjetivos, religiosos, pátrios, num intrincado de luta pela sobrevivência e sentimento de polonidade. Em suas aldeias na Polônia, nem as escolas eram polonesas. Lecionava-se em língua alienígena - prussiano, russo - e os poloneses chegaram a ter repulsa por escolas. Aqui, acostumados que estavam a serem orientados e mandados, foram logo percebendo que deviam fazer algo por si e para si mesmos. Felizes de se servirem como bem entendiam da língua que traziam, tomaram a iniciativa surpreendente de fundar escolas para alfabetizar seus filhos, mesmo porque escolas não eram oferecidas aos filhos dos colonos. O entusiasmo de usar a língua polonesa e ensiná-la a seus filhos era muito grande. Daí a razão de transmitirem sua língua com tanto esforço, identificando-se com a pátria longínqua. Por isso, queremos apresentar suas características que ainda subsistem e que fatalmente deixaram e deixam marcas no português de Araucária (e de outras regiões colonizadas por poloneses), pois,

*por menor que seja o valor social e cultural de um idioma que se vê invadido nos seus próprios domínios, por maior que seja o prestígio da língua "superior", ele*

*deixará marcas na língua vencedora, imprimirá um toque particular à linguagem usada pelo grupo minoritário*<sup>52</sup>.

Araucária está na fase do bilingüismo. Não há conflito, mas influência mútua "por meio de reações íntimas, no interior dos sujeitos falantes"<sup>53</sup>. A língua materna ou primeira foi aprendida em Araucária, durante anos, sem sistematização, na infância - e, mais tarde, com o ensino sistemático das escolas-sociedade, até sua proibição, em 1937, como vimos anteriormente. Hoje, porém, continua sendo ensinada em casa e muitas crianças só vêm a aprender a língua portuguesa na escola, de 1a. a 4a. série do 1º grau, demonstrando na fala as características do polonês. O português se faz necessário na comunicação com o meio externo e é, não raras vezes, encarado assim: "ah! português é muito difícil, ih!"<sup>54</sup>.

Essa fase de interpenetração polono-portuguesa no bilíngüe de Araucária acontece no aspecto fonológico, lexical e gramatical, variando o grau de intensidade e de extensão. Aos poucos, a maior aquisição é a do português por parte do polonês, havendo muitos casos em que "se esqueceu" o polonês. Não existe no falante a preocupação de infiltrar no português estruturas do polonês, língua materna. No entanto, inconscientemente se processa no seu interior uma valorização dos traços lingüísticos da língua segunda (português), simultaneamente com a conservação de traços da língua primeira (polonês). Há um período de equilíbrio, levando à criação de uma fala com elementos de ambas, formando uma língua comum à comunidade, predominando levemente a língua segunda. Por necessidade de compreensão mais rápida, sacrificam-se elementos lingüísticos distintivos de ca

da uma, buscando conservar apenas os traços comuns.

Tal comportamento é natural: a língua polonesa foi herdada dos primeiros imigrantes com grande apego. Eles se agarraram a ela como símbolo de sua unidade na Nova Polônia e sinal de total fidelidade ao sentimento de polonidade, numa terra que lhes dava condições de liberdade para se desenvolverem. Até hoje, esse sentimento é suficientemente forte para motivar o uso do polonês, pelo menos na intimidade familiar e nos círculos mais unidos. Há neste comportamento um

*apego emotivo inevitable hacia la lengua materna aprendida en la niñez (que) hace que toda desviación con respecto a este fenomeno sea repulsiva. Las diferencias de temperamento pueden hacer que los individuos reaccionen de diferentes maneras ante la inercia natural. Sin embargo, poniendo esto de lado, el grado en que se despliega la lealtad varía junto con los demás factores socioculturales de una situación de contacto a otra<sup>55</sup>.*

A língua materna predominou no período de adaptação, mas, com o passar do tempo, ela se limita aos círculos familiares e de amizade, em assuntos cotidianos e íntimos, na comunicação intragrupal.

A língua segunda é usada na comunicação intergrupala, na educação (escola), no trabalho - desde que fora de seu meio cam-pesino, pois muitos em Araucária e em suas colônias se comunicam em polonês no trabalho da lavoura - e na sociedade em geral. Aí acontece a passagem gradativa da língua A para a lín-

gua B por parte dos imigrantes. Além disso, os adultos têm a preocupação pelo bem-estar próprio e da família. Os imigrantes poloneses e gerações subseqüentes, desde 1876, isolaram-se no trabalho, não dispendo de tempo e de maiores oportunidades para a aprendizagem da língua B, a não ser por informações casuais e situações informais. Seu sistema lingüístico já sedimentado lhes dificulta também adquirir um novo sistema, pois

*provavelmente, pelo fato de o uso do sistema fônico de uma língua funcionar como um sistema de hábitos automáticos ou semi-automáticos, seja extremamente difícil mudar qualquer coisa nesse sistema. Existe uma força incrivelmente poderosa unindo as unidades - os fonemas - de qualquer língua no seu complexo de contrastes. O falante adulto de uma língua não consegue pronunciar com facilidade os sons lingüísticos de outra, embora não tenha nenhum impedimento articulatório e - o que é até mais impressionante - não consegue ouvir facilmente sons lingüísticos que não sejam os de sua língua nativa, embora não sofra de nenhuma deficiência auditiva"<sup>56</sup>.*

Evidentemente, isto já não acontece com os filhos que têm condições formais e informais através do sistema educacional e de contatos sócio-culturais do meio social e da convivência com os jovens nativos ou filhos de imigrantes anteriores, já integrados ao sistema da língua B. No entanto, apesar do ensino sistemático da língua B, a integração tem sido lenta, por

que a comunidade polonesa sempre manteve suas próprias escolas, fundando-as e mantendo-as por muito tempo, ensinando em língua polonesa.

A religião também exerceu grande influência na manutenção do polonês e da situação bilíngüe dos poloneses e seus descendentes de Araucária, especialmente no início em São Miguel-verdadeira "Meca" dos imigrantes. Até hoje muitas orações são feitas em língua polonesa. Conforme o tipo da prática religiosa, só se usa a língua polonesa caracterizando um caso de diglossia (confissão, enterro, orações da manhã e da noite, saudações, rosário vivo), especialmente entre os mais idosos.

Além do fator tempo e dos contatos mais constantes, os meios de comunicação favorecem e forçam o uso da língua portuguesa. Com a abertura de estradas, com a eletrificação rural em quase todos os pontos do município e com a instalação de linhas telefônicas em vários lugares, Araucária recebeu maiores influências para a aquisição da língua portuguesa. Com a vinda da Petrobrás e, conseqüentemente, de muitas indústrias, pessoas de muitas procedências e outras etnias trouxeram seus hábitos lingüísticos para Araucária. Isso acrescentou mais um aspecto ao linguajar araucariense. No entanto, a tônica de sua fala é caracterizada pelo toque polonês, presentes na fonologia, no léxico, na ordem frasal e na regência. A maioria de sua população é descendente de imigrantes poloneses e, mesmo com a atual afluência de elementos de outras etnias e de outras regiões do Brasil, a situação não poderia ser diferente.

Frise-se, porém, que há colônias ainda ligadas ao polonês e há lugares em que se fala só português, sendo o polonês uma etapa já pertencente ao passado. O resultado disso é uma fala portuguesa com alguns pontos que deixam transparecer os traços lingüísticos do polonês. Nosso objetivo é examinar esta situação peculiar de Araucária, ressalvadas as situações em que o contacto e o uso da língua polonesa há muito deixaram de existir e a influência da língua portuguesa, através das escolas nos diversos graus de ensino, eliminou possíveis traços característicos da língua polonesa.

Há uma continuidade de pronúncia polonesa (e de prosódia) no momento em que o falante bilíngüe passa para o português, porém, sem regras fixas ou pré-estabelecidas. Evidentemente, esse fato não se deve nem à hereditariedade biológica nem à incapacidade fisiológica. Tais "erros" na pronúncia perduram por várias gerações, como aqui se comprova, e podem caracterizar um tipo lingüístico. O motivo é simples: adaptação imperfeita do estilo próprio de articulação de uma língua eslava à estrutura fônica de uma língua românica.

O português é eslavizado superficialmente pelo falante polonês. A pronúncia do português molda-se pelos hábitos articulatórios próprios do polonês e pela entonação vocabular e fraseológica, que logo traem o falante de origem polonesa. Isto ocorre na linha língua vencida - língua vencedora. Esta, no entanto, não é a língua culta; divorciada quase totalmente da norma culta, tornou-se uma forma dialetal que foge do "bom uso", própria dos caboclos brasileiros. Sua fala "brasileira" é o português do caboclo transmitido aos imigrantes desde sua chegada, em 1876. E é exatamente por não ser um ideal superior de

língua, que o português não tem tido o suficiente prestígio para se impor com autoridade total aos falantes bilíngües de origem polonesa de Araucária.

Neste aspecto, é necessário que se frise um outro ângulo da questão: há certos ambientes sociais em que o descendente procura omitir até a sua ascendência, a sua origem, por necessidade de afirmação e status social, tendo, assim, maior prestígio.

*En ciertas circunstancias, el dominio de una lengua se hace importante para un individuo no solo como medio de comunicación sino también como una manera de progresar en la sociedad... para alcanzar status social. Algunas veces, las condiciones del progreso social pueden incluso exigir la supuesta ignorancia de una lengua, que puede ser la lengua materna de una persona"<sup>57</sup>.*

Isto, porém, não ocorre nas localidades visitadas no presente trabalho.

Por não conhecer bem, ou dominar apenas superficialmente e só oralmente a língua que lhe serve de modelo, o falante polono-brasileiro reproduz os sons, procurando acomodá-los. Neste processo, ele:

- descuida-se nas formas desconhecidas ou de pronúncia difícil;
- substitui os sons difíceis por outros que lhe sejam mais próximos, ou pelos habituais naquele tipo de estrutura fonológica;

- introduz fonemas novos para dar à palavra um aspecto familiar;
- e muda o acento quanto à qualidade e quanto à posição na palavra (em polonês todas são paroxítonas, com poucas exceções).

São esses os pontos observáveis no linguajar do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária, especificamente em algumas de suas colônias que bem representam a situação geral: São Miguel - Tomás Coelho, Rio Verde, Colônia Cristina, Costeira, Estação.

Isto posto, passemos à consideração dos casos de interferência do falante polono-brasileiro quando usa o português, no que se refere à gramática, ao léxico, à semântica e, por fim, à fonologia.

## 2.2 Interferência Gramatical

O presente trabalho tem por objetivo principal a interferência fonológica. No entanto, é oportuno que se apresentem certos casos de interferência por parte do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária no que se refere à gramática (ordem, regência, concordância, ausência de conetivo nos numerais, diminutivos, gênero, determinação), ao léxico e à semântica.

Convém estabelecer que gramática ou estrutura gramatical deve ser entendida como um conjunto de dispositivos formais sistemáticos usados na língua para transmitir certos sentidos e relações. Não se restringe ao mero uso, nem a regras absolutas de correção, nem a definições ou termos gramaticais à antiga.

A interferência nas estruturas gramaticais da língua portuguesa, por parte do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária, aparece especialmente na ordem dos elementos da frase, na concordância e na regência, tanto nominal como verbal - aqui há influência mais do português falado pelo caboclo do que da língua polonesa -, na indicação do gênero e na determinação.

### 2.2.1 Ordem

O polonês é uma língua do tipo sintético, isto é, com sistema de declinações: exprime as relações sintáticas através de flexões ou pela modificação da raiz. Possui os casos nominativo, vocativo, genitivo, dativo, ablativo, acusativo, instrumental e locativo. Isto oferece muita liberdade ao falante para construir suas frases. Os hábitos da construção da língua polonesa passam inconscientemente para a produção de suas frases em língua portuguesa. Ora, a língua portuguesa é do tipo analítico, isto é, exprime as relações sintáticas através da ordem, da regência (preposições, pronomes) e da concordância. O bilíngüe polono-brasileiro fatalmente empregará estruturas gramaticais da língua polonesa ao falar a língua portuguesa. Daí, a estranheza de muitas de suas frases portuguesas.

A língua portuguesa, quando diz "o leão matou o tigre" ou "o tigre matou o leão", não deixa claro quem matou quem, a não ser que se leve em consideração a ordem, em que o primeiro elemento é o sujeito agente.

A língua polonesa não tem esse tipo de dificuldade, pois, se quiser dizer que foi o leão que matou o tigre, isto ficará claro pelo uso do acusativo na palavra "tigre", não importando a ordem dos elementos.

Lew zabił tygrysa. = O leão matou o tigre.

Tygrysa zabił lew. = O leão matou o tigre.

Tygrysa lew zabił. = O leão matou o tigre.

Lew tygrysa zabił. = O leão matou o tigre.

Outro Exemplo:

Sofia tem um bonito vestido.

Zosia ma ładną sukienkę.

ładną sukienkę ma Zosia

ładną ma Zosia sukienkę

Sukienkę ładną ma Zosia

Zosia ma sukienkę ładną

Ma Zosia ładną sukienkę

ładną sukienkę Zosia ma.

Dada essa liberdade de construção sem alteração de significado, o bilíngüe polono-brasileiro transporta esse hábito lingüístico para a construção de frases portuguesas e, embora sinta estar falando um bom português, está impregnando-o de torneios de frase à polonesa. (Algumas seriam explicáveis pela ordem indireta na língua portuguesa; porém, note-se que a ordem indireta não é o comum na fala do povo brasileiro e, sim, um efeito estilístico usado por quem domina melhor a estrutura gramatical do português.)

Por tais motivos, encontramos frases assim:

"Uma friage peguei".

"Canal 4 passei".

"Soltá cachoro em cima vai".

"na staçon da rocária velha, nê".

"não tem ninguém mais achque".

"pr'a vila foi".

"na escola já está andando ele".

"trabaiã na roça agora imo".

"comprava um trator todo ano novo".

### 2.2.2 Concordância e Regência

A sintaxe de concordância na língua polonesa é quase a mesma que na portuguesa, não apresentando dificuldades.

A sintaxe de regência, porém, apresenta grandes diferenças no uso específico dos casos, uma vez que a função é determinada pela flexão através da declinação, sem necessidade de outros recursos morfo-sintáticos.

No entanto, neste aspecto, o que mais se observa não é a interferência da concordância e da regência na língua polonesa; as dificuldades se caracterizam pela influência do português não-padrão do caboclo, com o qual o imigrante tomou contato e de quem recebeu o modelo de fala portuguesa.

Assim sendo, encontramos casos como:

"tavam tudo em casa".

"vamo se virá".

"queimei tudo meu bolso".

"mais baruieto que existe aí é eu".

"eu que mais se interessei".

"conversá cum nóis".

"nunca o tifo surgiu quando eles estavam individuais".

"morreu mais de 500 pessoas".

"eles tenham (= têm) ôtra (= outra) pipoca".

"eles andam malexo".

"precisa ter cabeça".

"consultar com o médico".

"dos meu falecido avô".

"eu se arranco".

"batemo um papo lâ".

"tomemo umas pinga".

"os caboclada".

"enteremo"; "fiquemo"; "demoremo"; "matemo"; "compremo";

etc.

Fato igualmente interessante é o uso de "se" com os ver bos, não como pronome reflexivo, mas como dativo (= para si).

A língua polonesa usa o pronome "się" em sentido vago como objeto direto (acusativo), podendo significar me, te, se, nos, vos. Usa também, e mais frequentemente, o pronome "sobie" como objeto indireto (dativo) "para si".

Surgem daí as interferências, como podemos ver neste exemplo: "ela se fez de bolo".

Nessa frase, que significa "ela fez um bolo", verificam-se duas interferências do polonês, que se podem perceber comparando-a com a frase polonesa correspondente:

"ona zrobiła sobie bola".

Há uma interferência relativa ao uso de "de" diante de "bolo". Acontece que "bolo", em polonês, pode ser acusativo e genitivo. Ao transpor seu pensamento para o português, o falante confunde-se e acaba dizendo "de bolo". A outra interferência relaciona-se ao uso de "se", conforme o que foi exposto acima, dando a idéia de "para si".

O mesmo acontece com "ele se comprou sapatos", ao compararmos com o polonês "on kupił sobie buty", "on się kupił buty".

Esse hábito do uso de "sobie" e de "się" (que se aproxima da pronúncia do "se" português) é adotado para toda frase que tenha sentido dativo, mesmo que substituindo me, te, se, nos, vos.

Por isso, ao falar a língua portuguesa, o falante bilíngüe polono-brasileiro de Araucária, diz frases assim:

"ele se emprestô dinheiro".

"se pegue e se coma" (= sirva-se)

"se tirem comida". (= sirvam-se)

"eu se machuquei".

"nóis se levemo comida".

"eu se escolhi esta (camisa)". etc.

Ainda com relação à interferência gramatical, há mais alguns aspectos a ressaltar:

1. A ausência do conetivo "e" nos numerais.

A razão desta ausência se explica pelos números em polonês, compostos por simples aposição, dispensando-se assim o conetivo.

"quarenta oito" (48)

"mil novecentos cinqüenta um" (1951)

"trinta oito" (38)

"quarenta cinco" (45)

"duzentos quarenta" (240)

"oitenta oito" (88)

2. Reinterpretação e adaptação do português, juntando ao semantema português um morfema (sufixo ou desinência) polonês. Acontece, por exemplo, com os verbos. Em polonês, os verbos sempre terminam em c ou ć. Então, adaptam-se verbos portugueses, na desinência de infinitivo e também nas desinências modo-temporais. Tomemos o Presente do Indicativo do verbo "kochać" (= amar) e do "pisać" (= escrever):

kocha-m	amo	pisz-ę	escreve
kocha-sz	amas	pisz-esz	escreves
kocha	ama	pisz-e	escreve
kocha-my	amamos	pisz-emy	escrevemos
kocha-cie	amais	pisz-ecie	escreveis
kocha-ją	amam	pisz-ą	escrevem

As desinências -m, -sz, -my, -cie, -ją, -ę, -esz, -e, -emy, -ecie, -ą, serão adaptadas em verbos que já sofrem adaptação no infinitivo, como:

kobrować	=	cobrar
fojsować	=	cortar com foice
lasować	=	laçar
tratować	=	tratar
awizować	=	avisar

3. Há grande presença do diminutivo - sufixo polonês no vocabulário português - quer indicando grau, quer significando o lado afetivo da linguagem, como também adaptações de sufixos poloneses.

kuyka	- dim. de cuia
basyjka	- dim. de bacia
bisiek	- dim. de bicho
kajsionek	- dim. de caixão <sup>58</sup>
Brazylijski	- brasileiro
Kurytybski	- curitibano

4. Além dos casos citados, ocorre também a interferência mútua com deturpações, criando hibridismos; como
- "bardzo duro" - muito difícil, duro
- "za forte" - muito forte
- "dać certo" - dá certo
- "será że" - será que.
- Ou então, o emprego errado de formas verbais como "tenham" (= têm), venham (= vêm) e saiam (= saem).
- "Eu acho que eles venham (= eu acho que eles vêm).
- Existem, portanto, influências do polonês e/ou do caboclo (imo, fumo "fomos", cartera, tuda vida, "tão tudo aí) nos casos de interferências na fala do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária, especialmente quando se fala "só polonês"<sup>59</sup> em casa, e a escola é, para muitos "o primeiro lugar em que aprendem português"<sup>60</sup>, que é, para a maioria dos entrevistados, o "mais difícil"<sup>61</sup>.

### 2.2.3 Gênero

Na língua polonesa os vocábulos masculinos são:

- os que indicam seres vivos do sexo masculino.
  - człowiek = o homem
  - ojciec = o pai

kogut = o galo

2. os nomes dos meses do ano.

styczeń = janeiro

marzec = março

3. os nomes terminados nas consoantes duras (não abrandadas):

p, b, f, v, m, t, d, s, z, r, c, n, l, ł, g, k, etc. - todas que não precedam i nem tenham o acento (˘) sobre si.

dom = a casa

stół = a mesa

wóz = o carro

4. alguns nomes terminados em -a, pela significação.

cieśla = o carpinteiro

radca = o conselheiro

sknera = o avaro

São femininos:

1. os que indicam seres vivos do sexo feminino.

kobieta = a mulher

matka = a mãe

kura = a galinha

2. Os nomes terminados nas vogais -a, -i e nas consoantes moles (com poucas exceções). Todas as consoantes duras transformam-se em moles ou abrandadas. Isto ocorre por meio da vogal i e da vogal e, de modo especial, co-

mo em "cicho" / tsiho / (= quieto). Ocorre, no entanto, também antes de todas as vogais das diversas consoantes e no fim das palavras. Esse abrandamento (ou molificação) é marcado por um acento agudo (´) sobre a consoante.

ċ, ŋ, ś, ź, etc.

kośċ /kostš / = o osso

źródło / z(i)rudwo / = a fonte

koń / 'koń / = o cavalo

São neutros:

1. os que designam crianças, moças, animais novos, nomes de algarismos, dos números cardinais, das letras e frases substantivadas:

dziecię = a criancinha

źrebię = o potro

pięć = cinco

2. todos os nomes terminados em -o, -e, -ę

dzieło = a obra

pole = o campo

cielę = o bezerro

Nosso falante, para determinar o gênero - quando fala português-ou baseia-se na regra geral da terminação em polonês, identificando essa terminação na palavra portuguesa, ou se baseia no gênero da palavra em polonês, pela significação. Por isso, temos:

"a sal", porque "sól" (= sal) é palavra feminina em polonês.

"a sangue", porque "krew" (= sangue) é palavra feminina em polonês.

"o ponte", porque "most" (= ponte) é palavra masculina em polonês.

"o dor", porque "ból" (= dor) é palavra masculina em polonês.

"a fubã", porque as palavras terminadas em -a são femininas em polonês. (Ainda temos o detalhe: com exceções, as palavras são todas paroxítonas em polonês. Daí, dizerem / 'fu.ba / . )

"a tomate", porque as palavras terminadas em -e são neutras em polonês, gerando confusão no português, pois neste o falante não encontra o neutro e, ao optar pelos artigos "o" ou "a", escolheu e automatizou o errado.

Convém anotar, ainda quanto ao gênero, o uso indistinto da preposição na por parte do bilíngüe polono-brasileiro.

A língua polonesa usa a preposição na (sobre) para marcar as festas do ano ou os dias da semana e, também, com acusativo e com locativo. Os únicos casos que não admitem preposição no polonês são o nominativo e o vocativo. As preposições sempre são colocadas diante dos nomes. Por exemplo:

"na Nowy Rok" = no Ano Novo

"na wielkanoc" = na Páscoa

"moj brat jest na wsi" = meu irmão está no campo

"kamień jest na moście" = a pedra está sobre a ponte

"na pogadankę i na herbatkę" = em conversa e em bebida, conversando e bebendo

"na 6% na poŻ roku" = a 6% ao ano.

Quando o bilíngüe polono-brasileiro fala português, usa a preposição polonesa na, sem ter noção da combinação em (prep.) + a (art.) = na. É apenas uma coincidência formal, sem correspondência quanto ao significado. Por isso, o falante usa na segundo o hábito lingüístico polonês. Então encontramos frases do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária como estas:

"foi na escola".

"foi na pescade".

"entrô na mato".

"ficô na caro".

"muntô na cavalo".

"ele caiu na chão".

"nunca andô na trem".

"imo na baile".

"tava esperando na portão".

"fui na médico".

"está na paior".

"eles tavam na casamento".

"pulô na muro".

#### 2.2.4 Determinação

A classe dos artigos inexistente na língua polonesa. Daí por que o falante polono-brasileiro simplesmente omite o artigo ao falar português, pois é "extremamente difícil mudar qualquer coisa num sistema de hábitos automáticos ou semi-automáticos"<sup>52</sup>.

Existem no polonês 09 (nove) categorias gramaticais: substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Não há artigos, nem defini-

dos, nem indefinidos; a palavra "brat", por exemplo, pode tanto significar "o irmão", como "um irmão".

Assim, apesar da adaptação progressiva na direção língua vencedora - língua vencida no uso do português, o falante polono-brasileiro de Araucária, habituado ao uso polonês, não emprega artigo ao falar português, como nestes exemplos:

"vaca pulô na nossa frente".

"caminhão vinha vindo com luz bem acesa".

"caminhão passô, vaca pulô, bateu...".

"vaca foi continuando andando".

"menino viu aquilo".

"padre vem amanhã aqui".

### 2.3 Interferência Lexical

Quanto à interferência de vocabulário da língua polonesa no vocabulário da língua portuguesa, pouco temos a dizer. Pelas próprias circunstâncias, são as palavras portuguesas que são assimiladas e adaptadas na fala polonesa, muito mais que o contrário. E sobre este tema, temos a destacar o trabalho do Prof. Mariano Kawka em Os Brasileirismos no Dialeto Polono-Brasileiro. Diante das condições históricas, do nível cultural dos imigrantes, dos seus objetivos primeiramente de melhorar sua vida pela posse de terras, e do crescente prestígio e necessidade de usar a língua portuguesa, a interferência no vocabulário aconteceu do português no polonês. Há, portanto, palavras portuguesas adaptadas ao falar polonês, sendo raro o caso contrário. Não constatamos palavras polonesas aportuguesadas. Se são usadas, é porque assim elas são em polonês, ou adquiridas pelos falantes quando eles já estavam no Brasil. Trata-se das

palavras que podem ser chamadas de "internacionais" como "telefon, radio, telewizor". Pela lei do menor esforço, o falante usa mais cômoda e economicamente a palavra portuguesa, após adaptações fonéticas e morfológicas decorrentes de seus automatismos.

Tal interferência, ou empréstimo lexical, é explicável entre duas línguas faladas na mesma área, uma vez que ocorre também entre línguas geograficamente distantes, mas com intercâmbio técnico, cultural, artístico e comercial.

O fator necessidade fez que a interferência acontecesse do português para o polonês e não o contrário. São raras as palavras polonesas que passaram para o uso comum em português.

#### 2.4 Interferência Semântica

Veja-se um caso de confusão semântica a partir da fonologia:

Um casal polonês discute diante de uma encruzilhada:

- Tende! (= por aqui!) !

- Nie tende! Tende! (= não por aqui! Por aqui!)

Consultando um caboclo, este - por não entender o que queriam - lhes responde:

- Não entendo!

Então o marido, sentindo-se vencedor, conclui:

- Ach! ja te godaŹ ze to nie (byŹo) tende!

Ao escutar "não entendo", o polonês pensou ter ouvido "nie tende". Daí sua conclusão:

- Ah! eu te disse que não era por aqui!

Quanto à semântica, podemos apenas citar dois casos: a polissemia e o uso de "isto, isso, aquilo" para designar pessoas.

No caso de polissemia, como na interferência lexical, a interferência ocorre no sentido português-polonês. Trata-se de coincidências nos empréstimos com palavras existentes no polonês com outro sentido. Assim, temos<sup>63</sup>:

"kapa"	- polonês "colcha" empréstimo "capa"
"lukrować"	- polonês "confeitar, açucarar" empréstimo "lucrar"
"forsa"	- polonês "dinheiro" empréstimo "força, energia elétrica"
"rosa"	- polonês "orvalho" empréstimo "roça"
"balkon"	- polonês "balcão, sacada" empréstimo "balcão de loja"
"patron"	- polonês "padroeiro" empréstimo "patrão"

Outro caso que julgamos interessante, devido à modificação de significado na aplicação, é o uso de "isto, isso, aquilo" para designar pessoas. Tal fenômeno se deve ao fato de que o demonstrativo "to" - neutro polonês - é usado em sentido geral com referência a qualquer gênero.

"to jest chłopiec" (masculino)

(isto (este) é um menino)

"to jest dziewczyna" (feminino)

(isto (esta) é uma moça)

"to jest dziecko" (neutro)

(isto (esta) é uma criança).

Devido a este automatismo, são comuns frases com esta carga semântica que para eles não significa menosprezo nem é coisificante.

Isto é um bom homem. (To jest dobry człowiek.)

Aquilo não vem mais. (determinada pessoa não vai chegar)

Isso não quer casar. (determinada pessoa não quer casar).

## 2.5 Interferência fonológica

A interferência fonológica do polonês sobre o português é bem evidente em alguns casos, tanto no vocalismo como no consonantismo. Alguns dados, porém, mostram que na fala do bilingüe polono-brasileiro de Araucária nem toda interferência é proveniente do polonês, mas do próprio português com o qual o imigrante entrou em contacto e assimilou, isto é, o português falado pelo caboclo da região.

A interferência fonológica é o objetivo do nosso trabalho. Por isso, trataremos dela com mais vagar.

### 3. ESTUDO DA INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA DO POLONÊS SOBRE O PORTUGUÊS

#### 3.1 Quadro Teórico da Interferência Fonológica

A Fonologia tem por objetivo determinar as distinções fonéticas que têm valor diferencial em dada língua e estabelecer o sistema de fonemas. É uma disciplina lingüística que visa ao estudo da função das diferentes unidades e da estrutura do sistema de que nos servimos ao falar. Ela estabelece o número de oposições empregadas e suas relações entre si.

Como se sabe, os fonemas são unidades complexas no sistema de todas as línguas independentemente de representação gráfica - isto é, sistema de escrita.

Como podem, no entanto, dois sons ser - como sons - diferentes como [r] em "riso" e em "carta", e ser considerados o mesmo fonema?

Temos que considerar que há dois tipos de diferenças nos sons de uma língua. Neste caso do [r], trata-se de uma diferença não fonêmica (= não fonológica) ou não relevante, e não é usada para distinguir duas palavras. Todas as línguas têm muitas diferenças não fonêmicas.

A outra diferença é a que nos interessa: a diferença fonêmica (= fonológica), cujo número é relativamente pequeno nas línguas. É o caso de compararmos / r / e / l / nas palavras "rata" e "lata". Essa diferença é usada exatamente para distinguir palavras.

No contato entre dois sistemas surgem interferências fonológicas exatamente porque diferenças que são funcionais numa língua não o são na outra. Daí, o falante interferir no

sistema fonológico da língua segunda ao usá-la, transferindo fonemas da sua língua primeira. Isto pode acontecer de quatro maneiras:

1. Hipodiferenciação de Fonemas.

A hipodiferenciação de fonemas acontece quando a língua segunda tem dois sons que não são fonemas distintos na língua materna. O falante desta ou não reconhecerá os dois fonemas distintos da língua segunda ou os confundirá com o seu fonema. Essa interferência ocorre, por exemplo, no falante polono-brasileiro, quando usar / r / e / r̄ / do português. Para ele, será sempre apenas / r /. Tanto "carro" como "caro" ele ouvirá e produzirá / 'karo /.

2. Hiperdiferenciação de Fonemas.

Na hiperdiferenciação de fonemas, acontece o contrário da hipodiferenciação. A língua materna tem distinção fonêmica e a língua segunda não a tem.

O falante brasileiro da língua portuguesa vai impor a distinção / r / - // r̄ / ao falar palavras polonesas, cujo sistema fonêmico não possui tal distinção, como em "rok" (= ano) e em "rozumie" (= entende).

3. Reinterpretação.

a) das distinções

O português faz distinção de / p / e / b / pelo critério surdo x sonoro:

/ p / surdo = [p] e ['p]

/ b / sonoro = [b] e ['b]

Por isso, ele dirá "pato" / 'pato / e "bato" / 'bato /.

O alemão, por exemplo, faz distinção de / p / e / b / pelo critério forte x fraco:

/ p / forte = [ 'p ] e [ 'b ]

/ b / fraco = [ b ] e [ p ]

Ora, o que decide a distinção é que será usado como critério (e aí, a interferência) na fala do português pelo alemão (e vice-versa). Por isso, o alemão ouvirá e dirá / 'bato / para o português "pato".

b) da distribuição dos fones.

O português tem duas realizações para / i /:

[i] em sílabas fortes. "fito" / 'fito /.

[I] em sílabas fracas, diante de / w / e, em algumas regiões, diante de / l /.

"fitar" / fI'tar /.

O polonês usa tanto / i / com / I / nos mesmos ambientes:

[i] - / i / - "bić" (= bater) / 'bitś /

[I] - / I / - "być" (= ser, estar) / 'bItś /.

O falante bilíngüe polono-brasileiro fica, então diante de três possibilidades:

1. impor o hábito polonês, usando indistintamente em todos os ambientes tanto [i] como [I]:

"bicho" - / 'biśo / ou / 'bIśo /

2. tentar usar ora [i] ou [I], mas, como não tem o devido hábito do português, confundirá a distribuição:

"Maria" - / ma'rIa /

3. simplificar para [i] ou para [I], isto é, escolher um dos dois, usando-o em todos os ambientes:

"guri" - / gu'ri / ou / gu'rI /

"viajou" - / via'ʒo / ou / vIa'ʒo / .... etc.

4. Substituição de fone

A substituição verdadeira de fone acontece quando as línguas materna e segunda têm fonemas definidos identicamente, mas a pronúncia normal é diferente, é levemente distinta. A identidade dos demais fonemas não se altera. Assim, essa substituição pode afetar mais facilmente os fonemas que têm poucas relações, como o fonema / r / e / h / em muitas línguas. Trata-se, portanto, da pronúncia diferente de fonemas equivalentes. Por exemplo<sup>64</sup>:

*o falante inglês, ao aprender francês, é ajudado no seu reconhecimento do (B) fran-  
cês como uma realização do fonema / r /  
por ter ouvido realizações similares no  
inglês rural do nordeste: rouge.*

É evidente que a ortografia pode representar nesses casos de interferência fonológica uma dificuldade a mais. No entanto, a interferência fonológica pode ser resumida a um só problema: "substituição de som" (sound substitution). Relaciona-se com "o modo como o falante percebe e reproduz os sons de uma língua que pode ser chamada de segunda em relação a outra, materna. A interferência surge quando um bilíngüe identifica um fonema do sistema secundário com outro do sistema primário e, ao reproduzi-lo, submete-o a regras fonológicas da

língua materna"<sup>65</sup>.

É esse tipo de interferência que pretendemos identificar na fala do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária.

### 3.2 Comparação dos Sistemas Fonológicos

É necessário comparar os sistemas fonológicos da língua materna - em nosso caso, o polonês - e da língua segunda - o português -, para que se possam prever e descrever os problemas de pronúncia dos falantes poloneses ao aprenderem a língua portuguesa. Assim, a transferência que nos propomos estudar - e a transferência é normalmente feita na direção língua materna - língua segunda - é a do polonês no português.

Há muitos casos em que a mudança e a mistura de elementos dos dois sistemas acontecem em ambos os códigos. Se um dos falantes é unilíngüe, a mudança é evitada, assim como são os assuntos e as ocasiões que determinam a mudança ou não de código. Se alguém se acostumou a falar de alguns assuntos só em português, quando vai usar o polonês, sente dificuldade e recorre ao português. Se vai contar alguma experiência em uma das línguas, obriga-se a usar a outra (por exemplo, sobre televisão, educação, esportes, trabalho). No entanto, há palavras portuguesas já enraizadas na fala cotidiana, mesmo quando se fala polonês. Daí as interferências.

Vamos nos limitar a examinar as possíveis interferências fonológicas. Frisamos, porém, que não pretendemos estudar a interferência em toda a fonologia, mas apenas no vocalismo e no consonantismo. Para isso, e por causa das diferenças entre as línguas polonesa e portuguesa, é preciso nos referirmos aos sistemas fonêmicos de cada uma e compará-los entre si.

### 3.2.1. Vocalismo

a - Quadro das vogais do polonês. (\*)

#### I. Diagramema e diagrama.

		ANTERIORES		CENTRAIS		POSTERIORES	
		NÃO - ARRED.		NÃO - ARRED.		ARREDOND.	
		ORAIS	NASAIS	ORAIS	NASAIS	ORAIS	NASAIS
ALTAS	FECH. longa	/ i				u	
	AB. breve	ɪ					
MÉDIAS	FECH.	e	ɛ			o	õ
	AB.						
BAIXA				a /			

(\*) O quadro acima está construído com "casas vazias" para permitir melhor comparação com o quadro correspondente no português.

F O N E M A	Representação Ortográfica	E X E M P L O
1. / a /	a	matka "mãe"
2. / õ /	ą	sa "são, estão"
3. / e /	e	ser "queijo"
4. / ẽ /	ę	ręka "mão"
5. / i /	i	bić "bater"
6. / I /	y	być "estar, ser"
7. / o /	o	osiem "oito"
8. / u /	u	wnuk "neto"
	ó	córka "filha"
9. / ĩ /	in	instrument "instrumento"
10. / ã /	an	szansa "chance"
11. / ã /	un	kunszt "arte"

## 3. Observações

De acordo com informações da Gramatyka Opisowa Języka Polskiego (Gramática da Escrita da Língua Polonesa) de Witold Doroszewski e Bronisław Wieczorkiewicz, e os esclarecimentos que nos prestou Mariano Kawka, Professor de língua polonesa na Universidade Federal do Paraná, podemos considerar o mesmo quadro como diagramema e como diagrama das vogais do polonês, com as seguintes observações:

1. sō existem em polonês as vogais nasais / ẽ / e / õ /. O polonês é a única língua eslava que ainda possui vogais nasais. Mesmo assim, sō em finais de palavras e com tendência acentuada a desaparecerem;
2. existem as vogais nasais / ĩ / , / ã / e / ũ / , mas apenas em palavras estrangeiras e usadas por algumas pessoas, pois não é algo típico do polonês. Exemplos:
 

instrument	"instrumento"
szansa	"chance"
kunszt	"arte"
3. existe diferença entre / i / e / I / , cuja grafia é i e y, respectivamente, podendo ambos aparecerem em qualquer ambiente, como em:
 

bić	"bater"
być	"ser, estar"
leniwy	"preguiçoso"
tylko	"apenas"

b.- Quadro das vogais do português.

1. Diagramema.

		ANTERIORES		CENTRAIS		POSTERIORES	
		NÃO - ARRED.		NÃO - ARRED.		ARREDONDADAS	
		O	N	O	N	O	N
ALTAS		/ i	ĩ			u	ũ
MÉDIAS	FECH.	e	ē			o	ō
	AB.	E				O	
BAIXAS				a	ā /		

2. Diagrama. ( mesma "casa" = alofones entre si ).

		ANTERIORES		CENTRAIS		POSTERIORES	
		NÃO - ARRED.		NÃO - ARRED.		ARREDONDADAS	
		O	N	O	N	O	N
ALTAS	FECH.	( i	ĩ			u	ũ
	AB.	l	l̃			U	Ū
MÉDIAS	FECH.	e	ē			o	ō
	AB.	E		A	ā	O	
BAIXAS	FECH.						
	AB.			a )			

## c - Diferenças - expectativas de dificuldades

Comparando-se os quadros de vogais da língua portuguesa e da língua polonesa em seus diagramemas e diagramas, chega-se à conclusão de que o falante bilíngüe polono-brasileiro de Araucária encontrará dificuldades nos seguintes casos:

1. em 05 (cinco) fonemas existentes no português, mas inexistentes no polonês, a saber:

/ E / , / O / , / Ĩ / , / ã / e / ã / .

2. no fonema / i /, porque a realização por parte do falante em [i] e [I] tem que levar em consideração a distribuição, a qual não coincide com a distribuição de / i / e / I / do polonês.
3. na recepção e produção - o que, aliás, vale também para os anteriores - do fone ( A ), inexistente em polonês.

## 3.2.2. Consonantismo.

a - Quadro das Consoantes do Polonês.

## 1. Diagramema.

		ZONA DE ARTICULAÇÃO				
		LABIAIS	DENTAIS	PRÉ PALATAIS	PALATAIS	VELARES
OCCLUSIVAS	SURDA	/ p	t			k
	SONORA	b	d			g
CONSTRITIVAS	SURDA	f	s	š	ś	
	SONORA	v	z	ź	ź	ɣ
AFRICADAS	SURDA		ts	tš	tś	
	SONORA		dz	dź	dź	
NASAIS	SONORA	m	n		ń	
LATERAL	SONORA			l		
COLI-DENTE	SONORA			r		
SEMI-VOGAIS		w			y /	

## 2. Diagrama.

		LABIAIS				APICAIS				PALATAIS		VELARES	
		BILA-BIAL		LABIO-DENTAL		DENTAIS		ALVE-OLAR		PALATO ALVEOL	ALV. PAL.	VELARES	
		DURA	BRANDA	DURA	BRANDA	DURA	BRANDA	DURA	BRANDA	DURA	BRANDA	DURA	BRANDA
OCCLUSIVAS	SU	(p	p'			t	t'					k	k'
	SO	b	b'			d	d'					g	g'
CONSTRITIVAS	SU			f	f'	s	s'			š	š'	x	x'
	SO			v	v'	z	z'			ž	ž'	ɣ	ɣ'
AFRICADAS	SU					ts				tš	tš'		
	SO					dz				dž	dž'		
NASAIS	SO	m	m'			n				n'		ŋ	ŋ'
LATE-LATE-RAIS	SO						l	l'					
COLIDENTES	SO						r	r'					
SEMIVO-CAIS	SO	w									y	)	

## 3. Representação ortográfica

F O N E M A	Representação Ortográfica	E X E M P L O
01. / p /	p	pić "beber"
02. / t /	t	tu "aqui"
03. / k /	k	krowa "voca"
04. / b /	b	burza "tempestade"
05. / d /	d	dobry "bom"
06. / g /	g	general "general"
07. / f /	f	farba "cor"
08. / s /	s	sam "sozinho"
09. / ʃ /	sz	szata "vestido"
10. / ś /	ś / si	ślepy "cego"/siostra "irmã"
11. / v /	w	wino "vinho"
12. / z /	z	zbōj "ladrão"
13. / ʒ /	ż / rz	żaba "sapo" /rzeka "rio"
14. / ź /	ź / zi	źle "mal" / zimny "frio"
15. / ɣ /	h / ch	herbata "chá/cicho "quieto"
16. / ts /	c	cap "bode"
17. / tʃ /	cz	czarny "preto"
18. / tɕ /	ć / ci	bić "bater" /ciasto "massa" (de farinha)
19. / dz /	dz	dzwon "sino"
20. / dʒ /	dż	dżuma "peste"
21. / dʒ /	dź / dzi	dźwigać "erguer" / dziadek "avô"
22. / m /	m	mam "tenho"
23. / n /	n	nasz "nosso"
24. / ñ /	ń / ni	państwo "país" / nie "não"
25. / l /	l	list "carta"
26. / r /	r	ręka "mão"
27. / w /	ł	ładny "bonito"
28. / y /	j	moj "meu"

## b - Quadro das Consoantes do Português.

## I. Diagramema.

		LABIAIS	APICAIS	PALA-TAIS	VELA-RES
OCCLUSIVAS	SURDAS	/ p	t		k
	SONORAS	b	d		g
PLANAS	SURDAS	f			
	SONORAS	v			
CÔNCAVAS	SURDAS		s	ʃ	
	SONORAS		z	ʒ	
NASAIS		m	n	ɲ	
LATERAIS			l	ʎ	
COLI-DENTE			r		
VIBRANTE			̄r		
SEMI-VOCÓIDE		w		y /	

## 2. Diagrama .

		LABIAIS			APICAIS		PA-LAT.	VELARES			
		ARREDOND.	BILABIAIS	LABIO-DENTAIS	DENTAIS	ALVEOL.	MÉDIO-PALATAIS	PREVELARES	MÉDIO VELARES	POSVELARES	
OCCLUSIVAS	SU	Ñ-AFR.	(p <sub>1</sub>	p <sub>2</sub>		t <sub>1</sub>			k <sub>1</sub>	k <sub>2</sub>	k <sub>3</sub>
		AFR.				tʃ					
	SO	Ñ-AFR.	b <sub>1</sub>	b <sub>2</sub>		d <sub>1</sub>			g <sub>1</sub>	g <sub>2</sub>	g <sub>3</sub>
		AFR.				dʒ					
CONSTRITIVAS	PLANAS	SU			f						
		SO			v						
	CÔNCAVAS	SU					s	ʃ			
		SO					z	ž			
NASAIS		SO		m		n	ñ				
LATERAIS		SO				l	ļ				
COLIDENTE		SU				r					
		SO				r					
VIBRANTE		SU				r					
		SO				r					
SEMIVOGAIS		SO	w				y)				

## c - Diferenças - expectativas de dificuldades

Comparando-se os quadros de consoantes da língua portuguesa e da língua polonesa em seus diagramemas e diagramas, chega-se à conclusão de que o falante bilíngüe polono-brasileiro de Araucária encontrará dificuldades nos seguintes casos:

1. em 02 (dois) fonemas existentes em português, mas inexistentes em polones /  $\bar{r}$  / e /  $\check{l}$  /
2. nos alofones (  $t\check{s}$  ) e (  $d\check{z}$  ) do português, pois o falante poderá interpretá-los como os fonemas poloneses /  $t\check{s}$  / e /  $d\check{z}$  /, estabelecendo um caso de hiperdiferenciação de fonemas.
3. poderá transferir para a série palato-alveolar ou para a série alvéolo-palatal do polonês os seguintes fones palatais do português:

[  $t\check{s}$  ] , [  $d\check{z}$  ] , [  $\check{s}$  ] e [  $\check{z}$  ].

### 3.3 Análise dos dados

#### 3.3.1 Interferências no vocalismo

a -  / ã / - / â /

#### - Dados:

01.	irmã	-	[Ir'mã]
02.	mãe	-	['mãỹ]
03.	banha	-	['bãñA]
04.	campo	-	['kãpo]
05.	barbante	-	[bar'bãt]
06.	samba	-	['sãbA]
07.	grande	-	['grãde]
08.	laranja	-	[la'rãžA]
09.	amanhã	-	[ãmã'nã]
10.	sangue	-	['sãge]
11.	varanda	-	[va'rãdA]
12.	campestre	-	[kã'pEstre]

#### - Comentário:

Diferentemente da língua portuguesa, a polonesa não possui a vogal central, não-arredondada, baixa, nasal / ã /, a não ser em palavras estrangeiras e usadas por poucas pessoas. Possui apenas a correspondente oral / a /.

Por isso, ao tentar produzir / ã / português, o falante diz um [a] mais aberto. Essa abertura permanece mesmo que ele consiga nasalizar um pouco o [a] como em "grande" ['grãde] ou em "mãe" ['mãỹ] ou em "amanhã" [ãmã'nã].

b - / ãw / - / o /

- Dados:

01.	feijão	-	[fi'žõ]
02.	pinhão	-	[pi'nõ]
03.	facão	-	[fa'kõ]
04.	construção	-	[kostru'sõ]
05.	chimarrão	-	[šima'rõ] ou [ši'marõ]
06.	vagão	-	[va'gõ]
07.	região	-	[re'žõ]
08.	carretão	-	[kare'tõ]
09.	imigração	-	[imIgra'sõ]
10.	inauguração	-	[Inagura'sõ]
11.	burrão	-	[bu'rõ]
12.	gestão	-	[žes'tõ]

- Comentários:

O que dissemos quanto ao fonema / ã /, repetimo-lo quanto ao ditongo português / ãw /: há uma abertura maior de [a] como em "irmão" [Ir'mãw]. Há, porém, um fonema semelhante em polonês / õ /.

Por isso, nosso falante produz [õ] no lugar de / ãw /, como "irmão" [Ir'mõ] ou "estaçãõ" [sta'sõ].

c - / -a / - / -e / ou ZERO

- Dados:

01.	pescada	-	[pes'kade]
02.	dia	-	['dʒie]
03.	gasolina	-	[gazo'lin]
04.	casa	-	['kaze]
05.	massa	-	['mas]
06.	banana	-	[bã'nãne]

- Comentários:

A língua polonesa não tem a vogal central não arredondada, oral, média, aberta [A], como a portuguesa tem, por exemplo, na segunda sílaba de "casa" ['kazA]. Por ser sempre átono esse [A], o polonês aproxima-o de / e / ou de / I /, colocando-os no lugar de / A /, ou bem elimina esse fone:

"casa" - ['kaze] ou ['kazI]

"mandioca" [mãdIOk]

"benzina" - [bẽ'zIn] ou [bẽ'zin] ou [bẽ'zIne]

d -  / ẽ / - / Ę /

- Dados:

01.	correndo	-	[ko'rĚdo]
02.	quente	-	['kĚte]
03.	fazenda	-	[fa'zĚde]
04.	frente	-	['frĚte]
05.	casamento	-	[kaza'mĚto]
06.	barulhento	-	[baruy'Ěto]
07.	funcionamento	-	[funsiɔna'mĚto]

- Comentários:

A língua polonesa tem as vogais anteriores, médias, fechadas, oral / e / e nasal / ẽ /. Não tem / E / nem / Ę /.

A língua portuguesa também tem as duas orais e mais a nasal fechada. Não tem / Ę /.

Português

Polonês

"telha" / 'tel<sup>v</sup>ɐ /

"jest" (= é) /jest/

"dente" / 'dĕte / ou /dĕts<sup>v</sup>i /

"ręka" (= mão) /'rĕka/

"rezo" /'rĚzo /

À primeira vista, parece haver coincidência entre / e / / ẽ /, até pela ausência de / Ę / em ambas as línguas, possuindo o português apenas o / E / a mais. Há, porém, um detalhe: tanto o / e / como o / ẽ / polonês diferem do / e / e do / ẽ / português. Os do polonês são neutros quanto à abertura, nem tão fechados nem tão abertos tanto quanto os do português. Eles têm uma posição intermediária. Por isso, diante da possibilidade de realizar os dois - e, por conseguinte, da hesi-

tação -, o bilíngue polono-brasileiro abre e nasaliza para [Ê] , pensando estar no caminho certo ao dizer, por exemplo, "casamento" [kaza'mÊto] .

e - / -i- / átono postônico - / I /

- Dados:

- |     |          |   |            |              |
|-----|----------|---|------------|--------------|
| 01. | fábrica  | - | [fabrIka]  |              |
| 02. | música   | - | [muzIka]   |              |
| 03. | máquina  | - | [makIna]   |              |
| 04. | história | - | [Is'tOrIa] | ou [s'tOrIa] |
| 05. | vitória  | - | [vi'tOrIa] |              |

- Comentário:

O português também tem [I] em sílaba postônica: "fábrica" [fabrIka] . No entanto, o / I / polonês é mais aberto, mais parecido com / e / do que com o / I / português. Há algo que justifica isso:

em polonês, a escala é i, e, em português, é i

I (I)

e e

E

Isto é:

o / e / polonês é mais aberto, de modo que o / I / também pode ser mais aberto - e o constatamos.

As palavras polonesas - com exceção das terminadas em -ia e -yka, que são proparoxítonas e de algumas estrangeiras - são paroxítonas.

Considerando-se que o / i / e o / I / poloneses realizam-se em qualquer ambiente (bić / 'bitś / "bater" e być / 'bitś / "ser, estar" ), o falante bilíngüe polono-brasileiro transfere esse hábito para o português. Ao dizer palavras proparoxítonas portuguesas, o falante acaba tornando mais aberto o / i /, convertendo-o em [I], aproximando-o de / e /, vogal média, que exige menor esforço que a vogal alta / i /.

f -  / o / e / ow / - / o /

- Dados:

01.	cebola	-	[sɪ'boɫe]
02.	boca	-	['boke]
03.	professor	-	[profe'sɔr]
04.	doutor	-	[dɔ'tɔr]
05.	fosse	-	['fose]
06.	cachorro	-	[ka'sɔro]
07.	homem	-	['omẽ]
08.	raposa	-	[ra'pɔze]
09.	econômico	-	[eko'nɔmiko]
10.	ônibus	-	['oniboz]
11.	outro	-	['ɔtro]
12.	outra	-	['ɔtre]

- Comentário:

A língua polonesa não tem / ɔ /, vogal posterior, arredondada, oral, média, aberta. Tem a fechada / o / (e a nasal / õ / ), que, no entanto, é intermediária entre o / o / e o / ɔ / do português. O / o / polonês é semelhante ao / o / do

espanhol, em "ocho", mais aberto.

Por isso, diante da dupla possibilidade de realizar o / o / ou o / O / do português, o falante bilíngüe polono-brasileiro optou por / O /, o mesmo ocorrendo com o / o / oriundo da redução do ditongo português / ow /, como em "doutor" [dO'tOr] "outro" [Otro].

g -  / oa / - / ua /

- Dados:

01.	broa	-	[brua]
02.	boa	-	[bua]
03.	garoa	-	[ga'rua]
04.	leitoa	-	[ley'tua]
05.	patroa	-	[pa'trua]
06.	ã toa	-	[a'tua]
07.	lagoa	-	[la'gua]
08.	amontoa	-	[amõ'tua] ou [amun'tua]

- Comentário:

Como já dissemos na questão anterior, o / o / polonês difere do / o / português. Ele é mais aberto, bastante semelhante ao / o / espanhol, em "ocho". Dada a sua maior abertura, o falante leva o / o / português para / O /, ora leva-o para a alta / u / - que, por sua vez, é semelhante ao / U / do inglês em "good" / 'gUd /. Este fato da passagem de "oa" para "ua", porém, só acontece em sílabas tônicas, como comprovam os exemplos acima.

h -	/ ĩ /	-	/ i /
	/ ũ /	-	/ u /

- Dados:

01.	rincões	-	[rin'kõIs]
02.	inferno	-	[In'fErno]
03.	inveja	-	[In'veŽa] ou [In'veŽe]
04.	infeliz	-	[Infe'lIz]
05.	tinta	-	[tšInta] ou [tšInte]
06.	cumprimento	-	[kumpri'mÊto]
07.	fundo	-	['fundo]
08.	conjunto	-	[kõ'žunto] ou [kõ'džunto]
09.	presunto	-	[pre'zunto]
10.	nunca	-	['nunka] ou ['nunke]

- Comentário:

A língua polonesa não possui a vogal anterior, alta, nasal / ĩ /, nem a posterior, alta nasal / ũ /, como a portuguesa. Diante dessa ausência, ao falar português, o bilingüe pronunciará o / i /, o / I / e o / u / poloneses seguidos de / n / e/ou / m /.

i - / e- /át. - ZERO

- Dados:

01.	estrada	-	[s'trad]	ou	[s'trade]
02.	estação	-	[sta'sõ]		
03.	escola	-	[s'kOla]	ou	[s'kOle]
04.	estrangeiro	-	[strã'žero]		
05.	estoura	-	[s'tOra]	ou	[s'tOre]

- Comentário:

A afêrese de / e- / por parte do falante bilíngüe polo no-brasileiro é explicável por haver aí um problema de distri buição. Isto acontece pelo fato de que em polonês não há pala vra que comece por es- átono.

## 3.3.2 Interferências no Consonantismo.

a - / r̄ /      - / r /

- Dados:

01.	barriga	-	[ba'riga]	ou	[ba'rige]
02.	cachorro	-	[ka'šoro]	ou	[ka'šoro]
03.	terreno	-	[te'reno]		
04.	serra	-	[sEra]		
05.	roça	-	[rOsa]	ou	[rOse]
06.	corrida	-	[ko'rida]	ou	[ko'ride]
07.	risada	-	[ri'zada]	ou	[ri'zade] ou [ri'zad]
08.	arredores	-	[are'dOrez]		
09.	ferro	-	[fEro]		
10.	de repente	-	[dere'pĕte]		
11.	barracas	-	[ba'rakaz]		
12.	barroca	-	[ba'rOkā]	ou	[ba'rOke] ou [ba'rOk]

- Comentário:

Ao confrontarmos os diagramemas das consoantes polonesas e portuguesas, logo percebemos uma diferença entre as líquidas. O português e o polonês possuem ambos a vibrante simples (= colidente):

port. "agora" /a'gOra /

pol. "góra" /'gura / (= monte)

Tal / r / polonês é único e assim se realiza em qualquer ambiente, pois o polonês não possui nem (r̄) vibrante múltiplo apical, nem (R) constrictivo velar, como em português "carro" / 'kāro / ou /'kaRo /.

Por isso, surge o grande problema (e é o mais notado): a pronúncia do /  $\bar{r}$  / português. O bilíngüe é surdo para esse fonema; mesmo que saiba de sua existência, fará confusão e inversões entre o / r / e o /  $\bar{r}$  / portugueses.

No íntimo do falante não há confusão ou inversões, pois, não existindo para ele /  $\bar{r}$  /, não sente estar pronunciando mal ou com "erro" o fonema - o que, aliás, não constitui exclusividade do falante polono-brasileiro.

"correu" - [ko'rew]  
 "parou" - [pa'r̄o] ou [pa'r̄o]

b -  / r /      -      / r̄ /

- Dados:

01.	quero	-	[ˈkɛr̄o]
02.	arado	-	[aˈr̄ado]
03.	morei	-	[moˈr̄ey]
04.	parou	-	[paˈr̄o]      ou [paˈro]
05.	muro	-	[ˈmūro]
06.	crente	-	[ˈkr̄ɛ̃te]
07.	Europa	-	[Iˈr̄opa]
08.	courinho	-	[kOˈr̄iño]
09.	Umbarã	-	[Ibaˈr̄a]
10.	espera	-	[sˈpɛr̄a]
11.	buraco	-	[buˈr̄ako]
12.	jacaré	-	[ʒakaˈr̄ɛ]

- Comentário:

Aplicam-se aqui os comentários do item "a", da página anterior, sobre a dificuldade de distinção entre o / r̄ / e o / r /.

c -  / n + i /      -      / ñ /

- Dados:

01.	ônibus	-	[ˈOñIboz]
02.	colônia	-	[koˈlɔña]
03.	Antônio	-	[ãˈtɔño]
04.	opinião	-	[ɔpɪˈñõ]
05.	oportunidade	-	[ɔpurtuɲiˈdad]
06.	Tânia	-	[ˈtãña]
07.	negócio	-	[ɲɪˈgɔsyɔ]
08.	município	-	[muɲiˈsɪpyɔ]
09.	Antonieta	-	[ãtɔˈñeta]
10.	cerimônia	-	[serɪˈmoña]

- Comentário:

A língua polonesa pronuncia / ñ / tanto com a apical frontal branda ñ como com a apical dental dura n seguida de i (que abranda). Tanto ñ em "państwo" [ˈpaństwo] (= país), como ni em "anioł" [ˈaɲɔw] (= anjo) têm a mesma pronúncia [ñ].

O / i / - também o / e / - abrandam e palatalizam as consoantes precedentes. Daí, quando o bilíngüe polono-brasileiro produz palavras portuguesas nesses ambientes, fatalmente produzirá o fonema / ñ / - suscitando até a dúvida sobre a possibilidade de / ñ / ser mero alofone de / n / - como em:

"ônibus" - [OñIbuz]      ou [ˈOñIboz]

"nie"    [ˈñe]      (= não)

"koń"    [ˈkoñ]      (= cavalo)

d -  / ǐ /      -      / l + i /

- Dados:

01.	filho	-	['filyo]	
02.	milho	-	['milyo]	
03.	folha	-	['folya]	
04.	trabalho	-	[tra'balyo]	
05.	mulher	-	[mu'lyEr]	
06.	galho	-	['galyo]	
07.	velhinha	-	[vE'lyiña]	
08.	colheu	-	[ko'lyew]	ou [kolI'ew]
09.	malhar	-	[ma'lyar]	ou [malI'ar]
10.	melhor	-	[me'lyOr]	ou [melI'Or]
11.	falha	-	['falya]	
12.	gralha	-	['gralya]	

- Comentário:

A língua polonesa não possui / ǐ /. Possui / l / e / l + i / - este abrandado. Por exemplo, "ale" ['ale] (=mas), "liczba" ['litšba] (= número). Tem, portanto, o falante dificuldade em dizer "filho" ['fiło] e dirá ['filyo] ou ['filyo], isto é, o / ǐ / será sempre substituído por / l + i /.

Obs.: Há, porém, muitos que, por influência do caboclo, iotizam o / ǐ /, dizendo:

"falha" - ['faya]  
 "galho" - ['gayo] - etc.

e -  / z /      -      / <sup>∨</sup>z /

- Dados:

- |     |        |   |                       |    |           |
|-----|--------|---|-----------------------|----|-----------|
| 01. | visita | - | [vI'žita]             | ou | [vi'žite] |
| 02. | existe | - | [e'žiste]             |    |           |
| 03. | quase  | - | ['kwaže]              |    |           |
| 04. | exige  | - | [e'žiže]              |    |           |
| 05. | zebu   | - | [ <sup>∨</sup> zI'bu] |    |           |

- Comentário:

O / z / polonês, diante de / i / e de / e / é abrandado e palatalizado:

"zbōj"    [z'buy]      (= ladrão);  
 "zimny"    ['žimnI]      (= frio).

Daí, pelo fato de a língua polonesa ter (ž), palato-alveolar e (ż), alvéolo-palatal, o falante transfere-os para o fone palatal português (médio-palatal) [ž], confundindo-os, como acontece nos exemplos dados:

"visita"    -    [vI'žita]      ou    [vi'žite]

f -  / t<sup>ŷ</sup> / - / d<sup>ŷ</sup> / - / <sup>ŷ</sup> / - / <sup>z</sup> /

Comparando os fones palatais do português e do polonês, devemos considerar alguns detalhes:

1. O português possui os fones pré-palatais

[t <sup>ŷ</sup> ]	-	['t <sup>ŷ</sup> sia]	-	tia
[d <sup>ŷ</sup> ]	-	['d <sup>ŷ</sup> zia]	-	dia
[ <sup>ŷ</sup> ]	-	[' <sup>ŷ</sup> sa]	-	chá / [' <sup>ŷ</sup> sia] - chia
[ <sup>z</sup> ]	-	[' <sup>z</sup> za]	-	jã / [' <sup>z</sup> ziba] - giba

2. O polonês possui os fones palato-alveolares (duros)

[t <sup>ŷ</sup> ]	-	['t <sup>ŷ</sup> arnI]	-	czarny "preto"
[d <sup>ŷ</sup> ]	-	['d <sup>ŷ</sup> uma]	-	dżuma "peste"
[ <sup>ŷ</sup> ]	-	[' <sup>ŷ</sup> sata]	-	szata "vestido"
[ <sup>z</sup> ]	-	[' <sup>z</sup> zaba]	-	żaba "sapo"

3. e o polonês possui também os fones alvéolo-palatais (brandos)

[t <sup>š</sup> ]	-	['t <sup>š</sup> ielẽ]	-	cielę "novilho"
[d <sup>ž</sup> ]	-	['d <sup>ž</sup> ieñ]	-	dzień "dia"
[ <sup>š</sup> ]	-	['pro <sup>š</sup> iẽ]	-	prosię "porco"
[ <sup>ž</sup> ]	-	[' <sup>ž</sup> imnI]	-	zimny "frio"

Diante desses dados, percebemos que, embora sejam todos palatais, há uma leve diferença quanto ao ponto de articulação. Daí, haver uma pequena prolação na fala de palavras portuguesas pelo falante polono-brasileiro em relação a esses fones. Não há clareza total, mas, ora ele transfere os fones portugueses para a série palato-alveolar do polonês, ora, para a

série alvéolo-palatal. Esta - somente usada em polônês quando abrandada por / i / - é mais comum. Por isso, surgem pronúncias assim:

[tʃ]	-	[tʃ]	ou	[tʃ]
------	---	------	----	------

- |     |          |   |              |    |              |
|-----|----------|---|--------------|----|--------------|
| 01. | tia      | - | [ˈtʃia]      | ou | [ˈtʃia]      |
| 02. | tirou    | - | [tʃiˈrõ]     | ou | [tʃiˈrõ]     |
| 03. | Curitiba | - | [kurIˈtʃiba] | ou | [kurIˈtʃiba] |
| 04. | Atílio   | - | [aˈtʃilyo]   | ou | [aˈtʃilyo]   |
| 05. | fanático | - | [faˈnatʃiko] | ou | [faˈnatʃiko] |

[dʒ]	-	[dʒ]	ou	[dʒ]
------	---	------	----	------

- |     |           |   |                |    |                |
|-----|-----------|---|----------------|----|----------------|
| 01. | dia       | - | [ˈdʒie]        | ou | [ˈdʒie]        |
| 02. | disse     | - | [ˈdʒise]       | ou | [ˈdʒise]       |
| 03. | diurético | - | [dʒiwˈrEtʃiko] | ou | [dʒiwˈrEtʃiko] |
| 04. | Dimas     | - | [ˈdʒimas]      | ou | [ˈdʒimas]      |
| 05. | medir     | - | [meˈdʒi]       | ou | [meˈdʒi]       |

[ʃ]	-	[ʃ]	ou	[ʃ]
-----	---	-----	----	-----

- |     |           |   |           |    |           |
|-----|-----------|---|-----------|----|-----------|
| 01. | cachorro  | - | [kaˈʃoro] | ou | [kaˈʃoro] |
| 02. | puxe      | - | [ˈpuʃe]   | ou | [ˈpuʃe]   |
| 03. | chimarrão | - | [ʃimaˈrõ] | ou | [ʃimaˈrõ] |
| 04. | chuva     | - | [ˈʃuva]   | ou | [ˈʃuva]   |
| 05. | chão      | - | [ˈʃõ]     | ou | [ˈʃõ]     |

		[ʒ]	-	[ʒ]	ou	[z]
01.	jacaré		-	[ʒaka'rɛ]	ou	[zaka'rɛ]
02.	jã		-	[ˈʒa]	ou	[ˈza]
03.	região		-	[re'ʒõ]	ou	[re'ʒIõ] ou [re'zõ] ou [re'zIõ]
04.	igreja		-	[I'greʒa]	ou	[I'greza]
05.	gente		-	[ˈʒɛtɛ]	ou	[ˈzɛtɛ]

\* Mesmo quando representamos [tʃ] - [dʒ] - [ʃ] e [ʒ], não há identidade total com a pronúncia do português, pois são fones palato-alveolares em polonês.

### 3.3.3 Influência do Caboclo

Como vimos, várias interferências do bilíngüe polono-brasileiro na fonologia portuguesa são causadas pelas diferenças entre as estruturas fonêmicas das línguas portuguesa e polonesa.

Há, no entanto, alterações de pronúncia por parte do nosso falante, que têm origem na influência do caboclo, as quais constatamos aqui, rapidamente:

#### 3.3.3.1 Vocalismo

a - ditongação de / e /, / a / e / o /, quando tônicos, travados por / s / ou / z /.

01.	três	-	[ 'treys ]
02.	vez	-	[ 'veys ]
03.	freguês	-	[ fre'geys ]
04.	rapaz	-	[ ra'pays ]
05.	mas	-	[ 'mays ]
06.	atrás	-	[ a'trays ]
07.	arroz	-	[ a'roys ]
08.	pôs	-	[ 'poys ]

b - redução do ditongo / ey / a / i / ou / e /.

01.	dei	-	[ 'di ]	
02.	feijão	-	[ fi'žõ ]	
03.	carteira	-	[ kar'tera ]	
04.	primeiro	-	[ pri'mero ]	ou [ prI'mero ]
05.	barbeiro	-	[ bar'bero ]	
06.	gaiteiro	-	[ gay'tero ]	

07. porteira - [por'tera]  
 08. pinheiro - [pi'ñero] ou [pI'ñero]

## 3.3.3.2 Consonantismo

a - [ / b / - / v / ]

01. benzer - [vẽ'ze]  
 02. gabar - [ga'va]

b - [ / -r / - ZERO ]

01. comer - [ko'me]  
 02. vestir - [ves'tʃi]  
 03. virar - [vi'ra]  
 04. plantar - [plã'ta]  
 05. esconder - [skõ'de]

c - [ / l / - / y / ]

01. colheita - [koy'eta]  
 02. espalhou - [spay'o]  
 03. falha - ['faya]  
 04. milho - ['miyo]  
 05. malhar - [may'a]

d - [ / l / - / r / ]

01. falta - ['farta]  
 02. volta - ['vorta]  
 03. alto - ['arto]  
 04. Nélson - ['nErso]  
 05. culto - ['curto]

e - (v. nasal) + b - (v. nasal) + m

01. também - [tã'mêy]

### 3.4 Conclusões

Depois da análise desses dados, julgamos ter chegado a conclusões satisfatórias dentro do que nos propusemos. Sabemos não ser cabal e dirimidora de toda e qualquer dúvida. Detectamos, porém, o que nos pareceu mais evidente. E, portanto, identificamos as seguintes interferências da língua polonesa na fonologia portuguesa do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária:

#### I - no Vocalismo:

- a. / ã / - / â /
- b. /ãw / - / âw / ou / õ /
- c. / -a / - / e / ou ZERO
- d. / ã / - / Ê /
- e. / i / - / I /
- f. / o / e / ow / - / o /
- g. / oa / - / ua /
- h. / ã / e / ã / - / in / e / un / ou / im / e / um /
- i. / e- / - ZERO

#### II - no Consonantismo:

- a. / r̄ / - / r /
- b. / r / - / r̄ /
- c. / n + i / - / ñ /
- d. / l / - / l + i /

- e. / z / - / ʒ /  
 f. / tʃ / - / dʒ / - / ʃ / - / ʒ /

Algumas interferências provêm da influência do caboclo sobre o falante de origem polonesa. Encontramos as seguintes:

I - no Vocalismo:

- a. / e /, / a / e / o / - / ey /, / ay / e / oy /  
 b. / ey / - / i / ou / e /

II - no Consonantismo:

- a. / b / - / v /  
 b. / -r / - ZERO  
 c. / l / - / y /  
 d. / l / - / r /  
 e. (v. nasal) + b - (v. nasal) + m

São estas interferências fonológicas que mais evidência mostraram de que a língua portuguesa é falada com alterações, ora causadas pela fonologia polonesa através dos hábitos lingüísticos do bilíngüe polono-brasileiro de Araucária, ora incutidas pela fala do caboclo brasileiro, quando dos primeiros contactos com o imigrante polonês em Araucária.

## IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvendo esta pesquisa, constatamos alguns pontos importantes.

A proposta foi estudar o bilíngüismo polono-brasileiro em Araucária, exemplificando as interferências lingüísticas, situando-as num contexto histórico sócio-cultural, uma vez que não se pode desvincular a linguagem do meio em que ela se realiza.

No decorrer da análise, procuramos verificar as dificuldades consideradas maiores e concluir o com quem e o porquê das interferências.

Percebemos 26 (vinte e seis) casos de interferência, assim distribuídos:

- a. do polonês:
  - no vocalismo: 10
  - no consonantismo : 09
- b. do caboclo:
  - no vocalismo: 02
  - no consonantismo: 05.

Para o levantamento de dados, utilizamo-nos de gravações com 46 (quarenta e seis) indivíduos (entre homens, mulheres e crianças) e de observações assistemáticas, assim como de informantes conhecedores da língua polonesa.

Após a análise, podemos afirmar que toda interferência tem relação com o maior ou menor contacto com o meio, e chegamos à seguinte escala:

1. as mulheres têm mais dificuldades no uso da língua portuguesa por terem menor contacto com o meio fora do seu grupo;
2. os mais idosos têm maior dificuldade por causa do menor contacto, levados pelo isolamento consciente no trabalho da lavoura, ou pelo contacto tardio com a língua segunda;
3. os mais jovens têm menor dificuldade por terem maior contacto;
4. os mais instruídos, os que freqüentaram ou freqüentam as escolas (já todas brasileiras) têm pouca dificuldade por força, evidentemente, de maiores e mais contínuos contactos;
5. finalmente, os que trabalham fora do grupo, mesmo sem instrução escolar, têm menor dificuldade, pois o contacto os obriga e favorece.

Evidentemente, quanto maior o contacto, maior a facilidade e melhor a proficiência da língua portuguesa por parte do bilíngüe, que, aos poucos, "esquece" a língua materna.

Por isso, as entrevistas com jovens em idade escolar (1º grau) mostram a ausência de alguns problemas que ocorrem com adultos, instruídos ou não, mas especialmente com os não instruídos. O contacto, portanto, é o maior responsável pela aquisição da língua segunda (portuguesa) e o ponto gerador e explicativo das interferências encontradas no bilíngüe polonobrasileiro de Araucária.

Damo-nos por satisfeitos em contribuir para o conhecimento de uma faceta do quadro lingüístico paranaense e em saber que a evidência das imperfeições apontadas servirá para mostrar novos caminhos.

## NOTAS DE REFERÊNCIA

<sup>1</sup>KAWKA, Mariano. Os Brasileirismos do Dialeto Polono-Brasileiro. p.2

<sup>2</sup>KAWKA. p.8

<sup>3</sup>STAWINSKI, A.V. Primórdios da imigração... p. 15

<sup>4</sup>KAWKA. p. 16

<sup>5</sup>KAWKA. p. 17

<sup>6</sup>ROCHA NETO, Bento Munhoz da. Poloneses no Paraná. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnografia Paranaense. Vol. XIV, Curitiba, 1971. Sem anotação de páginas. Citado por Ruy Wachowicz em O Camponês Polonês no Brasil, p. 143

<sup>7</sup>WACHOWICZ, Ruy. Tomás Coelho - uma comunidade camponesa. p. 35. Citando Dom José de Camargo de Barros.

<sup>8</sup>Arquivo Público do Estado do Paraná - 01.01.1878 - Offícios - v. 1.

<sup>9</sup>Censo Demográfico de 1980. Resultados Preliminares: Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Recenseamento Geral do Brasil. p. 05.

- <sup>10</sup> WACHOWICZ, Ruy. O Camponês Polonês no Brasil. p.93
- <sup>11</sup> WACHOWICZ. p. 96
- <sup>12</sup> WACHOWICZ. p. 96-97
- <sup>13</sup> WACHOWICZ, Romão. A Saga de Araucária. p. 88
- <sup>14</sup> WACHOWICZ. p. 41
- <sup>15</sup> WACHOWICZ. p. 76
- <sup>16</sup> WACHOWICZ, Ruy. O Camponês Polonês no Brasil. p.95
- <sup>17</sup> WACHOWICZ, Romão. A Saga de Araucária. p. 89 - citando o Sr. Antonio Kmiecik, presidente de escola e de capela. (Campestre).
- <sup>18</sup> WACHOWICZ. p. 107
- <sup>19</sup> Censo Escolar da Imigração Polonesa no Brasil, realizado pelo Consulado da Polônia de Curitiba em 1937. Os originais encontram-se nos Arquivos da Congregação da Missão de São Vicente de Paulo em Curitiba. In "Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa" - v. 2 - p. 67.
- <sup>20</sup> WACHOWICZ, Ruy. As Escolas de Colonização Polonesa no Brasil. In "Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa" v. 2 p. 23.

<sup>21</sup>WACHOWICZ, Romão. Szerszenie w Raju. In "Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa" v. 2 p. 25.

<sup>22</sup>Dados da Inspetoria Auxiliar de Ensino - Departamento de Educação-Araucária.

<sup>23</sup>CARDOSO, Jaime Antonio. Departamento de História da UFP - Apresentação de O Camponês Polonês no Brasil do Prof. Ruy Wachowicz.

<sup>24</sup>Municípios Brasileiros em Revista - Araucária - 90 anos - p. 18.

<sup>25</sup>WACHOWICZ, Ruy C. História do Paraná. p. 114

<sup>26</sup>WACHOWICZ, Ruy. Tomás Coelho - uma comunidade camponesa. p. 36

<sup>27</sup>WOUK, Miguel. Estudo Etnográfico - Lingüístico da Comunidade Ucraína de Dorizon. p. 64.

<sup>28</sup>WOUK. p. 66

<sup>29</sup>WOUK. p. 65

<sup>30</sup>KAWKA. p. 19

<sup>31</sup>KAWKA. p. 35

<sup>32</sup>KAWKA. p. 35

- <sup>33</sup>WEINREICH, Uriel. Lenguas en Contacto - descubrimientos y problemas. p. 186
- <sup>34</sup>WOUK. p. 66
- <sup>35</sup>WEINREICH. p. 210
- <sup>36</sup>LADO, Robert. Introdução à Lingüística Aplicada.  
p. 26.
- <sup>37</sup>WEINREICH. p. 34,35, 36.
- <sup>38</sup>MARTINET, André. Elementos da Lingüística Geral. p.  
172.
- <sup>39</sup>WEINREICH. p. 65
- <sup>40</sup>MARTINET. p. 172
- <sup>41</sup>LADO. p. 26
- <sup>42</sup>LANCHEC, Jean-Yvon. Psicolingüística e Pedagogia das Línguas. p. 63
- <sup>43</sup>LANCHEC. p. 61-63 - citando Van Overbeke.
- <sup>44</sup>LANCHEC. p. 60
- <sup>45</sup>Condições baseadas em O Bilingüismo em Castrolanda: aspectos sociais da aquisição da segunda língua. p. 41-42 - de Marringje K. Verburg - Dissertação de Tese - 1980



46 LANCHEC. p. 60

47 WEINREICH. p. 140 e ss. e

VERBURG, Marringje K. Bilingüismo em Castrolanda. p. 43 e ss.

48 WACHOWICZ, Romão. A Saga de Araucária. p. 69

49 ROCHA NETO, Bento Munhoz da. In O Camponês Polonês no Brasil, de Ruy Wachowicz. p. 143

50 WACHOWICZ, Ruy. O Camponês Polonês no Brasil - citando Bodziak, Antoni Z - p. 174.

51 WACHOWICZ. p. 129

52 WOUK. p. 66

53 WOUK. p. 66

54 Menino entrevistado - Colônia Cristina

55 WEINREICH. p. 210

56 LADO. p. 26-27

57 WEINREICH. p. 167

58 KAWKA. p. 44 e 46

59,60,61 Informantes diversos

<sup>62</sup>LADO. p. 26

<sup>63</sup>KAWKA. p. 46

<sup>64</sup>VERBURG, MARRIGJE K. O Bilingüismo em Castrolanda aspectos sociais da aquisição da segunda língua. p. 48. Citando Bell, R. T. In Sociolinguistics: Goals, Approaches and Problems. p. 125.

<sup>65</sup>VERBURG. p. 45 |

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. História da Linguística. Tradução Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis, 1975. Vozes. 195 p.
- \_\_\_\_\_. Problemas de Linguística Descritiva. Petrópolis, 1978. Editora Vozes Ltda. 71 p.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo, 1978. Companhia Editora Nacional 439 p.
- CHURCHILL, Lindsey. Questioning Strategies in Sociolinguistics. Rowley Massachusetts, USA. Newbury House Publishers, Inc., 1978. 161 p.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de Gramática Histórica. Rio de Janeiro, 1974. Livraria Acadêmica. 357 p.
- DE GRÈVE, Marcel. Linguística e Ensino de Línguas Estrangeiras. / - e Frans Van Passel /. Tradução de Genieve Masuet. São Paulo, 1975. Pioneira. 201 p.
- DEESE, James. Psicolinguística. Tradução de Ruth Wallace de Garcia Paula. Petrópolis, 1976. Vozes. 146 p.
- DOROSZEWSKI, Witold. Gramatyka Opisowa Języka Polskiego z Ćwiczeniami. / - e Bronisław Wieczorkiewicz /. Warszawa, 1959. Zakłady Graficzne PZWS w Bydgoszczy. 272 p.

- FALSKI, Marian. Przewodnik Metodyczny do Elementarza I Ćwiczeń Elementarzowych. Warszawa. Państwowe Zakłady Wydawnictw Szkolnych, 1969. 200 p.
- FILIPAK, Paulo. Fastos da Sociedade União Juventus. Fasc. II. / - e João Krawczyk /. Curitiba, 1978. Gráfica Vicentina Ltda. 118 p.
- FISIĄK, Jacek. An Introductory English - Polish Contrastive Grammar. / - e Maria Lipińska - Grzegorek, Tadeuz Zabrocki /. Warszawa, 1978. Państwowe Wydawnictwo Naukowe. 258 p.
- GARDOLIŃSKI, Edmundo. Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1976. Grafosul. Universidade de Caxias do Sul. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. 136 p.
- GÓRAL, José Joaquim. Gramática Elementar da Língua Polonesa. Curitiba, 1953. Tipografia "LUD". 118 p.
- GRABOWSKI, Francisco. Memórias da Revolução Brasileira dos Anos de 1893 - 1894. Tradução de Ruy C. Wachowicz. In Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. v. 5. Curitiba, 1971. Gráfica Vicentina.
- GUÉRIOS, R.F. Mansur. A Língua Polonesa. In O Estado do Paraná. Curitiba, 1980.
- HALLIDAY, M.A.K. Language and Social Man. London, 1974. Schools Council Programme in Linguistics and English Teaching. Papers Series II. v. 3. Longman Group Limited. 72 p.

- HEMPEL, Antonio. Os Poloneses no Brasil. In Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. v. 7, Curitiba. Tradução de Francisco Dranka. Editora "Kurier Lwowski" - Lwów, 1893. Gráfica Vitória, 1973. p. 11-99.
- JODŹOWSKI, S. Zasady Pisowni Polskiej - I Interpunkcji ze Słownikiem Ortograficznym. Prasowe Zakłady Graficzne RSW "Prasa" Wrocław. 1972. 447 p.
- KAWKA, Mariano. Os Brasileirismos do Dialeto Polono-Brasileiro. Curitiba, 1982. 68 p. Dissertação. Mestrado. Universidade Católica do Paraná.
- KRAWCZYK, João. A Literatura Polono-Paranaense. In Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. v. 7. Curitiba. Gráfica Vitória, 1973. p. 101-122.
- KULA, Marcin. Cartas dos Emigrantes do Brasil. In Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. v.3. Curitiba. Gráfica Vicentina, 1977.
- LADO, Robert. Introdução à Linguística Aplicada. Tradução e Notas de Vicente Pereira de Souza. Editora Vozes, 1972. 2a. Edição. 178 p.
- LANCHEC, Jean-Yvon. Psicolinguística e Pedagogia das Línguas. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro, 1977. Zahar Editores. 143 p.
- MALMBERG, Bertil. A Fonética. Tradução de Oliveira Figueiredo. Lisboa. Oficinas Gráficas de Livros do Brasil. Coleção Vida e Cultura, nº 49. 195 p.

- . A Língua e o Homem - Introdução aos Problemas Gerais da Linguística. Tradução de M. Lopes. Rio de Janeiro, 1976. Editorial Nórdica Ltda, coedição especial com Livraria Duas Cidades - São Paulo. 182 p.
- MARTINET, André. Elementos de Linguística Geral. Tradução de Jorge Morais-Barbosa. Lisboa, 1978. Livraria Martins Fontes. Editora Ltda. 223p.
- MATTOS, Geraldo & BACK, Eurico. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. v.1. Curitiba. Editora F.T.D. S/A, 1972. 468 p.
- PRETI, Dino. Sociolinguística: os níveis de fala. São Paulo, 1975. Companhia Editora Nacional. 181 p.
- PRIDE, J.B. The Social Meaning of Language. London, 1971. Oxford University Press. 124 p.
- REVISTA. Municípios Brasileiros em Revista. Araucária, 90 anos. Editora e Publicidade S/C Ltda. Curitiba, 1980.
- ROSETTI, A. Introdução à Fonética. Tradução de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, 1974. Gráfica Europam Ltda. Coleção "Saber". 196 p.
- STAWINSKI, Alberto Victor. Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul (1875 - 1975). Porto Alegre, 1976. Editora La Salle/Universidade de Caxias do Sul/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. 255 p.

- TURBAŃSKI, Stanisław. Murici - Terra Nossa. Tradução de Thadeu Krul. Curitiba, 1978. Editora Gráfica Vicentina Ltda. 244p.
- VERBURG, Marringje K. O Bilingüismo em Castrolanda: Aspectos Sociais da Aquisição da Segunda Língua. Curitiba, 1980. Dissertação. Mestrado. Universidade Federal do Paraná. 140 p.
- WACHOWICZ, Romão. A Saga de Araucária. Tradução de Mariano Kawka. Curitiba, 1975. Gráfica Vicentina Ltda. 166 p.
- WACHOWICZ, Ruy Cristovam. As Escolas da Imigração Polonesa no Brasil. In Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. v. 1. Curitiba. Imprimax Ltda, 1970.
- \_\_\_\_\_. História do Paraná. Curitiba, 1977. Editora Gráfica Vicentina Ltda. 185 p.
- \_\_\_\_\_. O Camponês Polonês no Brasil. Curitiba, 1981. Gráfica Vicentina Ltda. 149 p.
- \_\_\_\_\_. Tomás Coelho - uma comunidade camponesa. Curitiba, 1976. Real Artes Gráficas Ltda. Prefeitura Municipal de Araucária. 114 p.
- WEINREICH, Uriel. Lenguas en Contacto - descubrimientos y problemas. Traducción de Francisco Rivera. Ediciones de la Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1974. 253 p.
- WOUK, Miguel. Estudo Etnográfico-Linguístico da Comunidade Ucraína de Dorizon. Curitiba, Projeto. 1981. 162 p.